



A
AUTOBIOGRAFIA
DO POETA-ESCRAVO
Juan Francisco Manzano

Organização, tradução e notas
Alex Castro

copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2015
tradução© Alex Castro
edição consultada Manuscrito original
primeira edição *Life of the Negro Poet*, 1840
edição Jorge Sallum
coedição Luan Maitan
revisão Iuri Pereira
preparação Luan Maitan
iconografia Claudia Regina
capa Ronaldo Alves
imagem da capa Ronaldo Alves
ISBN 978-85-7715-351-0
corpo editorial Adriano Scatolin,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Luís Dolnikoff,
Oliver Tolle,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

Meus trinta anos

Quando olho para o espaço percorrido
Desde meu berço, e todo meu progresso,
Estremeço e saúdo meu sucesso
Mais por terror que por amor movido.

Espanta-me o combate que eu, renhido
Sustentei contra a sorte vil e fria,
Se é que posso assim chamar a porfia
De um ser tão infeliz e mal-nascido.

Trinta anos há que estou vivo na terra.
Trinta anos há que, em gemedor estado,
Triste sina em todo lugar me assalta.

Mas nada é para mim a dura guerra,
Que em vão suspirar tenho suportado,
Se a comparo, oh Deus!, com o que me falta.

Juan Francisco Manzano

(tradução Pablo Zumarán)

De acordo com uma tradição possivelmente apócrifa, esse poema, ao ser lido em voz alta por Manzano durante um sarau literário, tanto teria emocionado os participantes que eles decidiram fazer uma coleta para comprar sua liberdade.

Prefácio.

A autobiografia do escravo cubano Juan Francisco Manzano, publicada pela primeira vez em inglês, em 1840, sob o patrocínio do abolicionista britânico Richard Robert Madden, é um documento extraordinário.

Em primeiro lugar porque, em um mundo ainda em larga medida iletrado, no qual o percentual de cativos letrados nas sociedades escravistas americanas não deve ter alcançado a ordem de 1%, os relatos autobiográficos de escravos africanos ou afrodescendentes, são testemunhos raros. Tais relatos começaram a ser elaboradas e publicados a partir de fins do século XVIII, avolumando-se e disseminando-se ao longo do século XIX pelo mundo anglofônico, incluindo os recém independentes Estados Unidos da América. Produzidos sob o incentivo do movimento abolicionista britânico e logo norte-americano, seu objetivo era chamar a atenção para a humanidade do escravo africano e sensibilizar a opinião pública para os horrores do tráfico de escravos e do próprio cativeiro. Não por acaso, o símbolo desse primeiro abolicionismo, de cunho humanitário e religioso, foi o medalhão em alto-relevo, produzido pelo famoso ceramista e abolicionista inglês, Josiah Wedgwood, mostrando um escravo ajoelhado, com os braços acorrentados erguidos em atitude de súplica, com o dístico “*Am I Not a Man and a Brother?*” (“Não sou um Homem e um Irmão?”). Esses relatos contaram-se na casa dos milhares e cerca de uma centena e meia deles mereceu publicação exclusiva em livros e panfletos próprios, com os demais circulando como parte de outras publicações. A autobiografia de Manzano foi uma dessas.

Em segundo lugar, a autobiografia de Juan Francisco é um documento extraordinário porque, que se saiba, é o único do gênero elaborado por um escravo latino-americano. Todo o resto dos relatos conhecidos foi produzido por ou a partir das experiências de cativos africanos e afrodescendentes que viveram na América do Norte e no Caribe. É verdade que a biografia de Mahommah Baquaqua, publicada em 1854, a partir de seu relato para o abolicionista norte-americano Samuel Moore, depois de sua fuga do cativeiro em uma estada do navio comandado por seu dono nos Estados Unidos, narra suas desventuras quando escravo em Pernambuco. Mas a parte

central do relato de Baquaqua diz respeito à sua captura na África e às condições do tráfico transatlântico. Conhecemos a parte brasileira de seus sofrimentos graças à tradução da biografia de Baquaqua feita pelo historiador norte-americano radicado no Brasil Peter Eisenberg, interrompida por sua morte prematura e publicada por sua colega Silvia Lara na *Revista Brasileira de História*, v. 8, nº 16, de 1988.

Finalmente, e talvez principalmente, o extraordinário da autobiografia de Manzano está em seu próprio título, *A autobiografia do poeta-escravo*. As palavras autobiografia, poeta e escravo, todas muito frequentes no século XIX, raramente, se não nunca, conjugaram-se em um mesmo vocabulário ficcional, poético, historiográfico e político. Essa foi a proeza que Manzano e sua escrita estiveram tão perto, e tão longe, de atingir. Tivesse vivido na sociedade norte-americana, atravessada pelo mais poderoso regime escravista moderno, mas também por um intenso e combativo movimento abolicionista, ele teria alcançado a notoriedade e o status do líder abolicionista negro Frederick Douglass, ex-escravo, evadido de uma *plantation* no Sul, autor de um dos ícones das *slave narratives*. Se não política, a notoriedade de Manzano teria sido certamente literária. Mas a história não foi assim.

Na sociedade escravista cubana, impermeável, como a nossa, ao abolicionismo até as décadas finais do século XIX e da própria escravidão, sua voz permaneceu aplastada. Antes de tudo, pela moderação emancipacionista de seus primeiros patrocinadores: os literatos da elite cubana, filhos da açucarocracia, que, na década de 1830, quiseram a impossível modernização de seu mundo desvencilhando-se, gradualmente, da escravidão, vista como óbice a essa modernização. Eles se encantaram com os versos de um escravo poeta, facilitaram a publicação de alguns deles e incentivaram-no a escrever sua autobiografia. Só um pouco depois, a autobiografia já escrita, compraram-lhe a liberdade. Mesmo assim, o relato de Manzano, já bastante editado, só foi publicado em inglês, depois de passar por novas edições do texto original. Sua publicação completa em Cuba teria que esperar até 1937.

Esse pálido e breve relato mostra o tamanho do recalque, para dizer o mínimo, a que foi submetida a voz de um escravo. Mas o silêncio não recaiu apenas sobre a vida. Recaiu também sobre sua voz poética, literária e seu

modo de escrever.

É desse silêncio eloquente que a edição primorosa de Alex Castro da autobiografia de Manzano em português nos fala. Em primeiro lugar, pelo trabalho de escavação das diversas versões que recebeu o texto ao longo do tempo, nas poucas vezes que foi publicado. Em segundo lugar, pela busca e pelo estabelecimento do texto dos manuscritos mais antigos e mais “autênticos”, ou menos mexidos, disponíveis. Para tudo isso, foi necessário um gigantesco e cuidadoso trabalho de pesquisa, que transparece na introdução e nas eruditas e esclarecedoras notas ao texto.

Isso feito, e bem feito, restou a decisão de como publicar o material. E é aqui que sobressaem a criatividade e a dedicação de Alex Castro. Criatividade e dedicação distantes e objetivas, como deve ser o trabalho do pesquisador, e, ao mesmo tempo, absolutamente empáticas, como igualmente deve ser o labor daquele que se sabe imerso na vida e na história, em especial dos oprimidos e dos esquecidos da História. Foi isso que Alex fez, ao ousar verter e buscar reproduzir para o português o espanhol idiossincrático de Manzano. Naquilo que versões publicadas anteriormente viram um defeito a ser corrigido, de ignorância e de mal domínio da língua, Alex viu a fala peculiar do poeta-escravo, que lhe marcava a vida assim como a escrita. Sem se intimidar, imaginou e colocou no papel o que seria o português de um Manzano brasileiro. Com enorme sucesso.

Como se tudo isso não bastasse, a edição ainda traz uma *tradução* da autobiografia, adaptada para a linguagem culta atual, mas, nem por isso menos rica. Essa versão certamente ajudará o leitor a se debruçar sobre a vida escravizada de Manzano. Uma vida que, além de Cuba, diz muito da nossa própria escravidão e de nossa história atual, ainda.

Ricardo Salles é professor de História Contemporânea na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com foco no século XIX. É autor, entre outros livros, de *Guerra do Paraguai, Escravidão e cidadania na formação do Estado* (1990), *Nostalgia imperial. Escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado* (1996) e *E o Vale era o escravo: Vassouras, século XIX, Senhores e escravos no coração do Império* (2008).

Apresentação.

1 A tradição abolicionista norte-americana

O livro *12 anos de escravidão*, de Solomon Northup, cuja adaptação cinematográfica ganhou o Oscar de Melhor Filme em 2014, é somente uma entre tantas narrativas autobiográficas escritas por pessoas escravizadas norte-americanas.

A campanha abolicionista, no Norte do país, estimulava que as pessoas recentemente saídas da escravidão, no Sul, escrevessem relatos sobre suas vidas.

Na América Latina, entretanto, nunca houve essa tradição.

A única narrativa autobiográfica latino-americana escrita por uma pessoa escravizada durante o seu cativeiro é a autobiografia do poeta afrocubano Juan Francisco Manzano.

No Brasil, que se saiba, não se escreveu nenhuma.

Se foi escrita, não chegou a nós.

2 A encomenda da autobiografia

Cuba, por volta de 1835.

Sob o patrocínio de um grupo de literatos, o poeta afro cubano Juan Francisco Manzano escreveu uma autobiografia sobre sua experiência no cativeiro. O manuscrito, depois de consideráveis revisões e reescrituras por parte de diversos membros do grupo, foi traduzido ao inglês e publicado em Londres, como parte dos esforços abolicionistas para acabar com a escravidão nas Américas.

Para Manzano, então ainda escravizado, a redação de sua autobiografia foi um empreendimento temerário, repleto de dificuldades práticas e políticas. O quanto falar? O quanto silenciar? O quanto aqueles homens brancos e ricos, aparentemente tão tolerantes, eram capazes de ouvir e aceitar? Sua autobiografia é um texto de lacunas gritantes, elipses conspícuas, entrelinhas prolixas. É necessária uma leitura cuidadosa para decifrar seus silêncios.

Uma antiga proprietária de Manzano, a Marquesa de Prado Ameno, e seu filho, Nicolás, ambos retratados com destaque na obra, ainda eram vivos quando a autobiografia foi escrita. Nicolás inclusive fazia parte da mesma sociedade literária que encomendou o trabalho.

Então, por um lado, os objetivos antiescravistas do grupo exigiam um documento que demonstrasse os horrores da escravidão; por outro, as vilãs de uma narrativa assim teriam necessariamente de ser as próprias pessoas do grupo e suas famílias, todas as quais possuíam pessoas escravizadas ou eram de alguma maneira dependentes da economia escravista.

A linha entre negociação e resistência é tênue. Até hoje, nos departamentos de História, debate-se onde começa uma e termina a outra (se tirar um cochilo em vez de moer cana era um ato de resistência da pessoa escravizada contra a produtividade do engenho... então, o que *não era* resistência?).

Para Manzano, essa linha tênue entre negociação e resistência não era um debate intelectual *a posteriori*, mas uma questão de vida ou morte a ser

encarada hoje: era uma navalha em cima da qual ele precisava andar, se equilibrar, dançar.

3 A autobiografia de Manzano hoje

Nos Estados Unidos, na Europa e na América Hispânica, existem diversas traduções, adaptações, edições críticas, artigos e teses sobre a autobiografia de Manzano.

Considerada uma precursora do *testimonio*, gênero literário que busca dar voz às populações subalternas, a autobiografia nos permite testemunhar o poder transgressor da palavra escrita e, mais ainda, seu impacto revolucionário na vida de uma pessoa até então silenciada.

A autobiografia é considerada um excelente documento histórico sobre a vida das pessoas escravizadas em Cuba no começo do século XIX.

Como a realidade brasileira era bastante parecida — monocultura do açúcar ou do café, leis de fundo católico, elite conservadora e cautelosa — a autobiografia também tem muito a nos ensinar sobre a nossa própria escravidão.

Sobre nossos avôs e avós que viveram no cativeiro.

4 A voz de Manzano

Manzano aprendeu a ler e escrever por conta própria, em um ambiente onde pessoas escravizadas surpreendidas nessa atividade eram punidas ou mortas. Naturalmente, seu domínio da norma culta é tênue.

Muitos literatos, na época e hoje, não resistiram à tentação de consertar sua prosa, melhorar seu estilo, reescrever seu texto — sem se dar conta de que estavam reproduzindo, no papel, a própria tirania senhorial que Manzano tanto sentiu literalmente na pele.

“Bastaria limpar o texto e libertá-lo de suas impurezas para que a maneira clara e tocante na qual Manzano relata seus infortúnios se revele em toda sua simplicidade”, escreveu um historiador literário.¹

Mas essa ideia de que existe uma narrativa límpida aprisionada sob as orações desconjuntadas, parágrafos ofegantes, sintaxe distorcida e ortografia idiossincrática de Manzano, essa noção de que o texto impuro precisa de um editor para torná-lo legível, aliás a própria negação da legibilidade da escrita original em seus próprios termos, são novos lanhos sempre renovados ao longo dos séculos.²

É como se Manzano nunca tivesse parado de apanhar.

A autobiografia é mais que seu conteúdo: a forma da escrita de Manzano é o melhor autorretrato que temos dele e sua maior contribuição à literatura. Seus erros de ortografia, gramática e sintaxe nos inspiram respeito: não são erros, mas sim marcas tão concretas e tão reais da escravidão quanto os lanhos de chicote em sua carne.³ Corrigi-los significa apagar sua trajetória, silenciar seu sofrimento, rasurar sua vida.

A narrativa de Manzano, hoje, não é mais difícil de ler do que autores como William Burroughs, Thomas Pynchon ou Lobo Antunes, mas muito mais recompensadora.

Manzano fez o sacrifício de escrever. Será que somos capazes de fazer o

sacrifício de ler?

5 A tradução da autobiografia

A presente edição da autobiografia de Manzano contém duas versões do mesmo texto, ambas bem diferentes, cada uma servindo a um objetivo: a tradução e a transcrição.

A primeira versão, chamada tradução, tem como principal objetivo ser o mais acessível possível a estudantes de nível médio e ao público geral.

Para tanto, o texto foi quebrado em parágrafos; a pontuação e ortografia, atualizadas; as construções mais truncadas, simplificadas.

Em relação à escolha de palavras, vocábulos fora de uso foram substituídos por sinônimos hoje mais comuns: *porfiado* > *teimoso*; *aparelho* > *sela*; *arreeiro* > *tropeiro*; *sucedeu* > *aconteceu* etc.

O texto em si não foi modernizado. Não foram usadas palavras ou expressões que já não fossem de uso corrente no português da época em que a autobiografia foi escrita, por volta de 1835.

Para simplificar a leitura, muitas explicações (dadas em notas de rodapé na transcrição) foram ou omitidas ou incorporadas ao texto.

Dois exemplos:

Omissão: Manzano frequentemente andava de *volante*, um tipo de cabriolé caribenho da época. Na *transcrição*, usou-se sempre a palavra *volante*, com uma nota explicativa sobre o tipo de carruagem que era e sua importância cultural como símbolo de status. Na *tradução*, simplesmente substituiu-se todas as ocorrências da palavra *volante* por *carro*, o termo padrão utilizado no português da época para todos esses tipos de veículo.

Incorporação: Manzano escreve que era tratado “como um menino” por sua senhora. Na *transcrição*, uma nota explicativa revela que, na época, *menino* era palavra que só se referia a pessoas brancas. Na *tradução*, para evitar mal-entendidos, simplesmente se escreveu: “me tratava como um sinhozinho”.

6 Uma ressalva à tradução

Mestras como John Beverly e Gayatri Spivak já alertaram: por detrás da boa-fé da intelectual solidária e comprometida ajudando a dar voz à pessoa em posição subalterna, está a construção literária neocolonial de um “Outro” com o qual não podemos nos comunicar, poupando-nos assim da ansiedade que nos causa o fato concreto da diferença, e reafirmando a naturalidade da nossa situação receptiva.

Em outras palavras, sim, trazer o texto de Manzano à norma culta simplificada do português significa, ao mesmo tempo, colocá-lo na posição de “outro” que não consegue falar por si próprio e, também, colocar a nós mesmas na cômoda posição de pessoas leitoras normativas e normalizadas para quem a fala do “outro” deve se adequar para poder ser consumida com mais conforto.

Para mim, apaixonado que sou pela voz de Manzano, corrigi-la e sanitizá-la foi uma experiência penosa. A última coisa que eu gostaria de fazer seria corrigir e sanitizar a prosa de Manzano.

Entretanto, infelizmente, para que o texto possa ser publicado por uma grande editora, ter distribuição nacional, ser adotado em escolas, atingir o público jovem, era inevitável que fosse adaptado à norma culta da nossa língua.

O que peço às pessoas leitoras é: depois de ler a tradução e tomar assim conhecimento dos *fatos* e *eventos* da vida de Manzano, leiam então a transcrição.

Os *fatos* concretos da escravidão estão disponíveis em qualquer livro didático. Sabemos que as pessoas escravizadas eram separadas de suas famílias, que eram exploradas e torturadas, que morriam cedo. Sabemos que isso aconteceu com milhões e milhões de pessoas, que eram tão únicas e inteligentes, capazes e sensíveis quanto nós.

Mas saber não basta.

A dádiva que Manzano nos oferece — nesse texto cuja existência e sobrevivência são dois pequenos milagres — é a oportunidade única de *experimentar a voz* de uma dessas pessoas.

Não basta apenas *conhecer os fatos e eventos* da vida de Manzano (e de uma pessoa escravizada): é preciso *entregar-se à sua voz, aprender seu ritmo, mergulhar* na sua experiência.

7 A transcrição da autobiografia

A segunda versão da autobiografia, chamada *transcrição*, tem como principal objetivo ser o mais fiel possível à voz de Manzano, à sua sintaxe, à sua escolha de palavras, ao ritmo de suas frases, à sua pontuação idiossincrática.

Paradoxalmente, para isso, foram necessárias criatividade literária e interferência ficcional (na verdade, é da natureza da literatura em ficção se utilizar do artifício e da mentira para transmitir verdades mais verdadeiras do que seria capaz a própria verdade. Vale a pena lembrar que eu, a pessoa responsável por essa edição, sou antes de tudo um autor de literatura. Um romancista. Um mentiroso).

Para tentar transmitir à pessoa leitora brasileira uma experiência o mais próxima possível à de ler Manzano no original, foi necessário criar desvios da norma culta e idiossincrasias verbais em português que fossem similares, e na mesma proporção, que no espanhol escrito por ele.

Ou seja, na prática, se criou a voz de um *Manzano lusófono fictício*, com os desvios da norma culta que ele *teria* cometido se tivesse crescido e aprendido a escrever como uma pessoa escravizada no Brasil de princípios do século XIX.

No final do livro, estão detalhadas as várias escolhas artísticas e decisões literárias que guiaram a criação da voz do *Manzano lusófono fictício*.

A transcrição foi composta com a ajuda inestimável do meu amigo, o músico e tradutor Pablo Zumarán.

8 Como ler Manzano

A melhor maneira de extrair sentido de um texto marcado por forte registro oral e pontuação muito irregular é *lendo-o em voz alta*.

Assim, construções antes confusas subitamente farão sentido, os sujeitos vão se atrelar aos verbos corretos e as pausas intuitivamente se revelarão.

Nosso desafio, como pessoas leitoras, é suspender os hábitos adquiridos de leitura silenciosa, abraçar a oralidade da prosa manzaniana e permitir que o texto fale em seus próprios termos.

Quebrar a normatividade de nosso modo de leitura tradicional pode ser difícil, mas a recompensa será experimentar os diferentes caminhos que a literatura em prosa poderia ter seguido se o advento da pontuação não tivesse restringido a diversidade textual.⁴

Toda linguagem, mesmo quando opressora, é sempre dialógica: se lermos com cuidado, as brechas cavadas pela fala e pela prática das pessoas oprimidas nos permitem ouvir até mesmo quem não tem voz. Nesse sentido, o esforço de oralidade que estou propondo é bem mais do que um exercício de autenticidade:

É um exercício de alteridade.⁵

9 As notas

O texto de Manzano fala por si só.

Entretanto, para que a pessoa leitora brasileira possa aproveitar ao máximo a experiência, foram incluídas copiosas notas explicativas, para apresentar o vocabulário exótico, expor o contexto histórico cubano e chamar atenção para detalhes importantes que poderiam passar despercebidos.

Recomendo fortemente que leiam as notas.

Ao tomar contato com um texto de outra cultura, de outra época, de outra língua, é muito difícil captar todas as nuances sem ajuda externa.

Recuperando um exemplo já citado: no texto manzaniano, sempre que se fala em *menino*, se quer dizer *menino branco*, e sempre que se fala em *moleque*, se quer dizer *menino negro escravo*.

Sem essa importante informação, disponível nas notas, a pessoa leitora brasileira pode não entender a distinção crucial que Manzano está fazendo em uma frase como: “*A Sinhá D^{na}. Joaquina me tratava como menino ella me vestia penteava e cuidava q^e. eu não me rosace com os otros negrinhos*”.

10 O texto consultado

Na Sala Cubana da Biblioteca Nacional José Martí, em Havana, existem duas versões manuscritas da autobiografia de Juan Francisco Manzano.

A primeira está em uma caligrafia refinada que não era a de Manzano,⁶ perfeitamente passada a limpo, sem correções ou rasuras de qualquer tipo, e segue as normas cultas do espanhol da época em termos de ortografia e pontuação.

O outro manuscrito, autógrafo, ou seja, na caligrafia de Manzano, faz uma brava tentativa de seguir a norma culta, mas sem grande sucesso.

A ortografia e a sintaxe são idiossincráticas e a pontuação, quase inexistente. Nas primeiras páginas, existe uma preocupação em quebrar parágrafos e corrigir o texto, rasurando ou acrescentando trechos, mas em breve, talvez na empolgação da escrita, isso tudo é esquecido e a narrativa avança desabalada até o *cliff-hanger* final.

Preferi trabalhar com o segundo manuscrito, provavelmente mais próximo às intenções de Manzano.

Entretanto, vale a pena ressaltar que algumas das rasuras e dos acréscimos desse manuscrito parecem ter sido feitas por outras pessoas. Além disso, também é possível que Manzano tenha produzido uma versão posterior da autobiografia, corrigida e melhorada, mais próxima às suas intenções do que o manuscrito utilizado por mim, que talvez tenha sido apenas um rascunho.

Em se tratando de textos antigos, especialmente escritos por pessoas em posição subalterna, só o que temos são conjecturas. Com base nelas, fazemos o melhor trabalho possível.

A transcrição integral do manuscrito, assim como fotos de todas as 53 páginas, pode ser consultada no site:

<juanfranciscomanzano.com>.

11 Sobre um uso da língua menos sexista e mais humano

Em uma tentativa de alcançar uma linguagem menos sexista e mais humana, o *meu* texto (na introdução, nas notas e nos apêndices) não presume o masculino como gênero neutro; abusa da palavra “pessoa” sem medo de repetições estilísticas; e prefere a expressão “pessoa escravizada” e não “escravo”, tanto para des-masculinizar e des-objetificar a palavra, quanto para enfatizar que o “escravo”, antes de tudo, era uma pessoa como eu e você, de qualquer sexo, gênero ou identidade, que foi forçosa e violentamente escravizada.

Por isso, algumas frases podem soar estranhas ou parecer desastradas, mas isso é somente o treino sexista que impusemos aos nossos ouvidos. Que o incômodo seja uma oportunidade de aprendizado.

12 Uma missão impossível

A autobiografia de Juan Francisco Manzano, mais do que tudo, nos apresenta um herói inteligente diante de uma tarefa impossível: como denunciar a escravidão sem ofender as pessoas escravocratas?

Em jogo, sua vida e sua liberdade.

Para descobrir o que aconteceu, é só continuar virando as páginas.

Alex Castro

Calle E, e/Calzada y Línea, El Vedado, La Habana, abril de 2014.

[1](#)

Ureña, 184–5.

[2](#)

Molloy, 54.

[3](#)

Vitier.

[4](#)

Willis, 202–5.

[5](#)

Essa última observação é de Ricardo Salles, ao ler uma versão preliminar desse texto.

[6](#)

Provavelmente, de Anselmo Suárez y Romero, um dos membros da mesma sociedade literária que libertou Manzano, e que copiou e corrigiu a autobiografia em 1839.

Parte I
A autobiografía de Juan Francisco
Manzano

S.^{ra} D.^{na} Beatriz de Justia Marquessa Justia de J.^{ta}
esposa del S.^{or} D.ⁿ Juan Manzano, tenia quito de c.
2 q.^o iba a su famosa aranda el Molino ^{de} Tomaba la
onitas criollos, cuando eran de diez a once años; ha
conigo y dandole una educacion conforme a su es-
conclusion, estaba ^{siempre} su casa ^{siempre} abastecida de es-
ritualidad en todo lo necesario p.^o el servicio de ella
siendose de este modo notable la falta de diez o cuatros q.
fuesen aptos p.^o sus ^{propias} dolencias o libertades. etc. entre de
dar fue una M.^a del Pilar Manzano, mi madre,
serviuo de la mano de la S.^{ra} Marquessa Justia en
ayor edad, ~~era~~ era una de las criadas de ^{distinta}
o de atencion o de razon como quiera q.^o se llamasen
^{tambien en ella} esta senora p.^o costumbre de puer del eximero ca-
aba a estas sus tierras y tierras q.^o el dia q.^o se que-
na casar, como fuera con algun otrozans libre, se da-
libertad en donas ^{equipandola} del todo como si fu-
na otra hija ^{propia} un q.^o perdiese p.^o era todo el favor y
ion de su casa ^{siendose} extensiva hasta sus hij-
ros (muchos ejemplos ^{que a tar} hay q.^o ^{de este modo} ^{salir} ^{de} ^{esta} ^{casa} ^{en} ^{la} ^{cas} ^{no} ^{nasian} ^{los} ^{hijos} ^{de} ^{estos} ^{matrimo}
siyendo este orden de cosas se fueron ^{menoscaban}
ron numero de ^{siyella} florida servidumbre p.^o di-
aridenter y sigui vino a ser M.^a del Pilar el todo
mano de la S.^{ra} Marquessa J.^{ta} ^{y como tambien} Abiendole tenido la suer
este estado de ser casar a la S.^{ra} Condesa de Buena
y a la S.^{ra} Marquessa de Prado Ameno vino p.^o
asuehidos a cizar al S.^{or} ~~esta~~ D.ⁿ Manuel de Carde-
manzano; pero no al pocho; pues abiendo enferm

Primeira página do manuscrito autógrafo da autobiografia de Juan Francisco Manzano, disponível na Biblioteca Nacional José Martí, em Havana.

Tradução.

A Senhora Dona Beatriz de Jústiz, Marquesa Jústiz de Santa Ana, esposa do Senhor Dom Juan Manzano, sempre que ia para sua famosa fazenda El Molino, gostava de pegar as crioulas mais bonitas, quando tinham entre dez e onze anos, e dar-lhes uma educação de acordo com sua classe e condição. Assim, sua casa estava sempre cheia de criadas instruídas em tudo o que era necessário para o serviço. Por isso, não chamava atenção a falta de três ou quatro que não estivessem aptas, por idade, doença ou liberdade.

Entre as escolhidas, estava uma María del Pilar Manzano, minha mãe, que, entre as mucamas da velhice da Senhora Marquesa Jústiz, era uma das criadas de distinção ou de estimação ou de confiança, como queira que se chame. Tinha também aquela senhora o costume, depois do esmero com o qual criava essas suas servas, que o dia em que uma queria casar, por exemplo com algum artesão livre, ela lhe dava a liberdade como dote, equipando-a de tudo como se fosse sua própria filha, sem que ela perdesse assim o favorecimento e a proteção da casa, que se estendia até aos filhos e aos maridos (do qual há muitos exemplos para citar).

Deste modo, no entanto, acontecia que não nasciam na casa os filhos de tais casamentos. Seguindo essa ordem das coisas, foi se reduzindo o número daquela viçosa criadagem, por diversos acidentes, e veio a ser María del Pilar tudo o que a Senhora Marquesa tinha de criada e, como teve a sorte de nesse estado ver casar a Senhora Condessa de Buena Vista e a Senhora Marquesa de Prado Ameno, veio por um acaso criar o Senhor Dom Manuel de Cárdenas y Manzano; mas não ao peito, pois havendo se adoentado sua ama de leite, a parda livre Catalina Monzón, seguiu ela a criação com todas as dificuldades que se inferem em um menino que deixa um peito e não quer tomar outro.

Enquanto ela vencia todos os obstáculos da criação, nasceu o Senhor Dom Nicolás, irmão dele, e se verificou o casamento de Toribio de Castro com María del Pilar, a quem devo meu ser, saindo eu à luz no ano...

Como eu já disse, não havia nascido ninguém na casa. Minha ama, a Senhora

Marquesa Jústiz, já senhora de idade, me tomou como um tipo de entretenimento e dizem que eu ficava mais nos braços dela do que nos de minha mãe, que, com todos os direitos de uma mucama e de uma meio ama de leite, havia se casado com o criado-mor e dado à sua sinhá um crioulo que ela chamava de “o sinhozinho de sua velhice” (ainda vivem algumas testemunhas dessa verdade). Cresci ao lado de minha sinhá sem me separar dela mais do que para dormir, pois nem ao campo ela viajava sem me levar no carro.

Com diferença de horas para um e de dias para o outro, nasci contemporâneo ao Senhor Dom Miguel de Cárdenas y Manzano, e ao Senhor Dom Manuel O’Reilly, hoje Conde de Buena Vista e Marquês Jústiz de Santa Ana. Ambas as famílias viviam na grandessíssima e belíssima casa contígua à grua do porto, dividida somente por algumas portas que separavam os quartos, pois eram três grandes casas reunidas em uma. Até seria ocioso contar o quanto andaria traquinando eu no meio da tropa de netos de minha sinhá, e um bocado melhor apresentável do que merecia, graças aos favores que me dispensava minha sinhá, a quem eu também chamava de minha mamãe.

Já tinha eu seis anos quando, por ser esperto em demasia e mais do que todos, me enviaram à escola na casa de minha madrinha de batismo, Trinidad de Zayas. Às doze e também no meio da tarde, me traziam para que minha sinhá me visse. Ela evitava sair até que eu chegasse, pois, quando não vinha, eu derrubava a casa toda, chorando e gritando, e era preciso nesse caso apelar para a sova que ninguém se atrevia a me dar, porque nem meus pais se achavam autorizados para isso, e eu, sabendo desse fato, se me faziam tal coisa, os acusava.

Ocorreu uma vez que estando eu muito teimoso, meu pai me sacudiu muito forte. Minha sinhá soube e foi o bastante para que ela não o quisesse ver durante muitos dias, até que, por instância de seu confessor, o padre Moya, religioso da ordem de São Francisco, ela lhe devolveu a graça depois de conseguir o padre apelar aos direitos de pai que sobre mim lhe correspondiam e aos dela, como de ama, ocupando o lugar de mãe.

Na idade de dez anos, eu repetia de memória os mais compridos sermões do Frei Luis de Granada, e o numeroso grupo que visitava a casa em que nasci me ouvia declamar aos domingos, quando eu chegava de aprender a Santa

Missa com minha madrinha, pois embora na nossa casa também houvesse missa, não me permitiam ouvi-la ali por causa das brincadeiras e distrações com os outros moleques escravos.

Tinha já dez anos quando fui instruído sobre religião, tanto quanto podia me instruir uma mulher. Eu repetia todo o catecismo de memória, assim como todos os sermões do Frei Luis de Granada, e ainda sabia muitos relatos, loas e interlúdios, compunha bem, sabia montar peças musicais: me levaram para a ópera francesa e vim parodiando algumas. Por causa disso, embora fosse mais pelos sermões, meus pais recebiam uma porção de gorjetas que eu recolhia na sala.

Passando por cima de outros pormenores ocorridos nos dias em que devia receber o batismo, me aterei unicamente ao agradável, pois agora vou correndo por um jardim de belíssimas flores, uma série de felicidades. Fui à igreja envolto no mandrião com que foi batizada a Senhora Dona Beatriz de Cárdenas y Manzano, celebrando-se com harpa tocada por meu pai, e com música de clarineta e flauta. Quis minha sinhá marcar este dia com um de seus arroubos de generosidade, coartando meus pais e deixando-os em trezentos pesos cada um, e eu deveria ter sido tão feliz, mas que seja.

Contava eu sete ou oito anos, quando me perguntavam que ofício tinha, e não havia um que eu dissesse que ignorava saber. Parece que eu via os dias que me aguardavam no porvir. Na carreira de minha vida, já chegava o momento em que minha ama foi se desapegando de mim para colocar-me em um ofício, como de fato se verificou. Tendo uns dez anos, me puseram de pupilo com meus padrinhos, tomando já as primeiras lições de alfaiate por meu pai.

Na época, a Senhora Marquesa Jústiz viajava com frequência a sua fazenda El Molino. Minha mãe se mostrava extremamente fecunda, pois já tinha eu um irmão que veio depois de mim, e outra chamada Blasa, que morreu do mal e não sei por que espécie de graça nasceu livre. Meu pai lamentava que, se as coisas acontecessem tal como combinado, ele estaria satisfeito:

“Meus dois filhos varões estão vivos e os outros dois ventres malograram.”

Mas aquela bondosíssima senhora, fonte inesgotável de graças, tornou a renovar um documento oferecendo a liberdade ao outro ventre, nascesse o

que nascesse. E nasceram gêmeos, varão e fêmea. Houve nisto algumas divergências, mas a substância do documento fez com que um tribunal desse a liberdade aos dois, porque ambos formaram um único ventre (a fêmea ainda vive). Por este motivo, meus pais ficaram em El Molino, cuidando da casa.

Quando deste acontecimento, a Marquesa Jústiz já havia falecido, na mesma fazenda. Ao saber da notícia, todos os seus filhos vieram e assistiram-na até o último momento. Eu me achava na ocasião como pupilo em Havana, mas enviaram um carro à Senhora Dona Joaquina Gutiérrez y Zayas e ela se apresentou na casa de minha madrinha e me requisitou da parte de minha sinhá e, logo em seguida, se pôs a caminho comigo para Matanzas, onde chegamos no segundo dia, lá por uma da manhã.

Esta época, de tão remota, não está bem fixa em minha memória. Só me recordo que minha mãe e a Senhora Dona Joaquina e o padre estivemos em fila em seu quarto, ela com sua mão em meu ombro. Minha mãe e Dona Joaquina choravam e não sei do que falavam. Saímos dali, fui brincar e só me lembro que, na manhã seguinte, a vi estendida em uma cama grande e gritei e me levaram aos fundos da casa, onde estavam as demais criadas enlutadas. A noite toda, a negrada da fazenda, soluçando, rezou o rosário. Eu chorava mares e me separaram, entregando-me a meu pai.

Passados alguns dias, ou tempos, partimos para Havana e a mesma Senhora Dona Joaquina me conduziu à casa de minha madrinha, onde logo soube que era ali que me havia deixado minha sinhá. Alguns anos se passaram sem que eu visse meus pais e creio que não me engano em dizer que foram cinco anos, pois me lembro que, tendo vivido muito tempo com minha madrinha na Rua Nova do Cristo, eu já costurava e ia aos exercícios militares com meu padrinho, Javier Calvo, que era primeiro-sargento de seu batalhão, e nos mudamos para a Rua do Inquisidor, no solar do Senhor Conde de O'Reilly.

Vi o famoso batismo do Senhor Dom Pedro O'Reilly e o vi de roupinha de bebê andando sozinho pela casa. Tudo isto sem eu saber se tinha amo ou não. Eu já vestia meu sobretudo de seda e entrava e saía da casa como um dos amos, sem que ninguém me pusesse obstáculo.

Creio que tinha eu pouco mais de doze anos quando algumas antigas criadas da casa, desejosas de me ver e fazendo insistências à minha madrinha,

conseguiram dela que me mandasse de visita à casa de minha sinhá, a Marquesa de Prado Ameno, o que se verificou em um domingo. Me vestiram de branco, com meu casaquinho de seda e calças bordadas. Nem cheguei à casa e todas me carregaram, outra me levou pela mão para cá e para lá, me exibindo, até que me conduziram ao quarto da sinhá, dizendo-lhe quem eu era.

Não sei dizer o que aconteceu, mas o certo é que no dia seguinte minha sinhá mandou um criado me buscar e estive brincando o dia todo, mas, de noite, quando eu quis voltar à casa de minha amada madrinha, não me levaram. Ela foi me buscar e eu não fui. Me lembro porque dali a alguns dias me fizeram muitos macacões listrados, dos curtos, e alguma roupinha branca para quando eu saísse com a farda de pajem; para os dias de festa, um vestido; calça larga de granada, guarnecida de cordão de ouro; jaquetinha azul-marinho sem gola, guarnecida do mesmo morrião de veludo negro galonado, com plumagem vermelha e ponta negra, duas argolinhas de ouro à francesa e alfinete de diamante.

Com estas e outras, logo me esqueci de minha antiga vida recolhida. Os teatros, passeios, saraus, bailes até de manhã e outras romarias me tornaram a vida alegre e nada sentia ter deixado a casa de minha madrinha, onde apenas rezava, costurava com meu padrinho e, aos domingos, brincava e falava com alguns bonecos, sempre sozinho. Depois de alguns dias, tive por lá a mesma sinhá Dona Joaquina, que me tratava como um sinhozinho: ela me vestia, me penteava e cuidava para que eu não me roçasse com os outros negrinhos.

Da mesma mesa, tal como no tempo da Senhora Marquesa Jústiz, me davam meu prato, que comia ao pé de minha sinhá, a Marquesa de Prado Ameno. Toda esta época passei longe de meus pais.

Quando tinha doze anos, já havia composto muitas poesias de memória, porque meus padrinhos não queriam que aprendesse a escrever. Eu as ditava de memória, em particular a uma jovem morena chamada Serafina. Através de cartas em versos, mantínhamos uma correspondência amorosa.

Desde meus doze anos, dou um salto até a idade de catorze, deixando em seu intermédio algumas passagens em que se verifica como minha fortuna era instável. Se notarás na relação citada que não há épocas fixas. Eu era

demasiadamente jovem e só conservo algumas ideias vagas, mas a verdadeira história de minha vida começa em 1809, em que a sorte começou a vir contra mim em grau de maior furor, como veremos.

Por qualquer travessura própria de rapaz, sofria eu trancado em uma carvoeira de chão de terra, por mais de vinte e quatro horas, sem ter com o que me cobrir. Eu era extremamente medroso e gostava de comer. Em meu calabouço, mesmo na maior claridade do dia, era preciso uma boa vela para enxergar qualquer objeto. Aqui, depois de levar açoites, eu era trancado com ordem e pena de grandes castigos para quem me desse até uma gota de água. O que ali eu sofria, afligido pela fome e pela sede, atormentado pelo medo, em um lugar tão soturno quanto distante da casa, em um quintal junto a uma cavaliça e a uma lixeira fedorenta e evaporante, e a uma latrina infecta, úmida e sempre pestífera, do qual só estava separado por umas paredes cheias de furos, ninho de ratazanas disformes que, sem cessar, me passavam por cima.

Tanto se temia nesta casa a tal ordem que ninguém ninguém se atrevia a me dar nenhuma migalha, embora houvesse oportunidade. Minha cabeça ficava cheia das histórias de coisas ruins de outros tempos, de almas penadas e encantamentos dos mortos, que quando saía um tropel de ratos fazendo barulho me parecia ver aquele sótão cheio de fantasmas, e soltava gritos pedindo em altos brados misericórdia. Então, me tiravam de lá e me torturavam com tanto açoite até não mais poder, e me trancavam outra vez, e escondiam a chave no quarto da Senhora.

Em duas ocasiões, se destacaram a piedade do Senhor Dom Nicolás e seus irmãos, introduzindo de noite um pouco de pão torrado por uma grade ou abertura na porta e, com uma cafeteira de bico longo, me dando um pouco de água.

Esta penitência era tão frequente que não passava semana em que não sofresse este tipo de castigo duas ou três vezes. No campo, tinha sempre martírio igual.

Atribuo minha pequenez de estatura e a fraqueza de minha natureza à amargosa vida que tenho desde os treze ou catorze anos. Sempre magro, fraco e extenuado, trazia em meu semblante a palidez de um convalescente,

com enormes olheiras.

Não é de se estranhar que, sempre faminto, eu comesse o que encontrava e, por isso, me olhavam como se fosse o mais glutão. Não tendo horários regulares de refeições, eu comia vorazmente, engolindo a comida meio inteira, que assim me causava indigestões frequentes, pelo que, indo fazer certas necessidades, com frequência me tornava merecedor de outros castigos. Meus delitos comuns eram não atender à primeira vez que me chamassem ou deixar de ouvir alguma palavra, no momento de alguém me dar um recado.

Como tinha uma vida tão angustiada, sofrendo quase diariamente a quebra do nariz até jorrar por ambos orifícios jorros de sangue, quebra em cima de quebra, era só alguém me chamar e já me vinha um tremor tão grande que quase não conseguia me manter sobre as pernas. Não poucas vezes sofri vigorosos açoites da mão de um negro porque supunham que isso era fingimento. Não calçava sapatos, apenas quando saía de pajem.

Desde a idade de treze ou catorze anos, a alegria e a vivacidade do meu temperamento, e a tagarelice dos meus lábios (chamados de “bicos de ouro”), se transformaram todas em certa melancolia, que com o tempo se fez minha característica. A música embelezava as coisas mas, sem saber por quê, eu chorava. Eu gostava desse consolo e, quando achava ocasião de chorar, sempre buscava a solidão para dar longa renda aos meus pesares. Chorava, mas não gemia nem me apertava o coração, somente ficava em certo estado de abatimento incurável até de manhã.

Teria eu uns quinze ou dezesseis anos quando fui levado outra vez a Matanzas. Abracei meus pais e irmãos, e conheci os que nasceram depois de mim. O caráter seco e a honradez de meu pai, como estavam sempre em evidência, me faziam passar uma vida um pouco mais agradável. Não sofria os horríveis e contínuos açoites, nem as pancadas de mão que regularmente sofre um rapaz longe dos seus parentes, embora estivessem doendo sempre minhas infelizes bochechas e narinas...

Cinco anos passamos em Matanzas. Ao amanhecer, antes que alguém estivesse de pé, meu ofício era varrer e limpar o quanto conseguia. Concluída essa diligência, me sentava à porta de minha senhora para que, quando

despertasse, ela me achasse ali e, em seguida, para onde fosse ela, ia eu, como um cachorrinho, com meus bracinhos cruzados. Quando almoçavam ou comiam, eu cuidava de recolher tudo o que todos iam deixando e tinha a manha de engolir tudo antes que tirassem a mesa, porque, quando se levantavam, eu já saía de trás.

Chegada a hora da costura, eu me sentava à vista de minha sinhá, que costurava coisas de mulher e, por isso, sei fazer túnicas, camisolas, almocelas, colchões, marcar na holanda, cardar e costurar nessa fazenda, e fazer todos os tipos de guarnições.

Chegada a hora da aula de desenho, dada por um tutor que tinham os sinhozinhos Dom Nicolás e Senhor Dom Miguel, a sinhazinha Dona Concepción, minha sinhá e eu íamos também. Eu permanecia o tempo todo que durava a aula parado atrás do assento de minha sinhá. Todos desenhavam e Mr. Godfrey, que era o tutor, percorria todas as pessoas que desenhavam, aqui dizendo isso, ali corrigindo com o lápis de cera, lá arrumando outra seção. Assim, por eu o ver fazer, dizer, corrigir e explicar, me achei disposto a contar-me entre um dos tantos na aula de desenho.

Não me recordo qual dos sinhozinhos me deu uma lapiseira de bronze ou cobre, e um pedacinho de lápis de cera. Esperei que jogassem fora um desenho e, no dia seguinte, na hora da aula, depois de olhar um pouco, me sentei em um canto voltado para a parede e comecei fazendo bocas, olhos, orelhas, sobrolhos, dentes etc. Quando considerava ser a hora de cotejar os desenhos com as lições perante o diretor Mr. Godfrey, eu embrulhava minhas lições, as metia no bolso e esperava a hora em que se acabavam as duas horas de desenho. Desse modo, cheguei a me aperfeiçoar tanto que, tomando um desenho descartado mas inteiro, embora não muito perfeito (era uma cabeça com sua garganta que representava uma mulher desolada que corria com o cabelo solto e encrespado e batido ao vento, os olhos saltados e chorosos) eu o copiei tão fielmente que, quando concluí, a sinhá, que me observava cuidadosamente, fazendo-se de desentendida, me pediu e o mostrou ao diretor, que disse que eu daria um grande retratista e que seria para ele muita honra que algum dia eu retratasse a todos os meus amos. Desde então, no cantinho onde eu ficava meio deitado no chão, todos me jogavam desenhos de todas as aulas e, como estava nisso bastante avançado, compus uma

grinalda de rosas e muitas outras coisas.

Nessa época, tanto quanto em todas em que a servi, minha ama era entusiasmadíssima com a pesca e, de tarde e nas manhãs amenas, íamos até a margem do rio de San Agustín, na parte onde atravessa El Molino, procurar pesca. Eu punha a isca no anzol e ganhava o peixe que pegava. Mas, como a melancolia estava já instalada em minha alma e havia tomado em meu físico uma parte de minha existência, eu me sentava embaixo de uma guaxiúma, cujas raízes formavam uma espécie de pedestal, e me alegrava compondo alguns versos de memória, todos eram sempre tristes, que eu não escrevia por ignorar esse ramo. Por isso, sempre trazia um caderno de versos na memória e, por qualquer coisa, improvisava.

Soube minha sinhá que eu palavreava muito, porque os criados velhos de minha casa me rodeavam quando eu estava de bom humor e gostavam de ouvir minhas poesias, que não eram nem religiosas nem românticas, mas próprios produtos de minha inocência. Deu-se ordem expressa em casa para que ninguém falasse comigo, pois ninguém sabia explicar o gênero de meus versos, nem eu nunca me atrevi a recitar um, embora duas vezes isso tenha me custado uma boa surra.

Para praticar minhas coisas, que eu compunha de memória por carecer de escritura, eu falava sozinho, fazendo gestos e expressões segundo a natureza da composição. Era tal a torrente de falar que eu falava com a mesa, com o quadro, com a parede etc, e a ninguém dizia o que tinha comigo, e, por isso, somente quando podia me juntar com os sinhozinhos, eu lhes recitava muitos versos e lhes cantava contos de encantamento, que eu compunha de memória no resto do dia, cujo cantarzinho era todo alusivo à aflitiva imagem de meu coração.

Minha ama, que não me perdia de vista nem sequer dormindo, porque até sonhava comigo, havia de perceber algo.

Em uma noite de inverno, rodeado de sinhozinhos e criadas, me fizeram repetir um conto e ela se manteve oculta em outro quarto, atrás de umas persianas ou romanas. No dia seguinte, por uma ninharia, como se costuma dizer, em seguida de uma boa surra, me puseram uma grande mordaca e de pé em um banquinho no meio da sala, com uns dizeres atrás e diante de mim,

dos quais não me recordo, e severa proibição de que ninguém puxasse conversa comigo. E, quando eu quisesse ter uma conversa com alguém mais velho, deviam dar-me uma bofetada. De noite, devia ir dormir às doze ou a uma da madrugada a mais de doze quarteirões de distância, onde morava minha mãe. Eu era em extremo medroso e tinha que passar por esse infortúnio até nas noites mais chuvosas.

Com esse e outros tratamentos um pouco piores, meu caráter se tornava cada vez mais taciturno e melancólico. Eu não encontrava consolo mais do que deitado nas pernas de minha mãe, porque meu pai, de gênio seco, se deitava enquanto minha pobre mãe e meu irmão Florêncio me esperavam até a hora que eu chegasse. Esse último, embora estivesse dormindo, assim que eu encostava na porta e ouvia minha voz, acordava e vinha me abraçar, jantávamos juntos e íamos juntos para a cama.

Umaz febre terçã, que por pouco não me levam para a sepultura, me privaram de seguir minha sinhá para Havana e, quando me achei restabelecido, ninguém fará em dois anos o que fiz em quatro meses: me banhava quatro vezes por dia e, até de noite, corria a cavalo e pescava. Explorei todos os montes, subi todas as colinas, comi de quantas frutas havia nos arvoredos. Enfim, desfrutei de todos os inocentes gozos da juventude.

Nessa época pequeníssima, fiquei corpanzudo, lustroso e vivo. Mas, voltando ao meu antigo tipo de vida, minha saúde se aquebrantou e voltei a ser o que era.

Foi então que recebi, de um moreno, sem querer, uma pedrada na moleira, e me levaram logo para a cama, e foi tão grave que havendo aberto ou afundado o couro, apareceu parte do crânio. Essa ferida, havendo ficado aberta mais de dois anos, ainda hoje tem secreções durante um tempo. Eu era muito sanguíneo e de uma natureza tão débil que a mais leve sensação me causava uma extraordinária alteração de saúde que sempre se expelia por aquela parte aberta. Assim aconteceu que, havendo sido eu maltratado por todo o padecimento daquela pedrada, e depois de três dias em que não deixaram de me tratar, se criou sobre o crânio uma membrana negra, que foi preciso tenaz, estopa e água forte para queimá-la.

Era médico da fazenda Dom Sei-lá-o-quê Estorino, um senhor a quem eu

acompanhava à caça e à pesca, homem tão piedoso quanto sábio e generoso, que tomou a seu cargo minha cura e o cuidado dos meus alimentos, e me tratava com suas próprias mãos, até chegar ao ponto de eu não precisar mais que curativo. Eu lhe devo essa fineza, assim como muitas muitíssimas pelas quais lhe sou sumamente agradecido. Ele era o único que sabia olhar para minhas rapaziadas como feitos próprios de alguém daquela idade com uma imaginação travessa.

Me lembro uma vez de ter pintado uma bruxa dando uma ajuda a um diabo, ele com o rosto aflito e a bruxa, risonha. Essa lâmina causou grande riso a muitos, mas eu tive por mais de dois meses bastante motivo para chorar, porque meu pai, com a austeridade do seu caráter, me proibiu que pegasse em pincéis enquanto ele vivesse. Me tomou a caixinha de cores e a jogou no rio, quebrando a lâmina que lhe havia dado tanto riso.

Desde que pude fazer algo, meu primeiro destino foi ser pajem, tanto em Havana quanto em Matanzas. Desde minha remota infância, eu velava mais da metade da noite em Havana, nas noites de teatro, nos saraus na casa do Senhor Marquês de Monte Hermoso, ou na casa das Senhoras Beatas Cárdenas, de onde saíamos às dez e passeávamos até as onze ou doze da noite, depois de haver jantado, e em Matanzas, em dias marcados ou não marcados, comia-se na casa do Senhor Conde de Jibacoa, ou na do Senhor Dom Juan Manuel O’Farrill, e, onde quer que se fosse, íamos passar tarde e noite na casa das Senhoras Gómez, onde se reuniam as pessoas mais conhecidas e decentes do povoado para jogar partidas de baralho. Eu não podia sair de trás do espaldar do banquinho de minha sinhá até a hora de partir, que era geralmente à meia-noite, hora em que íamos para El Molino.

Se no meio do sarau eu dormia, ou se, ao ir atrás do carro, por acaso a lanterna se apagava, mesmo que fosse porque os sulcos que as carretas deixam se encham de água e, no cair da roda, espirravam, entrando pelos ornamentos da lanterna de folha de latão, chegando lá se mandava despertar o capataz ou administrador, e eu ia dormir no tronco. Ao amanhecer, exercia esse em mim uma de suas funções, e não como se eu fosse uma criança.

Mas o sono tem tanto domínio sobre o espírito humano que não passavam quatro ou cinco noites e se repetia, pois ninguém ninguém me valia, nem a minha pobre mãe. Mais de duas vezes, ela e meu irmão amanhecera me

esperando, enquanto eu, trancado, esperava um doloroso amanhecer. Já vivia minha mãe tão receosa que, quando eu não chegava mais ou menos na hora, descia de sua choça e chegando-se até a porta da enfermaria, que era onde estava o tronco, para ver se eu estava ali, ela me chamava:

“Juan.”

E eu lhe respondia, gemendo, e ela dizia:

“Ai, filho.”

Então, chamava seu marido da sepultura, pois nessa época meu pai já havia morrido. Três ocasiões, em menos de dois meses, me lembro ter visto repetir-se essa cena. Mas, para mim, a vez mais memorável foi a seguinte.

Estávamos saindo do povoado, e já era muito tarde. Eu vinha sentado como sempre, segurando uma barra com uma mão e, na outra, a lanterna. O carro vinha em um andar mais para lento do que para regular e caí no sono, de tal maneira que soltei a lanterna, mas tão bem que caiu de pé, uns vinte passos depois. Abri de repente os olhos, me vi sem a lanterna, vejo a luz onde estava, me atiro para baixo, corro para buscá-la. Antes de chegar, levei dois tombos, tropeçando nos terrões. Afinal, eu a alcanço. Quero correr atrás do carro, que já tinha uma vantagem considerável, mas qual não foi a minha surpresa ao ver que a carruagem apertou o passo. Eu me esforçava em vão para alcançá-la, mas desapareceu.

Já sabia eu o que havia de acontecer.

Chorando, fui a pé, mas quando cheguei perto da casa-grande, me vi agarrado pelo Senhor Silvestre, que era o nome do jovem capataz. Conduzindo-me até o tronco, nos encontramos com minha mãe que, seguindo os impulsos de seu coração, terminou aumentando meus infortúnios. Ela, ao me ver, quis me perguntar o que havia feito, quando o capataz, impondo-lhe silêncio, quis impedi-la. Sem querer ouvir nem rogos nem súplicas nem dádivas, irritado porque o tinham acordado àquela hora, ele levantou a mão e deu em minha mãe com o chicote.

Esse golpe eu senti em meu coração.

Dar um grito e converter-me de manso cordeiro em um leão, foi tudo uma coisa só.

Me soltei com um forte puxão do braço com que me segurava e pulei em cima dele com dentes e mãos.

Quantas patadas e chicotadas e demais golpes eu levei, pode-se adivinhar.

Minha mãe e eu fomos conduzidos e postos em um mesmo lugar. Os dois gemíamos juntos ali, enquanto meus irmãos Florêncio e Fernando choravam em casa. Um deles tinha uns doze anos e o outro, cinco (esse último serve hoje o médico Senhor Dom Pintado).

Nem bem amanheceu quando o capataz branco e dois contracapatazes negros nos pegaram, levando cada um dos morenos sua presa ao lugar do sacrifício. Eu sofri muito mais do que o ordenado, por ter sido tão atrevido, mas as sagradas leis da natureza trabalharam de maneiras maravilhosas.

A culpa de minha mãe foi que, vendo que me levavam para me matar, se atirou em cima e, ao chamar atenção para si, me deu oportunidade de ficar de pé.

Minha mãe foi posta no lugar do sacrifício pela primeira vez na vida, pois embora vivesse na fazenda, estava isenta do trabalho, pois era mulher de um escravo que soube se comportar e ser benquisto por todos. Vendo eu minha mãe nesse estado, suspensa pelas mãos e pelos pés, eu não conseguia nem chorar, nem pensar, nem fugir.

Eu tremia.

Enquanto isso, sem pudor, os quatro negros se apoderaram dela e a jogaram por terra para açoitá-la. Eu pedia a Deus por ela. Resisti a tudo, mas ao ouvir estalar a primeira chicotada, virei um leão, um tigre ou uma fera mais arrojada. Estive a ponto de perder a vida nas mãos do citado Silvestre, mas passemos em silêncio o resto dessa cena dolorosa.

Passado esse tempo, e outra multidão de sofrimentos semelhantes, nos mudamos para Havana. Depois de um ano sem minha sorte variar em nada,

estávamos para partir para Matanzas e era quando começaram a circular as moedas de Nosso Católico Monarca, o Senhor Dom Fernando VII.

Chegou um mendigo pedindo esmola, e minha sinhá tinha me dado uma moeda de uma peseta do novo cunho, mas tão nova que parecia recém-fabricada e o Senhor Dom Nicolás me havia dado, na noite anterior, uma outra peseta que estava em meu bolso. Uma vale o mesmo que a outra, disse eu, e, trocando-as, fui dar ao mendigo sua esmola.

Voltei a me sentar em meu lugar na antessala, atento para se me chamassem ou se minha sinhá necessitava de alguém, e logo em seguida, tirei minha peseta e fiquei, como um mico, dando-lhe giros e mais giros, lendo e relendo suas inscrições, quando, escapando-me da mão, a peseta caiu no chão, que como era de cimento e estava perto da porta e da janela, ao cair deu seu baque correspondente e tilintou.

Nem bem caiu e saiu minha sinhá. Me pediu a peseta e lhe dei. Ela olhou e virou um pimentão. Me fez entrar por seu quarto até a sala, me sentou em um canto, ordenando-me que não saísse dali. Nisso, minha peseta já estava em seu poder, reconhecida por ela como a mesma que me havia dado não fazia dois minutos.

Nesse momento, estava sendo descarregada a tropa de bestas de carga do engenho em Guanabo. Com tais provas, à vista dessa moeda fatal comparada com outras, não havendo dúvidas de ser a mesma que acabara de me dar, não quiseram mais provas. Pegaram uma muda de roupas de pano grosseiro para trabalho no campo e compraram a corda e a mula com as quais eu deveria ir embora.

Fiquei logo intimidado. Eu estava no lugar do castigo, estranhando que todos os sinhozinhos e sinhazinhas apareciam à porta chorando, e minha sinhá entrava e saía muito silenciosa, mas diligente. Depois, ela sentou-se e escreveu. Perguntei baixinho de meu irmão a uma sinhazinha e soube que ele estava trancado. Era perto das nove quando vejo entrar na casa o negro tropeiro, cujo nome não me recordo agora. Já havendo deitado ao chão uma corda grossa, ele se aproximou de mim, desdobrando a roupa de escravo de campo.

Eu, que esperava meu castigo comum, vendo o grande perigo que me ameaçava, fugi por outra porta, pois havia três.

Fiquei possuído. Corri até meu protetor, o Senhor Dom Nicolás, e descobri que, escondidos ali, todos choravam. A sinhazinha Concha me disse:

“Vai onde está papai.”

O Senhor Marquês gostava de mim. Eu dormia com ele, porque eu não roncava e, em seus ataques de enxaqueca, eu lhe dava água morna e lhe segurava a testa enquanto vomitava. Se esse mal, o único de que padecia, durava uma noite e parte do outro dia, eu não saía de sua cabeceira.

Assim, quando cheguei em seu escritório, foi tudo um relâmpago. Ele estava escrevendo para seu engenho e, ao me ver jogar-me aos seus pés, me perguntou o que era. Eu lhe disse, e ele me disse:

“Grande cachorro! Por que fostes roubar a peseta de tua ama?”

“Não, senhor”, repliquei, “foi o sinhozinho que me deu”.

“Quando?”, me disse.

“Ontem à noite”, lhe respondi.

Subimos todos. Perguntaram a ele, mostrando a moeda, e ele disse que não.

A verdade é que minha perturbação não me deixou fazer uma relação cabal que esclarecesse um fato tão evidente. Uma pergunta, com ameaças, os aspectos das roupas de trabalho de campo, um engenho tão temido, um tal de Simon Diaz, capataz cujo nome infundia terror na casa quando com ele se ameaçava, tudo se acumulou em minha pouca idade de dezesseis anos e eu não soube responder, só implorar e chorar.

O Senhor Marquês interveio e logo me conduziram ao calabouço. Quatro dias, com suas noites, fiquei ali, sem ver o término de minha prisão. Por fim, no quinto dia, perto das seis da manhã, abriram a porta. Em todo esse tempo não me alimentava senão com o que meu irmão e algum outro me davam por debaixo da porta. Tirado para fora, me vestiram com as roupas de escravo de

campo, trouxeram a corda nova e, sentado em uma caixa de açúcar, esperei o momento em que todos se reunissem para partir por mar para Matanzas, com todo o equipamento.

Meu irmão, ao pé da escada, me olhava com os olhos lacrimosos e inflamados, tendo embaixo do braço um casaquinho velho, que era meu, e seu chapuzinho de palha. Ele não havia parado de chorar desde que soube meu destino. Tínhamos tal amor, que não houve caso de ele comer meia laranja sem que eu pegasse parte igual e eu fazendo também o mesmo. Comíamos, brincávamos, saíamos para qualquer tarefa e dormíamos juntos. Essa união, de indissolúveis laços de amor fraterno, ficou arrasada, e não como outras vezes, somente por algumas horas, mas por algo mais do que eu nem ninguém se atreveu a imaginar.

Por fim, toda a família estava pronta. Me ataram para me conduzir como o mais vil facínora. Estávamos na porta da rua quando nos fizeram entrar. A Senhorita Dona Beatriz de Cárdenas, hoje Madre Purita no Convento de Freiras Ursulinas, foi a mediadora, para que ninguém visse saindo de sua casa em tal figura alguém por quem todos teriam compaixão, porque era um rapaz. Me desataram os braços e uma das criadas, contemporânea e conterrânea de minha mãe, me amarrou um lenço na cabeça, pois eu não usava calçado e nem chapéu. Nada mais tive que buscar.

Saímos na pequena escuna de propriedade de Dom Manuel Pérez e, fazendo vela, poucas horas depois navegávamos para Matanzas. Demoramos não sei por que dois dias e, no seguinte, ao amanhecer, fundeamos no porto aonde íamos. Assim que chegamos, meu irmão se apressou para entrarmos no bote.

Durante a navegação, meu irmão me deu uma muda de roupa que havia recolhido e que troquei assim que chegamos a bordo. Aquele traje, posto pela primeira vez em minha vida, deixava nós dois com a mesma aparência. Assim que chegamos em terra com as outras famílias, como éramos pequenos e não tínhamos o que carregar, devíamos ir todos para a casa do comandante do castelo, o Senhor Dom Juan Gómez, a quem eram endereçadas cartas com ordens acerca da família.

Nós, que, por um lado, nada sabíamos disso, e, por outro, tínhamos desejo de ver nossa mãe, quando entramos na rua do meio, na segunda embocadura,

dobramos dissimulados e, tomando a rua do rio, nos dirigimos a passo rápido para El Molino. Já que me vi desatado das cordas e, em todo esse tempo, ninguém sequer me havia olhado, nem perguntado por aquele traje em que fui tirado do barco, nem minha consciência em nada me fazia culpado, eu ia alegre e a passo rápido para chegar aos braços de minha mãe, a quem amava tanto que sempre pedia a Deus que me tirasse a vida primeiro, antes que me tirasse ela, porque não acreditava ter força o bastante para sobreviver a ela.

Chegando enfim e fazendo um curto cumprimento ao administrador, Mr. Dennis, sem lhe dizer quase nada, exceto que atrás vinha o resto da família, picamos o passo até dar com nossa mãe. Os três abraçados formávamos um grupo. Meus três irmãos menores nos rodearam, abraçando-nos nas coxas. Minha mãe chorava e nos mantinha apertados contra o peito e dava graças a Deus porque lhe concedia a graça de voltar a nos ver. Tudo isso em pé.

Não havia três minutos que estávamos nessa atitude quando, de repente, chega às portas o moreno Santiago, servente da casa, agitado, banhado de suor e colérico. Ele, sem cumprimentar aquela que o viu nascer e que o poupou de que meu pai muitas vezes lhe sacudisse o pó em seus dias de aprendizagem, lançando rudezas que nos surpreenderam a todos, me disse sem o menor aviso:

“Saia daqui pra fora, que vim correndo lá do povoado, deixando tudo entregue ao diabo. Quem te mandou vir?”

“E quem me disse para esperar?”, lhe disse eu, com uma espécie de raiva, achando que aquilo era coisa dele e não enxergando o tamanho do meu erro.

Ele me agarrou pelo braço, minha mãe lhe perguntou o que eu havia feito, e ele respondeu:

“Vosmecê já vai saber” e, pegando a corda de Havana, me atou e me conduziu para o tendal, onde já me esperava um negro a quem fui entregue. Tomamos o caminho do Engenho de San Miguel e chegamos a ele perto das onze horas. Tudo isso em jejum.

Abriu a carta que lhe enviaram e, com muita dificuldade, achou um par de grilhões para mim. Eu era tão magro, que foi muito difícil de fechá-los com

umas pedras. Para tirá-las de mim, foi necessário limá-las.

Pelas cartas dirigidas ao senhor comandante, eu devia ter sido conduzido por uma autoridade policial a esse engenho pelo caminho do rio Yumurí. Pela pressa que tivemos, resultou no que aconteceu.

Vinte e cinco chibatadas de manhã e outras tantas à tarde, pelo espaço de nove dias, e trabalhar no campo do pôr do sol ao nascer do sol, era o fundamento da carta. O capataz me interrogou e lhe disse a verdade sem rebuscos. Pela primeira vez, vi a clemência desse homem do campo e ele não me castigou. Eu me aplicava a todos os trabalhos e me esforçava o quanto podia para não levar as tais chibatadas, pois todos os dias me parecia que era chegada a minha hora.

Ao cabo de duas semanas, sem precisar da intercessão de padrinhos ou protetores, mandaram me buscar.

Em outra ocasião, me aconteceu um caso muito semelhante a esse, quando vivia no povoado, em frente à igreja, na casa do médico Senhor Estorino. Minha sinhá mandou trocar uma moeda de uma onça com o Senhor Dom Juan de Torres Filho, e eu fui trazê-la. Quando cheguei, me mandaram pôr o dinheiro, trocado em moedas de pesetas, em cima de uma mesinha de mogno no gabinete, das que estavam preparadas para o jogo de cartas. Depois de um tempo, a sinhá pegou o trocado sem contá-lo. Como eu tinha a tarefa de a cada meia hora pegar o pano e espanear todos os móveis da casa, estivessem ou não com pó, fui fazê-lo. Limpando uma mesa de meia folha, que fechava e abria, parece que na abertura do meio caiu uma peseta que, quando passei o pano, pulou para o chão e tilintou. Minha ama, que estava no quarto ao lado, ao ouvir, saiu e, perguntando por aquela moeda, eu lhe disse o que havia ocorrido. Contou então seu dinheiro e pensou que faltava. Pegou-o sem me dizer palavra.

O dia todo passou sem novidade mas, no dia seguinte, perto das dez, apareceu o capataz do Engenho San Miguel. Mandou me atar os cotovelos e, saindo pela frente, devíamos ir para o engenho. Então, eu soube que ela suspeitava que eu havia introduzido a peseta na fresta formada pela desunião das duas folhas da mesinha, porque queria ficar com ela.

O capataz, cujo nome nem sobrenome me recorde, ao chegar à rua do rio, na esquina oposta à casa meio terminada do Senhor Dom Alejandro Montoto, então cadete de milícias de Matanzas, apeou-se e, entrando na estalagem que ali havia, pediu almoço para ele e para mim e me consolou, dizendo-me que não me preocupasse. Depois de me haver desatado, enquanto eu comia, ele conversava com outro homem, também do campo, e me lembro que lhe disse:

“Seu pobre pai me suplicou e eu tive caridade. Também tenho filhos.”

Ao cabo de uma hora, nos levantamos. Ele me montou atrás da sela e chegamos ao engenho. Passei a tarde toda no trapiche de baixo e ele me mandou algo de comer do que ele comia. À noite, me entregou a uma velha que, por sua idade avançada, não saía para trabalhar, e ali fiquei coisa de nove a dez dias, quando minha sinhá me mandou buscar, sem que eu houvesse sofrido o menor quebranto.

Nessa época, meu pai era vivo (pois foi esse caso muito mais anterior ao precedente), e ele e algum outro criado me examinaram, e me perguntaram sobre isso, e eu lhes disse o que havia acontecido. Minha ama nunca acreditou que não era algum ardil meu, mas, por minha pronta volta e pelo pouco caso que o capataz fez de mim, creio que o tratamento que tive ali foi decisão sua.

Esse caso me aconteceu em tempos em que estive na Espanha o Senhor Dom José Antonio e foi a primeira vez em minha vida que vi um engenho. Depois, seguiram-se uma multidão de dissabores, todos sem motivos justos.

Um dia de indisposição era pra mim sinal de uma tempestade, e as indisposições eram tão frequentes que não dá para enumerar os incríveis trabalhos da minha vida. Basta-me dizer que, desde que tive conhecimento bastante da vida e até pouco depois de acabada a primeira constituição de 1812, quando me lancei a uma fuga, não acho um só dia que não esteja marcado por algum acontecimento choroso para mim.

Assim, saltando por cima de várias épocas e deixando para trás uma multidão de lances dolorosos, me atarei unicamente aos mais essenciais como fonte ou manancial de outras mil tristes vicissitudes.

Me lembro que uma vez, após quebrar o nariz, como tinha o costume quase diariamente, me disseram:

“Hei de te matar antes que chegues à idade.”

Essa fala, para mim tão misteriosa como sem sentido, me deixou tão impressionado que, ao cabo de alguns dias, perguntei à minha mãe e ela, admirada, me perguntou duas vezes mais e me disse:

“Mais pode Deus que o demônio, filho.”

Não me disse mais nada que satisfizesse minha curiosidade, mas certos conselhos de alguns criados antigos de minha casa nativa, todos unânimes e também de meus próprios padrinhos, todos unânimes embora um pouco diferentes, me deram alguma ideia dessa expressão.

Em outra ocasião, me recordo que, por sei lá que pequenez eu ia sofrer um castigo, mas um senhor para mim sempre bondoso e que me apadrinhava e me protegia como de costume, disse:

“Olha vosmecê que esse vai ser pior do que Rosseau e Voltaire, e lembre-se do que lhe digo.”

Essa foi outra expressão que me fez andar averiguando quem eram esses dois demônios. Quando soube que eram uns inimigos de Deus, me tranquilizei porque, desde minha infância, meus professores me ensinaram a amar e temer a Deus, pois chegava a tal ponto minha confiança que, pedindo ao céu que suavizasse meus trabalhos, passava a noite toda rezando certo número de pais-nossos e ave-marias a todos os santos da corte celestial, para que o dia seguinte não me fosse tão nocivo quanto o que terminava. Se me acontecia algumas de minhas dificuldades comuns e dolorosas, eu as atribuía somente à minha falta de devoção ou ao despeito de algum santo que eu havia esquecido em minhas preces para o dia seguinte. Todavia, creio que eles me concederam a ocasião e me protegeram na noite de minha fuga de Matanzas para Havana, como veremos, pois eu pegava o almanaque e todos os santos daquele mês eram rezados por mim, diariamente.

Vivendo na casa do Senhor Estorino, como já disse, que sabia algo de

desenho, eu pintava decorações em papel, figuras de baralho e de cartão para entreter os sinhozinhos, montava encenações de sombras chinesas assistidas por alguns sinhozinhos do povoado até as dez ou mais da noite (hoje, são grandes senhores e não me reconhecem).

Eu fazia marionetes que pareciam dançar sozinhas, de madeira, que eu fazia com um aparapenas, e pintava os filhos do Senhor Dom Félix Llano, Senhor Dom Manuel, Dom Felipe Puebla, Senhor Dom Francisco Madruga, o Farruco, e outros. O Senhor Dom José Fotón abanou as orelhas diante de mim e me propôs a também abanar as minhas e, por fim, consegui, ao deduzir o jeito.

O Senhor Dom Beranés, descobrindo em mim os primeiros sintomas da poesia, me dava o que chamavam de “pé forçado” e, quando versejava na mesa, me dava olhadelas furtivas sem que minha sinhá percebesse. Ele gozava de bastante confiança na casa, e, por eu lhe suplicar, sabia dos riscos que eu corria. A mesma coisa acontecia com o padre Carracedo, com Dom Antonio Miralla, com Dom José Fernández y Madrid, todos em épocas diferentes.

Se fosse fazer um resumo exato da história da minha vida, seria uma repetição de acontecimentos todos semelhantes entre si pois, desde a minha idade de treze ou catorze anos, minha vida tem sido um conseguimento de penitências, prisões, açoites e aflições. Assim, decidi descrever os acontecimentos mais notáveis que acarretaram a opinião tão terrível quanto nociva que tinham de mim.

Sei que nunca, por mais que me esforce em ter a verdade nos lábios, serei considerado um homem perfeito ou de bem, mas, ao menos perante o juízo sensato do homem imparcial, se verá até que ponto chega a prevenção do maior número dos homens contra o infeliz que incorreu em alguma fraqueza.

Mas vamos saltar dos anos de 1810, 1811 e 1812 até o presente de 1835, deixando em seu intermédio o vastíssimo campo de vicissitudes, escolhendo entre elas os graves golpes com que a fortuna me obrigou a deixar a casa paterna, ou nativa, para experimentar as diversas cavernas com que o mundo me esperava para devorar minha inexperiente e débil juventude.

Em 1810, se bem me recordo, como eu era o cachorrinho de minha sinhá, pois assim se pode dizer, porque era minha obrigação segui-la sempre, a menos que entrasse em seus aposentos, porque então eu ficava às portas, impedindo a entrada de todos, ou chamando quem ela chamasse, ou fazendo silêncio, se considerava que ela dormia.

Uma tarde, saímos ao jardim e, durante muito tempo, fiquei ajudando minha ama a colher flores ou transplantar alguns matinhos como passatempo, enquanto o jardineiro andava por toda a largura do jardim, cumprindo sua obrigação. Ao nos retirarmos, sem consciência realmente do que fazia, peguei uma folhinha, uma folhinha qualquer de botão de gerânio. Essa malva extremamente cheirosa ia em minha mão, junto com sei lá mais o que eu levava. Distraído com meus versos de memória, seguia minha sinhá à distância de dois ou três passos e caminhava tão alheio a tudo que ia despedaçando a folha, do que resultava maior fragrância. Ao entrar em uma antessala, não sei com que motivo minha sinhá retrocedeu. Eu lhe dei passagem mas, ao passar por mim, lhe chamou atenção o cheiro. Imediatamente colérica, com uma voz fortíssima e alterada, me perguntou:

“O que tens nas mãos?”

Fiquei morto. Meu corpo gelou-se em um instante e, sem poder quase ficar de pé pelo tremor que me deu em ambas as pernas, deixei cair a porção de pedacinhos no chão.

Ela me tomou as mãos e as cheirou. Pegando os pedacinhos, eles pareciam um montão, um matagal, um atrevimento.

Quebraram meu nariz.

Logo veio o administrador, Dom Lucas Rodríguez, imigrante de Santo Domingo, a quem me entregaram. Eram seis da tarde, no rigor do inverno. O carro estava pronto para ir ao povoado e eu devia segui-los. Quão frágil é a sorte de quem está sujeito a contínuas vicissitudes. Eu não tinha um momento de segurança e, dessa vez, aconteceu o mesmo, como em muitas outras vezes, como veremos.

Eu fui para o tronco, no lugar onde também era a enfermaria dos homens.

Cabiam cinquenta camas de cada lado, pois nela se recebiam os enfermos da propriedade e também os do Engenho San Miguel, mas nessa ocasião estava vazia e não era empregada para nada. Ali estava o tronco e somente se depositava nela algum cadáver até a hora de levá-lo ao povoado e dar-lhe uma sepultura.

Colocado no tronco pelos dois pés, com um frio que gelava, sem nenhuma cobertura, me trancaram. Tão logo me vi só naquele lugar quando me parecia que todos os mortos se levantavam e vagavam por toda a extensão do salão. Uma janela meio derrubada, que caía sobre o rio ou vala, perto de um despenhadeiro ruidoso que fazia uma torrente de água, batia sem cessar, e a cada batida me parecia ser um morto que entrava por ali da outra vida. Pensem agora que noite passei eu ali.

Nem bem havia começado a clarear quando ouvi que o ferrolho corria e entra um contracapataz negro, seguido pelo administrador. De uma tábua apoiada em uma coluna que sustenta o beiral, tiram um maço de cinquenta varas. Ao pé da tábua, vejo o administrador, envolto em seu capote. Ele diz, por detrás do lenço que lhe cobria a boca, com uma voz rouca:

“Amarra.”

Minhas mãos são atadas como as de Jesus Cristo. Me carregam e meto os pés nas duas aberturas e também atam meus pés. Oh Deus!

Puxemos um véu pelo resto dessa cena.

Meu sangue se derramou, perdi meus sentidos e, quando voltei a mim, me encontrei na porta do oratório, nos braços de minha mãe, inundada em lágrimas. Ela, a instâncias do padre Dom Jaime Florit, se retirou, desistindo da intenção que tinha de interceder sei lá eu com que pretensão.

Às nove, ou pouco mais tarde, minha sinhá se levantou e fez questão de averiguar se me haviam tratado bem. O administrador, que esperava por ela, me chamou e me devolveu a ela, que perguntou se queria outra vez pegar umas folhas de seu gerânio. Como não quis responder, por pouco não me repetiram o tratamento e tive por bem dizer que não.

Seriam mais ou menos onze horas quando comecei a inchar. Me puseram em um quarto. Três dias sem interrupção fiquei nesse estado. Me deram banhos e unguentos. Minha mãe só aparecia ali de noite, quando estimava que estivessem no povoado.

No sexto dia, quando já se contava que sobreviveria e eu já andava um pouco, era perto das doze quando me deparei com minha mãe, que atravessava o tendal. Ela me encontrou e me disse:

“Juan, tenho aqui o dinheiro de tua liberdade. Vê que teu pai morreu e vais ser agora o pai de teus irmãos e já não voltarão a te castigar mais. Juan, tem cuidado.”

Uma torrente de lágrimas foi minha única resposta. Ela seguiu e fui cuidar do meu encargo, mas o resultado disso foi que minha mãe saiu sem o dinheiro, e eu fiquei a esperar sei lá quanto tempo e ainda não vi chegar.

Depois desse caso, aconteceu outro e é o seguinte: estando em El Molino, trouxeram do engenho uns frangos. Como eu estava sempre de sentinela para o que chegasse, coube a mim, por desgraça, os receber. Entrei em casa com a papeleta do recibo, deixando as aves no corredor, em baixo do caramanchão que se encontra na entrada. Leram o papel e me mandaram levá-lo para o outro lado, para entregá-lo a Dom Juan Mato, que era administrador ou zelador daquela outra parte. Peguei tudo, dispensando o tropeiro, e fui contente, pois nesse intervalo eu respirava. Entreguei o que recebi e me recordo que eram cinco frangos.

Passadas algumas semanas ou mais, fui chamado para que desse conta de um frango que faltava. Eu disse que vieram cinco frangos e que foram entregues. Ficou assim.

Na manhã seguinte, vi o capataz do engenho vindo. Ele falou por um longo tempo com a minha sinhá e foi-se. Servimos o almoço e, quando eu ia enfiar o primeiro bocado, aproveitando o momento, minha ama me chamou e mandou que eu fosse na casa do capataz e lhe dissesse sei lá o quê.

Aquilo não me cheirou bem e me oprimiu o coração. Fui, tremendo.

Como estava acostumado a ir me entregar eu mesmo, eu ia receoso. Cheguei à porta e lá estavam os dois capatazes, o da propriedade e o já citado. Eu lhe dei o recado e ele, se fazendo de surdo, me disse:

“Entre, homem.”

Como no caso eu me achava bem com essa gente, porque a cada momento caía em suas mãos, lhe obedeci. Ia repetir o recado quando o Senhor Domínguez, que esse era o sobrenome dele, do engenho, me pegou por um braço dizendo que era eu que ele procurava.

Tirou uma corda de cânhamo fina, me amarrou como se fosse um facínora e montou em seu cavalo. Fazendo-me ir na frente, me mandou correr e nos distanciamos daqueles contornos prontamente. Era para que nem minha mãe nem meu segundo irmão nem os sinhozinhos e sinhazinhas me vissem, porque todos imediatamente chorariam, e a casa ficaria a ponto de luto, ou me apadrinhariam e protegeriam.

Já tínhamos nos distanciado como um quilômetro quando, fatigado de correr à frente do cavalo, dei um tropeção e caí. Nem bem havia tocado o chão quando dois cães, ou feras, que nos seguiam se jogaram em cima de mim. Um deles, enfiando quase todo o meu queixo esquerdo em sua boca, me atravessou o incisivo até dar com meu molar. O outro me perfurou uma coxa e a panturrilha esquerda, tudo com a maior voracidade e presteza, cujas cicatrizes estão perpétuas, apesar dos vinte e quatro anos que se passaram sobre elas.

Desceu ele do cavalo e separou os cachorros. Meu sangue corria em abundância, principalmente na perna esquerda, que adormeceu inteira. Ele logo me agarrou com uma mão, pelas cordas que me atavam, soltando uma cadeia de obscenidades. Esse puxão me desconjuntou o braço direito, do que ainda não estou curado, porque com o tempo ruim padeço sempre de dores como de gota.

Caminhando como pude, chegamos ao engenho. Me puseram dois cabrestos, com pedras, e me trataram as mordidas com sei lá qual unguento e fui para o tronco.

Chegou a noite fatal.

Toda aquela gente estava em fila, me rodeando: um capataz chefe, um contracapataz negro, e cinco outros negros. Ao comando de “tombar”, deram comigo por terra sem a menor caridade, como quem joga um fardo que nada sente. Um em cima de cada mão e outro sentado em minhas costas, me perguntavam pelo frango. Eu não sabia o que dizer, pois nada sabia.

Sofri vinte e cinco açoites, dizendo mil coisas diferentes, pois me mandavam dizer a verdade e eu não sabia qual me parecia plausível para fazer cessar o açoite. Tinha que dizer o que havia feito com o dinheiro e era outro aperto. Disse que comprei um chapéu.

“Onde está?”

Era mentira. Disse que comprei sapatos.

“Não foi isso!”

Disse e disse e disse tantas coisas, para ver qual me livraria de tanto tormento.

Nove noites padeci esse tormento. Nove mil coisas diferentes dizia, pois ao dizer-me: “diga a verdade” e me açoitar, já não tinha eu o que dizer que fosse plausível para que não me castigassem mais.

Acabada essa operação, eu ia carregar e descarregar bois, de noite ou de madrugada, segundo o turno que me cabia. Todas as manhãs, partia uma carta para minha sinhá com o que eu havia dito à noite.

Ao cabo de dez dias, na segunda feira, espalhada a notícia por todo o engenho, já se sabia a fundo a causa daquele castigo, quando o tropeiro Dionísio Cabandonga, que era o tropeiro que tinha entregado as aves, se apresentou ao capataz, dizendo-lhe que não mais me castigasse, porque o frango procurado havia sido comido pelo mordomo Dom Manuel Pipa. No dia em que ele lhe deu as aves para que à tarde as conduzisse a El Molino com a papeleta, um frango ficou na cozinha sem que percebesse. Às onze da noite, quando voltou do povoado trazendo as rações do dia, viu o frango e, de

manhã, avisou ao mordomo, não achando senão que alguém o havia furtado e escondido em sua choça, que era a cozinha. O mordomo lhe disse que era um dos frangos que deveria ter ido a El Molino mas, não obstante, o tomou e, deixando-o em seu quarto, no dia seguinte, sua cozinheira fez com ele um guisado.

Chamada a morena Simona, foi questionada e declarou concordar. O capataz perguntou por que não haviam falado antes e disse o Dionísio que ninguém sabia o que estava acontecendo: só se ouvia falar em frango, frango, mas sem saber qual era. Se eu não houvesse contado à Simona e ao Dionísio qual era o frango procurado, ninguém teria compreendido.

Não sei se deram parte desse assunto, mas o certo é que, desde aquele dia, cessou o castigo.

Me puseram, com uma grande foice, para amolecer e empilhar bagaço de cana seco, para que os balaios os conduzissem às fornalhas. Nesse dia, como um de tantos, coube a mim ir carregar açúcar para a casa de purgar. Como não conseguia caminhar, me tiraram uma pedra e teriam tirado todas, se não temessem que eu fugisse.

Estava colocando as formas em um dos tablados à esquerda e acabava de soltar a forma e dado alguns passos quando pareceu desabar o firmamento atrás de mim. Era um grande pedaço do teto, com umas quantas vigas, que desabou atrás de mim, em cima do negro crioulo Andrés. Eu, com o susto, caí por uma abertura embaixo da casa de purgar. Meu cuidador gritava, a negrada toda vozeava, acudiram a tirar o Andrés e eu saí como pude pela parte baixa da porta. Tiraram o já citado com mil trabalhos e ficou com todo o crânio quebrado, a pele do cérebro embrulhada, os olhos arrebitados. Eles o levaram para El Molino e morreu em poucas horas.

Na manhã seguinte, a neblina ainda não havia se dissipado quando vi aparecer o sinhozinho Pancho, hoje Senhor Dom Francisco de Cárdenas y Manzano. Eu estava fracamente em meu exercício de amolecer e empilhar o bagaço quando ele apareceu, seguido por meu segundo irmão, o que me deu a entender que vinham à minha procura.

A mudança de traje e de sorte foi uma coisa só: quando chegou a El Molino o

desgraçado a quem as vigas haviam maltratado, divulgou-se que eu estive a ponto de perecer também e, por isso, meu irmão, que servia ao sinhozinho Pancho, conseguiu que ele pedisse a sua mãe por mim, o que alcançou sem dificuldade.

Tive que ir a pé quatro quilômetros de caminho bastante escabroso e já o sinhozinho tinha se adiantado em sua cavalgadura. Quando chegamos, meu irmão e o sinhozinho me apresentaram à sinhá.

Minha ama, que pela primeira vez vi que me tratou com compaixão, me mandou para o interior da casa. Meu coração estava tão oprimido que nem queria ver a comida, que era pra mim a mais sagrada e necessária atenção. Caí em uma tristeza tal que nem vendo todos os moços rodeados de jogos, nem quando me chamavam, eu saía de meu triste abatimento.

Comia pouco e quase sempre chorando.

Por esse motivo, me mandavam limpar os móveis de mogno, para que não ficasse ou chorando ou dormindo. Toda minha vivacidade desapareceu e, como meu irmão gostasse tanto de mim, esse estado se tornou comum a ambos. Ele não fazia mais que ficar me consolando, mas esse consolo era chorando comigo. Por esse motivo, já não me levavam ao povoado atrás do carro e todos caíam sobre mim para me fazer brincar, mas eu não saía do meu estado melancólico.

Então, me designaram para dormir com o sinhozinho Pancho e meu irmão, no quarto. Me compraram chapéu e sapatos e, coisa para mim muito nova, me mandavam me banhar e passear à tarde, e ia pescar e caçar com um Senhor.

Passado algum tempo, viemos para Havana e me deixaram com o Senhor Dom Nicolás, que gostava de mim não como escravo, mas como um filho, apesar de sua curta idade.

Então, foi se dissipando aquela tristeza inveterada em minha alma e se manifestou um mal do peito, com uma tosse meio espasmódica, que o Senhor Dom Francisco Luvían me curou.

O tempo dissipou todos meus males, ajudado por minha juventude. Estava

bem tratado, melhor vestido e querido, tinha casaca que meu novo amo mandou fazer, tinha muitos reais em dinheiro e era meu ofício recosturar toda sua roupa, limpar seus sapatos, arrumar seu quarto e vesti-lo. Como esse senhor, desde bem jovem, observou uns costumes perfeitos e irrepreensíveis, queria que tudo que estivesse a seu alcance fosse o mesmo. Por isso, só me proibia de ir à rua e à cozinha, e de ter contato com pessoas de maus costumes. Consegui nunca ter recebido dele a mais leve repreensão. Eu lhe queria muitíssimo.

Percebendo que nem clareava e ele já estava de pé, eu preparava antes de tudo a mesa, sofá e livros para ele entregar-se aos estudos. Fui me identificando de tal modo com seus costumes que comecei eu também a dedicar-me a estudos.

A poesia, em todos os trâmites da minha vida, me fornecia versos análogos à minha situação, ora próspera, ora adversa. Eu pegava seus livros de retórica, me dava minha lição e a memorizava como um papagaio e já acreditava eu que sabia alguma coisa, mas não reconhecia o pouco fruto que tirava daquilo, pois nunca havia ocasião de lhe fazer uso. Então, decidi dar-me outro uso mais útil, que foi o de aprender a escrever.

Esse foi outro aperto: eu não sabia como começar. Não sabia cortar a pena e evitava de pegar alguma de meu senhor. Não obstante, comprei apara-penas, penas, papel muito fino, e pegava algum pedaço de papel escrito dos que meu senhor jogava fora, com sua letra, e os colocava entre folha e folha, a fim de acostumar o pulso a desenhar letras e ia copiando a forma da letra que ficava embaixo. Com essa invenção, antes de um mês já fazia linhas inteiras, alcançando a forma da letra de meu senhor, motivo pelo qual há certa semelhança entre sua letra e a minha.

Contentíssimo com meu intento alcançado, passava das cinco até as dez exercitando a mão em letras miúdas e, mesmo de dia, quando tinha oportunidade, fazia-o também, pondo-me ao pé de algum quadro cujas inscrições fossem em letras maiúsculas, com muitos traços. Consegui imitar as letras mais formosas e cheguei a fazê-las de jeito que mais pareciam gravadas que de pena.

O Senhor Marquês me encontrou uma vez e, pelo que disse acerca daquilo,

cheguei a crer que eu já sabia escrever. Então, soube meu senhor, dos que me viam desde as cinco com meu material de escritura, que eu passava o tempo todo às voltas com meus papéis. Não poucas vezes me surpreendeu na ponta de uma mesa que havia em um canto, me ordenando que deixasse aquele entretenimento que nada correspondia à minha classe e que achasse algo para costurar. Nesse ponto, não me descuidava, e sempre tinha alguma peça a mão para adiantar a costura.

Me proibiram de escrever, mas em vão. Todos iam se deitar e, então, eu acendia meu toquinho de vela e me compensava, a meu prazer, copiando as mais bonitas letrinhas do poeta Arriaza. Sempre imaginava que, ao imitar sua letra e parecer-me com ele, já era eu poeta ou sabia compor versos.

Uma vez, me roubaram alguns papezinhos de poesias e o Senhor Doutor Coronado foi o primeiro que prognosticou que eu seria poeta, embora todo mundo se opusesse: soube ele como aprendi a escrever e com que finalidade, e me assegurava que da mesma maneira os outros poetas tinham começado.

Enquanto isso, meu senhor estava em vésperas de desposar a Senhorita Dona Teresa de Herrera, e era eu o mensageiro que levava e trazia suas cartas (a mão dela já estava pedida). Esse distinto lugar me era muito lucrativo, pois recebia moedas de dobrões sem pedir, tanto que não sabia o que fazer com o dinheiro e, depois de fazer uma grande provisão de papel pena bonito, tinteiro, boa tinta e régua de mogno, o restante enviava à minha mãe em dinheiro.

Fomos a Guanajay por motivo da temporada que os Senhores Condes de Jibacoa fazem todos os anos e, ali, não faltaram favores em profusão de minha futura ama. Como a primeira costura que me ensinou minha sinhá foi a de mulheres, ao lado de Sinhá Dominga, mulher branca, sua costureira, tive a grande honra de costurar sobre algumas túnicas de minha sinhazinha, pois eu sabia e sei de guarnições, colchões, almocelas de cama, costurar em holanda e até marcar na holanda cambraia, o que me era muito elogiado, graças à fina educação que me deu minha ama.

Passei entre mil contentamentos o tempo todo que durou a correspondência entre os noivos, até que servi em suas bodas e fui seu pajem de libré quando saíam para passear ou ir à missa. Com essa ama, minha felicidade era a cada

dia maior, fazendo com que seus familiares reservassem a mim as mais polidas considerações, e meu senhor também, vendo-me esmerar-me em ter prazer no cumprimento de minhas obrigações.

Essa felicidade foi coisa de pouco mais de três anos, quando veio minha sinhá, aquela de Matanzas, ouviu a fama de meus serviços de todo tipo e, sem que eu soubesse por quê, decidiu me levar outra vez consigo.

Era tanta a minha agilidade, especialmente na assistência aos enfermos, assim tão pequenino como parecia em minha idade de dezoito anos, que me pediam emprestado na família quando havia algum enfermo a velar, como aconteceu essa vez.

Assistia ao Senhor Dom José María de Peñalver, que estava sendo cuidado por uma dor de que padecia. Somente eu sabia como aquecer seu banho, lhe dar a bebida na hora certa, ajudá-lo a se levantar sem rispidez para certas diligências e enxugá-lo quando se banhava. Durante a noite toda, meus olhos grudavam no relógio e, na minha frente, havia papel e tinteiro, onde achava o médico de manhã anotado tudo o que ocorreu à noite, até quantas vezes cuspiam, roncava, sono tranquilo ou inquieto. O Senhor Doutor Andrés Ferrilles, o Doutor Dom Nicolás Gutiérrez e outros, vendo-me assistir a enfermos, elogiaram esse método que segui em muitas ocasiões.

Eu estava, como disse, assistindo ao Senhor Dom José María quando veio minha sinhá, que estimulada por tantos elogios, me demonstrou com muito carinho sua determinação. Eu a ouvi com tepidez, pois meu coração se anuviou ao considerar que voltaria de novo a uns lugares tão memoráveis e tristes para mim.

O senhor não estava inteiramente bom e continuava de cama, mas fomos sem tardança à casa de sua irmã, a Senhora Condessa de Buena Vista. Como partíamos dentro de alguns dias, eu não deveria mais ir ter com meus outros senhores. Porém, apesar dessa ordem, fui me despedir deles.

Desde bem pequeno, o Senhor Dom Nicolás me tinha apreço e, com meus serviços, eu havia acabado de conquistá-lo. Ele e sua recente esposa se despediram chorando, me presentearam com ouro e mais, a sinhazinha me deu uns quantos lenços de holanda e dois dobrões, e meu senhor me deu toda

a roupa, entre elas as duas casacas que havia mandado fazer para mim e um dobrão. Me despedi da família toda e todos chorávamos, pois vivíamos na mais perfeita união.

Fui embora tão pesaroso e entre tantas reflexões que, de manhã, entre nove e dez, decidi pedir autorização para procurar novo amo. Minha sinhá se assombrou com isso e me perguntou se eu não sabia o que era bom para mim. Se ela me levava embora, disse, era porque tinha que fazê-lo, pois eu não deveria estar em outro lugar senão ao seu lado, até que ela decidisse o contrário.

Me virou as costas e me arrependi de tê-la aborrecido. Na hora da refeição, em casa da Senhora Condessa, ela levantou o assunto à mesa, manifestando à sua irmã minha audácia e se acalorou tanto que me disse, diante de todos, que era essa a minha retribuição aos desvelos que havia dedicado à minha educação e me perguntou se alguma vez havia deitado a mão em mim.

Por pouco, não ponho tudo a perder.

Porém, disse que não.

Ela me perguntou se eu me lembrava de minha mãe, e eu lhe disse que sim.

“Pois eu fiquei no lugar dela, me ouves?”, me disse. E assim ficamos.

Concluída a oração da tarde, a Senhora Condessa me chamou a sós junto com a Senhora Dona Mariana Pizarro para me persuadir, acreditando que meus outros amos me houvessem aconselhado mal. Eu lhes fiz saber que temia minha sinhá por seu gênio vivo, porém, nada bastou, sempre ficando elas em seu engano. A Senhora Condessa me disse que eu deveria ficar com minha ama e esperar dela minha liberdade.

[Agora me lembro que o episódio do gerânio foi depois disso, enquanto estava em El Molino, porque foi quando minha mãe apresentou o dinheiro para minha liberdade e morreu três meses depois, de paralisia.]

Partimos afinal para Matanzas, fazendo residência em El Molino. Me mostraram minhas obrigações e, em pouco tempo, encontrei-me à frente dos que me viram nascer. De tal modo eu os obscurecia, me sobressaindo em meu serviço, que quando se descuidavam de algo, se envergonhavam da exatidão com que eu cumpria meus deveres. Isso me trouxe grande ojeriza dos demais.

Por essa época, eu já andava pela casa toda. Porém, concluído o almoço, ia aos meus lugares de costume, onde costurava de tudo.

Nessa época, fomos morar no povoado, na rua do rio, na casa do Senhor Dom Félix Quintero. Estávamos aí por coisa de duas semanas, quando, uma manhã muito cedo, um galo bonito entrou na sala de jantar contígua ao quarto de dormir de minha sinhá e cantou. Eu dormia nesse lugar. Se o galo cantou mais de uma vez, não sei, mas quando o ouvi, acordei, espantei-o e me pus de pé. Na hora de costume, minha sinhá se levantou e, se eu não buscasse a tempo o Senhor Dom Tomás Gener como padrinho e protetor, teria ido aprender a madrugar em El Molino.

Eu tinha idade de uns dezenove anos, e tinha um certo orgulhinho de saber cumprir minha obrigação, e não gostava que me mandassem as coisas duas vezes, nem que me chamassem atenção por trivialidades. Mas o forte desejo de derrubar o amor-próprio de quem está mais perto da graça de seu amo é um mal contagioso que existe em todas as casas-grandes.

Assim aconteceu que, por uma dessas razões, um deles quis me derrubar, afrontando-me com expressões ruins, até chegar a dizer-me algo sobre a tal da minha mãe. Lhe devolvi outra ofensa de igual tamanho. Deu-me uma pescoçada que não pude evitar e eu o ataquei. A Senhora não estava em casa e eu tinha que ir buscá-la às dez em casa da Senhora Gómez. Parti antes do tempo e, quando voltamos à casa, lhe contaram. Ela me interrogou sobre esse assunto e me desculpei, dizendo:

“Quem me diz ‘a tal da minha mãe’ está exposto comigo.”

“Então, se ele torna a te dizer isso, tornarás a faltar com o respeito à minha

casa?”

Eu lhe disse que não faltaria com o respeito, contanto que ele não me dissesse tal expressão.

Após três ou quatro dias, fomos almoçar em El Molino. Eu não estava tranquilo, esperando a hora da quebra. Eu conhecia as várias situações de minha vida e não duvidava do que ia me acontecer. Vi chegar o capataz e já não tinha ânimo para aguentar os açoites. Escapei pelos fundos do jardim e corri tanto e em tão breve tempo que, enquanto me caçavam pela casa toda, eu já estava oculto nos mangues a caminho do castelo. À tarde, fui ao povoado, em casa do Senhor Conde de Jibacoa, que me protegeu e apadrinhou.

Me davam vergonha esses apadrinhamentos. Eu não ficava à vontade e chorava mares quando me lembrava da estima que gozava com meus outros amos em Havana. A longa distância que me separava deles me afligia ainda mais.

Não se passaram cinco dias sem que, sei lá por que insignificância, uma autoridade policial mandou me buscar, me amarrou na sala e me levou à cadeia pública às onze da manhã. Às quatro, veio um moço de campo branco, me reivindicou, me tiraram dali, me vestiram uma roupa de escravo braçal, me tiraram os sapatos e, ali mesmo, me raspavam a cabeça. Uma nova corda de pita atou meus braços, e saímos adiante para El Molino.

Eu, que já havia esquecido todo o passado, provado as delícias de alguns amos jovens e amáveis, um tanto envaidecido pelos favores dados em profusão às minhas habilidades, e outro tanto tresloucado também com o ar de cortesão que havia assumido na cidade, servindo pessoas que me recompensavam sempre, e agora me via tratado desse modo, pensava insistentemente que, em Havana, conseguiria melhor sorte.

Cheguei a El Molino e Dom Saturnino Carrías, jovem europeu, era o administrador. Ele então me interrogou sobre a culpa que tinha por aquilo. Eu lhe disse e ele me mandou ao campo sem me colocar nem a mão nem grilhões. Estive ali por uns nove dias, nos trabalhos da propriedade, e, uma manhã em que cheguei para almoçar, minha Senhora mandou me buscar, me

vestiu de roupa fina e, sentado atrás do cocheiro, me conduziu outra vez ao povoado e ao seu serviço.

Eu já era conhecido como o “mulatinho da Marquesa”. Todos me perguntavam o que tinha acontecido e me envergonhava satisfazer a tanto curioso. Nesses tempos, foi a nossa casa a esposa do Senhor Apodaca, governador de Havana, e se preparou um festejo digno da personagem que era.

O pintor Senhor Aparício foi conduzido a Matanzas, recebendo por hora, para transformar um armário com portas de vidro em uma formosa cascata. Pintaria também alguns emblemas alusivos a rosas, pois a senhora se chamava Dona Rosa Gastón. Ajudei-o e, concluída a obra, me deu meia onça em moedas, pois, uma noite, ajudando-o por gosto a pintar várias grinaldas, descobriu que eu podia lhe ser útil, e, com um pouco que eu lhe disse, me solicitou à minha sinhá, não como mestre, mas como peão. Eu sombreava as rosas porque, pela variedade de formas delas que conhecia, era destro nessa arte. Ao despedir-se de mim, me deu meia onça, e, concluído o festejo, fui gratificado como os demais com um dobrão. Eu guardava esse dinheiro com a intenção de gastá-lo em Havana.

Minha ama descobriu que, de meia-noite até de manhã, os criados perdiam até as camisas jogando cartas em um armazém. Eu não sabia disso, porque eu nem dormia ali e nem eles teriam se deixado ver por mim, pois o jogo era a portas fechadas. A primeira determinação de minha sinhá foi me investigar e, no dia seguinte, achando comigo mais dinheiro do que me havia dado, me julgou cúmplice. Me tirou todo o dinheiro, embora eu lhe declarasse como o havia obtido, pois deveria tê-la informado, e fui outra vez para El Molino.

Também não me aconteceu nada, apesar das recomendações. Após sete ou oito dias, mandaram me buscar.

Correu algum tempo sem a menor novidade, quando aconteceu a morte quase súbita de minha mãe, que perdeu os sentidos e nada pôde dizer. Desse caso, eu soube após quatro dias. Como filho querido, lhe dediquei tanto sentimento quanto se pode imaginar. Então, minha sinhá me deu três pesos para as missas de alma, ou de São Gregório, e as mandei rezar ao padre. Alguns dias depois, minha sinhá me mandou para El Molino para que recolhesse o que

minha mãe havia deixado.

Dei ao administrador uma carta para que me entregasse a chave de sua casa, na qual só achei uma caixa grande, muito antiga, porém vazia. Essa caixa tinha um segredo que eu sabia: fiz pular a mola e achei, em seu fundo oco, algumas joias de ouro fino. Entre elas, as de maior valor eram três manilhas grandes e antigas, de cerca de três dedos de largura e muito grossas; dois rosários, um todo de ouro e outro de coral, porém, quebrados e muito sujos. Achei também uma mixórdia de papéis que atestavam várias dívidas, havendo entre elas uma de duzentos e poucos pesos e outra de quatrocentos e tantos pesos. Essas eram para ser cobradas de minha sinhá e, depois dessas, outra porção de quantias menores.

Quando nasci, o meu avô lá do campo me dedicou uma potranca baia, de raça fina, e, dela, nasceram cinco, que meu pai ia dedicando a cada um de meus irmãos e, delas, três pariram também, e chegou a haver o número de oito entre essas, particularmente uma que era deforme e parecia um cavalo, era rucilha escura e sempre parecia que tinha o pelo untado de azeite. O Senhor Dom Francisco Piñeda quis comprá-la, porém meu pai parece que pediu muito. Esta e outra, estando para parir, se perderam no serviço da fazenda, carregando baús para Havana. Havia recibos e promissórias das duas.

Chegando o dia seguinte, prestei contas à minha sinhá do que havia, e também dos recibos e papeletas. Passados seis ou mais dias, perguntei a minha sinhá se vossa mercê havia revisado os papéis que lhe havia entregado, e me respondeu, em tom agradável, que ainda não.

Dei essa resposta à parda Rosa Brindis, que cuidava da educação de minha irmã, María del Rosário. Embora minha irmã fosse livre, a sinhá insistiu que a parda Rosa cuidasse dela até que fosse capaz de cuidar de si. Rosa me instava para que não deixasse de lembrar à minha sinhá sempre que pudesse, pois queria o dinheiro combinado para a manutenção de minha irmã. Ela sabia que a sinhá tinha dinheiro de minha mãe guardado para dividi-lo entre todos seus filhos se morresse e eu, como o mais velho de todos, deveria cuidar disso. Com tal conselho, depois de passados alguns dias, incitado sem cessar por essa mulher, decidi falar à minha sinhá pela segunda vez, cheio das mais agradáveis esperanças.

Porém, qual seria meu assombro quando minha sinhá me perguntou, incomodada, se eu estava muito apressado pela herança e se não sabia que era ela a herdeira obrigatória de seus escravos.

“Se me voltas a falar de herança, te ponho onde não verás o sol, nem a lua. Anda, vai limpar os móveis de mogno.”

Essa cena ocorreu na sala do Senhor Félix Quintero, perto das onze da manhã. No dia seguinte, manifestei à Rosa o que havia acontecido. Não me lembro do que ela disse, apenas que todas as suas duras expressões cairiam sobre as cinzas de minha pobre mãe.

Dali a dois dias, era pouco mais de doze horas, quando ela apareceu. Pediu permissão para falar com minha sinhá e concederam-na. Esteve com ela por muito tempo. Eu estava na despensa, que ficava em frente à porta da rua, fazendo sei lá o quê, quando saiu a Rosa e me disse que fosse lá em sua casa quando tivesse chance.

Pedi que esperasse um pouco e lhe dei duas das três manilhas, ficando eu com uma, e também lhe dei todos os pedaços de rosários, e um relicário que dizem que em sua época não se comprava nem por uma onça de ouro: era grande, guarnecido de cordões de ouro, com filigranas do mesmo metal e a face divina de Jesus no meio, era muito avultado e tinha uns dois quartos de uma correntinha muito curiosamente enlaçada, tudo de ouro. Ela embrulhou tudo bem, mas, estando para partir, minha sinhá, que nunca me perdia de vista, se aproximou de nós e, manifestando a Rosa que não era de seu agrado que tivesse aquela familiaridade comigo, nem com nenhum de seus escravos, acabou que Rosa não voltou a pôr os pés em casa.

No que me concerne, desde o momento em que perdi o agradável sonho de minha esperança, eu já não era um escravo fiel. De manso cordeiro, me tornei a criatura mais desdenhosa e não queria ver ninguém que me falasse sobre esse assunto. Quisera ter asas para desaparecer, transplantando-me para Havana. Embotaram-se todos os sentimentos de gratidão e só pensava em minha fuga.

Passados alguns dias, vendi a manilha a um prateiro. A manilha me rendeu sete pesos e uns reais, e, à noite, quando deixei minha ama em casa das

Senhoras Gómez, levei os pesos ao padre para rezar missas por minha mãe, e os reais foram em velas para as almas. Minha sinhá não tardou em saber, pelo mesmo padre, que eu havia mandado rezar tantas missas e perguntou-me de onde consegui esse dinheiro.

Nessa época, o que eu menos apreciava era viver.

Por isso, disse-lhe sem rodeios:

“Vendi uma manilha.”

Ela quis saber a quem, mas como dei minha palavra ao prateiro que não diria, me sustentei dizendo que a alguém que não conhecia.

“Pois agora saberás para o que nasceste,” me disse. “Não podes dispor de nada sem meu consentimento.”

Fui preso em El Molino. Já era essa a terceira vez. Dom Saturnino me perguntou o que havia e eu lhe disse tudo, com enfado. O desespero havia ocupado o lugar de todos os meus sentimentos. Minha mãe era a única coisa que eu tinha e essa já não mais existia. Minhas lágrimas corriam com abundância enquanto contava a Dom Saturnino sobre a distribuição do dinheiro. Ele mandou que me desamarrassem e me mandou para a cozinha, ordenando que dali não saísse. Me dava do que ele mesmo comia e eu dormia na manjedoura dos cavalos. Ele me mostrou a carta de recomendação que me acompanhara e a verdade é que essa besteira poderia ter me pesado a vida toda.

Porém, criado na escuridão de tanta ignorância, o que podia eu saber?

Ao cabo de oito ou dez dias, ele me chamou e mandou que me colocassem uns grilhões, porque a sinhá vinha almoçar no dia seguinte, e me mandou ao campo, ordenando-me que, se me perguntassem se havia sofrido açoites, que dissesse que sim.

Às nove ou por ali, o contracapataz negro recebeu ordem de me enviar para a casa-grande. Resisti, mas, ameaçado com dureza, achei de bom agouro obedecer. O administrador me recebeu com uma muda de roupa fina,

colorida, calças e jaqueta, que vesti. Quando fui lhe entregar aqueles despojos andrajosos que vestia antes, ele me disse, com certo ar de firmeza, essas palavras que me aterrorizaram:

“Saiba o que te digo. Em menos de dois meses, caíste em meu poder em três ocasiões e nada te aconteceu. Faz o possível para não voltar mais, porque te levarão os demônios. Anda que a sinhá te espera. Anda e cuidado.”

Esse senhor, de nação galega, era de gênio forte e duro de caráter. Era jovem e tinha de 25 a 28 anos, e tanto os do campo como os da casa-grande o temiam em alto grau, pois não somente andava eu nesses vai-vens.

Quando cheguei aos pés de minha sinhá, me prostrei e pedi perdão por minha falta. Ela me mandou sentar no refeitório e, ao acabar de almoçar, me mandou um abundante prato que não provei. Notou minha sinhá o caso que havia feito da comida e não deixou de se maravilhar de que um bom prato não me alegrasse o coração. Mas meu coração já não era bom. Havana, e os felizes dias que nela gozei, estava impressa em minha alma e eu só desejava me ver nela.

É de se admirar que minha sinhá não pudesse estar dez dias seguidos sem mim (e assim era que minhas prisões jamais passavam de onze a doze dias), pois me pintava sempre como o pior de todos os nascidos em El Molino, de onde dizia que eu era crioulo. Para mim, essa era outra mortificação, pois ela sabia muito bem que eu era batizado em Havana. Eu a amava apesar da dureza com que me tratava.

Estando outra vez no povoado, não sei por que ela agora me tratava com doçura. Sim, nunca poderei esquecer que lhe devo muitos bons momentos e uma educação muito distinta: me mandava passear à tarde; sabia que eu gostava de pesca e me mandava pescar; se havia circo, também.

À noite, se punha em casa das Senhoras Gómez, para jogar cartas, e, no momento em que se sentava, eu devia parar atrás do espaldar da cadeira, com os cotovelos abertos, estorvando assim que os de pé não lhe viessem em cima ou roçassem com o braço as suas orelhas. Ao terminar, que era de costume às doze ou uma, se ela ganhava eu levava o saquinho para casa e, ao chegar, ao recebê-lo de mim, ela enfiava a mão e o quanto pegasse me dava, sem contar.

Tomou-se de muito assombro e satisfação quando me viu fazendo uma calça por minha conta: eu a costurava para o mestre Luna, que tinha sua loja na casinha que ficava na pracinha junto à igreja. Aprendi essa habilidade observando como era a costura das outras calças, pois não sabia mais do que costurar túnicas, camisolas e guarnições.

Desde que me enchi, ou me encheram, da ideia de que logo seria livre, tratei de me encher de muitas habilidades: já era pasteleiro e também tirava da cabeça muitas ideias que eram favorecidas pela habilidade no desenho que adquiri com os vários mestres que ensinavam os sinhozinhos. Em meus momentos ociosos, que eram poucos, inventava moedas de dobrões em pedacinhos de papel, que logo viravam curiosos guardanapos. A flor, o ananás, a concha, a dragona militar, o abanico, e outras de menos interesse, são frutos de meus momentos perdidos. Fizeram sucesso por algum tempo e outras ainda fazem.

Desde bem pequeno, eu tinha o costume de ler tudo o quanto era legível em meu idioma e, quando ia pela rua, andava sempre recolhendo pedacinhos de papel impresso. Se estava em versos, eu não rezava de novo antes de tê-los aprendidos todos de memória. Assim, eu sabia a vida de todos os santos mais milagrosos e os versos de suas rezas: os da novena de Santo Antônio, as do Triságio, enfim, todos os de santos, porque era os que chegavam à mesa de minha sinhá.

Os dias em que havia visitantes, que eram quase diários, eram coroados regularmente por três ou quatro poetas improvisadores que, ao concluir-se o banquete, me deixavam bastante versos, pois eu tinha meu tinteiro e minha pena e, assim que terminavam, enquanto outros aplaudiam e outros transbordavam os copos, eu atrás de alguma porta copiava os trechos que guardava na memória.

Quando minha ama adoçou seu gênio comigo, eu fui esquecendo insensivelmente certa dureza de coração que havia adquirido desde a última vez que me condenou aos grilhões e ao trabalho braçal. Como ela perseverou em não me colocar nem que mandassem me pôr a mão, eu havia esquecido todo o passado.

Eu a amava como a uma mãe.

Não gostava de ouvir os criados xingando-a e teria denunciado a muitos, se não soubesse que quem vinha com um conto era quem a ofendia: aquele que fez, ela não ouviu, mas quem contou, a incomodava (uma máxima que a ouvi repetir muitas vezes).

Eu estava bem-visto como nunca. De nada sentia falta e me percebia como se já fosse livre: só se esperava que soubesse trabalhar e tivesse idade competente para receber a liberdade. Por isso, me dediquei um tanto a certas artes mecânicas e lucrativas, que se fosse livre hoje não me faltaria não digo do que comer, mas do que ter.

Nessa época, escrevi muitos cadernos de poemas, que depois vendia. Meu guia era o poeta Arriaza, que eu trazia de memória. A poesia quer um objeto a quem se dedicar. O amor regularmente nos inspira. Eu era inocente demais e ainda não amava. Por conseguinte, minhas composições eram frias imitações.

Ao cabo de três meses ou quatro de meu último acontecimento, armou-se uma viagem à Madruga, onde minha sinhá deveria tomar banhos medicinais e, de fato, fomos. Com seus males, minha senhora retomou seu antigo mal humor, me jogava na cara sem cessar a liberdade que tomei em dispor daquelas prendas tendo eu irmãos menores em número de cinco e, por isso, me acusava de furto:

“Vai saber para que mãos teriam ido a herança e os bens dos outros se perdesse tudo em quatro dias de jogos.”

Sem cessar, me ameaçava com El Molino e com Dom Saturnino. As últimas expressões dele estavam gravadas em meu coração e eu não tinha a menor gana de voltar a ter com ele. Perguntei quantos quilômetros distava dali até Havana e soube que eram cinquenta. Achei que não poderia vencer essa distância em uma noite de caminhada a pé e desisti de seguir pensando em me ver em Havana. Quando lá fosse alguma vez, esperava fazer com que minha sorte se decidisse, sempre com a ideia de que já era livre.

Um dia, esse dia de resignação, princípio de quantos bens e males o mundo me deu para provar, foi como se segue. Era sábado, antes do almoço. Segundo era o nosso costume, eu tinha que me assear, pois trocava de roupas

duas vezes por semana. Para isso, fui ao banheiro de tacho, que distava uns trinta passos da casa, em um declive. Enquanto me banhava, me chamaram, por ordem da sinhá. Já se pode imaginar como eu sairia. Ela me recebeu perguntando:

“O que fazia no banho?”

Respondi que me asseava para me vestir.

“Com que licença o fizeste?”

“Com nenhuma”, respondi.

“E por que foste?”

“Para me assear.”

Essa cena foi no refeitório ou varanda, na porta da rua.

Ali mesmo me quebraram o nariz.

Fui para dentro vertendo duas veias de sangue. Isso me afligiu e me envergonhou, porque na porta ao lado vivia uma mulatinha de minha idade, a primeira que me inspirou uma coisa que eu não conhecia, uma inclinação angelical, um amor como se fosse minha irmã. Eu lhe presenteava com pencas de flores coloridas, que ela recebia me dando algum doce ou fruta. Eu lhe tinha dito que era livre e que minha mãe tinha morrido havia não muito.

Não bastando o já dito, perto das dez horas, minha ama me fez tirar os sapatos e me raspavam a cabeça. Embora isso fosse muito frequente, essa vez me causou a maior mortificação.

Fazendo-me tomar um barril, me mandou carregar água para casa. O arroio distava da frente da casa uns trinta passos, fazendo uma descidinha. Quando enchi meu barril, me vi necessitando não só de esvaziá-lo pela metade mas também de suplicar a alguém que passava para que me ajudasse a levantá-lo ao ombro.

Quando subia o morrinho que havia até a casa, com o peso do barril e minhas

forças nada exercitadas, falseou-me um pé e caí, dando no chão com um joelho. O barril caiu um pouco mais a frente e, rodando de volta, me deu no peito e os dois fomos parar no arroio, inutilizando-se o barril.

Me ameaçaram com El Molino e com Dom Saturnino, a quem eu já temia. A ameaça era grave, pois supuseram aquele acontecimento como sendo de intenção premeditada.

Não cheguei até a noite sem derramar muitos escarros de sangue.

Esse tratamento me mostrou de novo quantos cálculos errados eu havia construído sobre minha sorte. Desenganado de que a liberdade era apenas um sonho e que meu padecer se renovava, me acometeu de novo a ideia de me ver em Havana.

No dia seguinte, que era domingo, quando os amos estavam na missa, um criado livre da casa me chamou e, estando a sós com ele, me disse:

“Rapaz, não tens vergonha de passar tantas agruras? Qualquer negro africano boçal está melhor tratado. Um mulatinho fino, com tantas habilidades como tu, a qualquer momento acharias quem o comprasse.”

Ele me falou desse modo por muito tempo, concluindo por me dizer que, se eu chegasse ao tribunal do capitão-general fazendo um relato completo de tudo que me acontecia, poderia terminar livre. E me insinuou com a ideia da estrada que levava a Havana, me dizendo que aproveitasse a primeira oportunidade e que não fosse bobo.

Isso me afligiu muitíssimo. Sem o menor aviso, passei a ter mais medo que antes. Ele fez insinuações tão terríveis que não incluo aqui por serem muito impertinentes.

Eram onze da manhã de uma segunda-feira quando vi Dom Saturnino chegar. Ele se apeou e seu cavalo foi levado. Desde o momento em que essa pessoa entrou, minha vida toda se amargou. Meu coração latia com incessante agitação e meu sangue todo, em um estado de efervescência, não me deixava sossegar.

Habitualmente, o sanitário era meu quarto de meditação. Enquanto estava nele, conseguia ter algum pensamento sossegado. Assim, estava nele, perto das quatro, e ouvi que conversava uma doméstica e um criado, e perguntando aquele por que motivo teria vindo o administrador, esta respondeu, vivamente;

“Para quê há de ter vindo?! Para levar o Juan Francisco.”

O criado se compadeceu e eu fiquei informado de minha má sorte.

Não me é dado ser capaz de pintar minha amarguíssima situação nesse instante. Um tremor geral se alastrou por todo o meu corpo e, ao me atacar uma dor de cabeça, quase não conseguia ficar de pé.

Já me via atravessando o povoado de Madruga como um facínora, atado, raspado e vestido como um escravo braçal, assim como estive em Matanzas, arrancado da cadeia pública para ser conduzido a El Molino. Já recordando as últimas admoestações do já citado Dom Saturnino, eu me via em El Molino, sem pais, nem sequer parentes.

Em uma palavra, mulato entre negros.

Meu pai tinha altivez e, em casa, nunca permitiu intrigas, nem que seus filhos brincassem com os negrinhos da fazenda. Minha mãe morava com ele e seus filhos, pelo que não éramos muito benquistos. Tudo isso me apareceu em minha alvoroçada imaginação.

Naquele momento, decidi minha fuga.

Lá pelas cinco da tarde, aquele que me tinha sugerido o curso que deveria tomar me disse:

“Rapaz, tira esse cavalo daí e ponha-o lá, para que fique ao ar livre. Assim, estará fazendo barulho e os amos podem acordar quando vieres buscá-lo para Dom Saturnino.”

Ao me dizer isso, me entregou também as esporas, me dizendo:

“Ali está a sela sem coldre. Saberás onde está para quando for necessária.”

Um olhar seu me convenceu de que falava para que eu aproveitasse o tempo. Esse criado sempre foi muito amigo de meu pai e tratava minha mãe com algum respeito, mesmo depois de viúva.

Eu ainda não estava decidido o bastante para arriscar deixar meus irmãos em El Molino, andar a noite toda por caminhos desconhecidos e me expor a cair em mãos de alguma autoridade policial.

Porém, qual não foi minha surpresa quando, depois de todos acabarem de jantar e estando eu sentado a sós sobre um toco de árvore, meditando se me decidia ou não, vi se aproximar Dom Saturnino, que me perguntou onde eu dormia. Indiquei que era em cima de um desvão, porém isso acabou de selar minha resolução. Talvez sem essa pergunta não houvesse me decidido nunca. Eu era muito medroso.

Essa pergunta bem pode ter sido feita com toda inocência e que tudo fosse falatório de criados, e que tudo mudasse depois, como em outras ocasiões, mas eu não pude receber essa pergunta senão como muito mau agouro, em vista do que já era do meu conhecimento.

Assim, decidi partir com todo risco.

Me veio à memória a má sorte de um tio meu que, havendo tomado igual decisão de sair da casa do Senhor Dom Nicolás, Dom Manuel e Senhor Marquês, foi trazido como todo escravo fugido.

Não obstante, eu estava resolvido a jogar a sorte e a padecer com motivo. Velei até depois das doze. Aquela noite, todos se recolheram cedo, por ser noite de inverno e estava um pouco chuvosa. Selei o cavalo pela primeira vez na vida e lhe pus o freio, mas com tanto tremor que não atinava direito o que fazia.

Ao acabar essa diligência, me ajoelhei e me encomendei aos santos de minha devoção. Pus o chapéu e montei.

Quando já ia andar para retirar-me da casa, ouvi uma voz que me disse:

“Deus te leve com boa ferradura.”

Eu achava que ninguém me via, mas todos me observavam. Porém, ninguém tentou me impedir, como soube depois.

Mas o que me aconteceu a seguir veremos na segunda parte dessa história.

Transcrição.

[O escravo^{1,2} Juan Francisco Manzano cultivou, com as dificuldades inerentes à sua condição, a amizade do distinto cubano Dom Domingo del Monte,³ a quem iam dirigidas as cartas que contém este livro. Dom Domingo del Monte, vivamente interessado em prol do escravo-poeta, promoveu uma coleta⁴ e resgatou a liberdade de Juan Francisco Manzano pela soma de 850 pesos⁵ que exigiu sua dona.⁶ Não apenas não se escreveu a segunda parte da biografia⁷ que se oferece agora a primeira, como também com a liberdade perdeu Manzano seus dotes de poeta.⁸]

A S^{ra}. D^{na}. Beatriz de Justiz Marqueza Justiz de S^{ta}. Ana,⁹ esposa do S^{or}. D^m. Juan Manzano,¹⁰ cada vez q^e. ia p^a. sua famosa fazenda el Molino¹¹ gostava de tomar as criolas mais bunitas, quando ellas tinhaõ de dez a honze annos; trazia-las consigo e dando-les huma educação conforme sua clace e condiçaõ, sua caza estava sempre cheia¹² de criadas, instruhidas em tudo q^e. era

nesario p^a. o serviço d'ella e não se fazia notavel d'esse modo a falta de trez ou quatro q^e. não estivecem aptas p^r. sua idade doensas ou liberdade & entre as escolhidas estava huma M^a. del Pilar manzano, minha mãe, q^e. entre as mucamas da S^{ra}. Marqueza Justiz na velhice, era huma das criadas de distinção ou de estimação ou de confiansa¹³ como queira q^e. se chame tinha tambem aquella senhora o costume, despois do esmero com q^e. criava essas servas suas q^e. o dia q^e. huma queria cazar; por ezemplo com algum artezaõ livre, ella le dava a liberdade como dote equipando-a de tudo como si foce filha propria sem q^e. perdece assim todo o favorecimento e protecção da caza fazendo-se estensiva até seus filhos e marido (do coal ha muintos ezemplos p^a. sitar) d'este modo acontecia q^e. no entanto na caza não naciaõ os filhos de taes cazamentos, siguindo esta hordem das couzas foi se reduzindo o numero d'aquella visoza criadagem p^r. diversos accidentes e veio á ser M^a. del Pilar tudo q^e. a S^{ra}. Marqueza J. tinha de criada e como teve a sorte n'este estado de ver cazar a S^{ra}. Condeça de Buena vista e a S^{ra}. Marqueza de Prado Ameno¹⁴ veio p^r. hum acazo criar o S^{or}. D^m. Manuel de cardenas y manzano;¹⁵ mas não ao peito; pois avendo se adoentado sua ama-de-leite a parda livre, Catalina Monzón, ficou q^e. ella siguio a criação com todas as difficuldades q^e. se inferem num menino q^e. deixa hum peito e não quer tomar otro; em quanto ella vensia todos os obistaculos da criação naceo o S^{or}. D^m. Nicolas, seu irmão,¹⁶ quando se verificou o cazamento de Toribio de Castro com M^a. del Pilar¹⁷ á quem devo meu ser sahindo á Luz no anno de [rasura ilegível]. 18

como eu ja dice não avia nacido na caza nenhum;¹⁹ minha ama a S^{ra}. Marqueza Justiz, ja senhora de idade, me tomou como hum tipo de entretenimento e dizem q^e. eu ficava mais nos braços d'ella q^e. nos de minha mãe q^e. com todos os direitos duma mucama e meio ama-de-leite²⁰ avia cazado com o criado mor²¹ e dado á sua sinhá hum crioulo²² q^e. ella chamava, o minino²³ de sua velhice. Ahinda vivem algumas testemunhas d'esta verdade creci ao lado de minha sinhá sem me separar d'ella mais do q^e. p^a. dormir, pois nem ao campo ella viajava sem me levar na volante²⁴ com differença de oras p^a. um e dias pro otro naci temporanio com o S^{or}. D^m. Miguel de Cardenas y Manzano e com o S^{or}. D^m. Manuel Oreylli hoje conde de Buena vista e Marquez Justis de Sta. Ana. ambas familias viviaõ todos na

grandesicima e belisima caza contigua a machina²⁵ dividida somente p^r. algumas portas q^e. separavaõ os quartos pois eraõ trez grandes cazas reunidas em huma. Até seria ociozo representar quanto andaria eu no meio da tropa de netos de minha sinhá traquinando e hum bocado melhor apresentavel do q^e. merecia pelos favores q^e. me dispensava minha sinhá, á quem eu tambem chamava de minha mamaẽ. Ja tinha eu seis annos quando p^r. esperto em demazia mais do q^e. todos, me enviaraõ á escola na caza de minha madrinha de baptismo trinidad de Zayas: me traziaõ ás doze e no meio da tarde p^a. q^e. minha sinhá me vice, a coal evitava de sahir até q^e. eu viece p^r. q^e. quando naõ vinha, derrumbava a caza toda, chorando e gritando, e era precizo n'este cazo apellar p^a. a sova q^e. ninguem se atrevia á me dar p^r. q^e. nem meus pais se achava authorizado p^a. isso²⁶ e eu, sabendo isso, si tal couza me faziaõ eu os accusava. Occorreo huma vez q^e. estando eu mui porfiado meu pai me sacudio mui forte; minha sinhá soube e foi o bastante p^a. q^e. ella naõ o quizece ver durante muintos dias, até q^e. por instansia de seu confeçor, o padre Moya, Religiozo de Sⁿ. Fran^{co}.²⁷ le devolveo a graça depois de conseguir aquelle appellar aos direitos de pai q^e. sobre mim le correspondiaõ como tal e os d'ella como aos de ama, occupando o lugar de maẽ; na edade de dez annos eu repetia de memoria os mais cumpridos sermoens do Frei Luis de Granada²⁸ e o numerozo grupo q^e. vizitava a caza em q^e. naci, me ouvia aos Domingos quando chegava de aprender a ouvir a santa misa com minha madrinha, pois em bora na caza tambem ouvece misa naõ me permitiaõ ouvilla alli p^r. cauza das brincaderas e distraçoens com os otros muleques²⁹. Tinha ja dez annos quando fui istruido sobre relijiaõ tanto quanto podia instruirme huma mulher³⁰ eu repetia todo o cathesimo de memoria assim como todos os sermoens do Frei L. d G. e inda mais sabia muintos relatos, loas, e interludios, e cersia bem e sabia montar peças;³¹ me levaraõ p^a. a opera franseza³² e vim parodiando alguns p^r. cujos meios em bora sempre foce mais pelos sermoens meus pais recebiaõ de mim huma porsaõ de gorjetas q^e. recolhia na sala.³³ pasando p^r. otros p^r. menores occorridos nos dias q^e. devia reseber o baptismo me aterei hunicamente ao agradavel³⁴ pois agora vou correndo por hum jardim de belisimas flores huma série de felicidades³⁵. Fui á igreja envolto no mandriaõ³⁶ com que foi baptizada a S^{ra}. D^{na}. Beatris de Cardenas y Manzano³⁷ selebrando-se com Arpa tocada por meu pai p^r. muzica com clarineta e flauta³⁸: quiz minha sinhá marcar este dia

com hum de seus arrobas de generozidade coartando³⁹ meus pais deixandollos em trezentos pesos á cada hum⁴⁰ e eu deveria ser hum pouco mais feliz; mas q^e. seja.⁴¹

Contava eu sete ou oito annos quando perguntavaõ- -me q^e. offysio tinha e naõ havia hum q^e. eu disece q^e. ignorava saber e n'isto parece q^e. eu via os dias q^e. me aguardavaõ no porvir, na carreira de minha vida ja chegava o momento de em q^e. minha ama foce desaparegando-se de mim p^a. collocar-me num offysio como de facto se virificou tendo huns dez annos me puzeraõ de pupillo com meus padrinhos tomando ja as primeiras liçoens de alfaiate p^r. meu pai.⁴² na época a senhora marqueza Justis viajava com freqüensia á sua fazenda el Molino minha mã se mostrava estremamente fecunda pois eu ja tinha hum irmão q^e. veio depois de mim otra q^e. morreo do mal⁴³ chamada Blasa q^e. naõ sei pr q^e. espécie de graça naceo livre meu pai lamentava q^e. si as couzas acontesecem tal como combinado elle estaria satisfeito meus dois filhos varoens estaõ vivos e os otros dois ventres malograraõ mas aquella bondadozísima senhora fonte inesgotavel de graças⁴⁴ tornou á renovar hum documento offerecendo-le a liberdade do otro ventre nacece o q^e. nacece e naceraõ gemios varaõ e femea ouve n'isto algumas diverjensias mas a substansia do documento fez q^e. hum tribunal dece liberdade aos dois p^r. q^e. ambos formaraõ hum ventre a femea vive com este motivo meus pais ficaraõ n'el Molino cuidando da caza,⁴⁵ quando d'este acontecimento a marqueza Justis ja avia falecido na mesma fazenda ao saber a noticia todos seus filhos vieraõ e assistiraõ-la até o último momento, eu me achava na occaziaõ como pupillo em Havana, mas enviaraõ uma volante á S^{ra}. D^{na}. Joaquina Gutierrez y Zayas e ella se apresentou na caza de minha madrinha e me requizitou da parte de minha sinhá e logo em seguida se pôz á caminho commigo p^a. Matanzas⁴⁶ onde chegamos no segundo dia lá pela huma da manhã esta época de taõ remota naõ está bem fixa em minha memória só me recordo q^e. minha mã e a S^{ra}. D^{na}. Joaquina e o padre estivemos em fila em seu quarto ella estava com sua mã em meu hombro minha mã e D^{na}. Joaquina choravam, naõ sei de que falavaõ sahimos dali eu fui brincar e só me lembro q^e. na manhã seguinte vi-la estendida numa cama grande q^e. gritei e me levavaõ aos fundos da caza onde estavaõ as demais criadas enluctadas á noite toda a negrada da fazenda soluçando rezaraõ o roزاری eu chorava mares e me

separaraõ entregando-me á meu pai. Pasados alguns dias ou tempos partimos p^a. Havana⁴⁷ e a mesma S^{ra}. D^{na}. Joaquina me conduzio á caza de minha madrinha onde logo soube q^e. era alli q^e. me avia deixado minha sinhá, pasaraõ-se alguns annos sem q^e. eu vice meus pais e creio q^e. naõ me engano em dizer q^e. ouveraõ sinco annos pois me lembro q^e. tendo vivido muinto tempo com minha madrinha na rua nova do cristo eu ja custurava e ia aos ezersicios de jogos com meu padrinho q^e. era primeiro sargento de seu bataliaõ Jabier Calvo⁴⁸ e nos mudamos á rua do inquizador no solar do Sr. Conde de Orreylli vi o famozo baptismo do senhor Dom Pedro Orreylli e o vi vestindo mamelucos⁴⁹ e andar sózinho pela caza tudo isto sem saber si tinha amo ou naõ e eu ja vistia meu balandrau de guingaõ com listra larga⁵⁰ e entrava e sahia da caza⁵¹ sem q^e. ninguem me puzece obistaculo.

Creio q^e. tinha eu poco mais de doze annos quando algumas antigas criadas da caza desejozas de me ver e fazendo insistencias á minha madrinha conseguiraõ d'ella q^e. me mandace de vizita á caza de minha sinhá a Marqueza de prado Ameno o q^e. virificado hum domingo me vistiraõ de branco com meu balandrauzinho de guingaõ e calsas de borlado⁵² nem cheguei á caza e todas me carregaraõ otra me levou pela maõ p^a. cá e p^a. lá exhibindo-me até q^e. me conduziraõ ao quarto da sinhá dizendo-le quem eu era, naõ sei dizer o q^e. aqui succedeo⁵³ o serto he q^e. no dia seguinte minha sinhá mandou hum criado me buscar e estive brincando o dia todo mas de noite quando eu quiz voltar á caza de minha amada madrinha naõ me levaram; ella me foi buscar e eu naõ fui naõ me lembro p^r. que dali á alguns dias me fizeraõ muintos mamelucos listrados dos curtos e alguma roupinha branca p^a. quando eu sahice com a libré⁵⁴ de pajem p^a. os dias de festa hum vestido de usar calsa larga de granada guarnecido de cordaõ de oiro, jaquetinha sem gola de razo azul marinho guarnecida do mesmo morriaõ de velludo negro galonado, com plumagem vermelha e ponta negra duas argolinhas de oiro á franseza e alfinete de diamante⁵⁵ com estas e otras logo me esqueci de minha antiga vida recolhida os theatros paseios tertulhas⁵⁶ bailes até de manhã e otras romarias⁵⁷ me tornaraõ a vida alegre e nada sentia ter deixado a caza de minha madrinha onde apenas rezava, custurava com meu padrinho⁵⁸ e aos domingos brincava com alguns monifaticos⁵⁹ mas sempre só e falando com elles, depois de alguns dias tive p^r. lá a mesma

sinhá D^{na}. Joaquina q^e. me tratava como menino ella me vestia penteava e cuidava q^e. eu não me rosace com os otros negrinhos⁶⁰ da mesma meza tal como no tempo da senhora Marqueza Justis me davaõ meu prato q^e. comia ao pé de minha sinhá a Marqueza de P^r. A.⁶¹ toda esta época pasei longe de meus pais. Quando tinha doze annos ja avia composto muintas désimas⁶² de memoria causa p^r. q^e. meus padrinhos não queriaõ q^e. aprendece a escrever⁶³ mas eu as dictava de memoria em particular a huma jovem morena chamada Serafina cujas cartas em désimas mantinhaõ huma correspondencia amorosa.⁶⁴ Desde meus doze annos dou hum salto até a de quatorze deixando em seu inter médio algumas pasagens em q^e. se virifica como minha fortuna era instavel. se notará na relação esta sitada q^e. não ha epocas fixas mas era de maziadamente terno e só conservo humas idéias vagas mas a verdadeira historia de minha vida começa em 189⁶⁵ em q^e. a fortuna começou á vir contra mim até o grau de maior encarniçamento como veremos.⁶⁶ Soffria por coalquer travesura propria de rapaz trancado numa carvoeira⁶⁷ sem tábua nem com q^e. cubrir-me mais de vinte e quatro oras eu era estremadamente medrozo e gostava de comer meu calabolso como se pode ahinda ver na maior claridade do meio dia he preciso huma boa vella p^a. enxergar n'ella coalquer objecto aqui depois de levar asoites era trancado com ordem e penna de grandes castigos á quem me dece até huma gota d'agua, o q^e. alli soffria aflijido pela fome, e a sêde, atormentado pelo medo, num lugar taõ soturno quanto apartado da caza, num quintal junto duma cavallariça, e huma lixeira fedorenta e evaporante, contigua á huma latrina infesta úmida e sempre pestifera q^e. só estava separado p^r. humas paredes cheias de furos, ninho de ratazanas deformes q^e. sem seçar me pasavaõ p^r. cima tanto se temia n'esta caza a tal ordem q^e. ninguem ninguem⁶⁸ se atrevia de me dar nenhuma migalha em bora ouvece conjectura⁶⁹ minha cabeça ficava cheia das historias de couzas ruins d'otros tempos, das almas apparecidas, n'este da otra vida e dos encantamentos dos mortos, q^e. quando sahia hum tropel de ratos fazendo barulho me parecia ver aquelle sotaõ cheio de fantasmas e soltava tantos gritos pidindo em altos brados mizericordia entaõ me tiravaõ e me torturavaõ com tanto fute⁷⁰ até mais não poder e me trancavaõ otra vez e escondiaõ a xave no quarto da S^{ra}. em duas occasioens se distacaraõ a piedade do S^{or}. D^m. N.⁷¹ e seus irmãos introduzindo de noite hum poco de paõ torrado p^r. huma grade ou abertura da porta e com huma caffeteira de bico longo me deraõ

hum poco d'agua. Esta penitensia era taõ frecuente q^e. naõ pasava semana em q^e. naõ soffrece d'este tipo de castigo duas ou tres vezes, no campo tinha sempre martirio igual⁷² e atrebuo minha pequenez de estatura e a fraqueza de minha natureza á amargoza vida q^e. tenho desde treze ou quatorze annos sempre magro, fraco e estenuado trazia em meu semblante a palidez dum convalescente com enormes olheiras naõ he de estranhar q^e. sempre faminto eu comêce o q^e. encontrava, e por isso me oliavaõ como si foce o mais glutaõ assim era q^e. naõ tendo ora regular comia vorasmente engolindo a comida meio inteira q^e. assim me causava indigestoens frequentes pelo q^e. hindo fazer sertas necesidades com frequensia me tornava credor d'otros castigos meus delitos comuns eram, naõ attender á primeira vez q^e. me chamacem si no momento de alguem dar-me hum recado deixava de ouvir alguma palavra, como tinha huma vida taõ angustiada soffrendo quasi diariamente a quebra do nariz até jorrar por ambos conductos os jorros de sangue quebra em cima de quebra, era apenas alguem me chamar e ja me vinha hum tremor taõ grande q^e. quasi naõ conseguia me manter sobre as pernas,⁷³ naõ poucas vezes soffri vigorozos asoites da maõ dum negro p^r. q^e. supunhaõ q^e. isto era fingimento naõ caltava sapatos si naõ quando sahia de pagem⁷⁴. desde a idade de treze a quatorze annos a alegria e vivasidade de meu temperamento a tagarelise de meus labios chamados bico de oro se transformou tudo em certa melancholia que com o tempo se fez minha cararteristica a muzica embelezava as couzas mas sem saber p^r. q^e. chorava e gostava de tal consolo quando achava occasiaõ de chorar q^e. sempre buscava a solidaõ p^a. dar longa renda á meus pezares, chorava mas naõ jemia nem me apertava o coraçãõ mas ficava em serto estado de abatimento incuravel até de manhã. Teria eu huns quinze ou dezaseis annos quando fui levado otra vez á Mantanzas abracei meus pais e irmãos e conheci os q^e. naceraõ depois de mim,⁷⁵ o cararte seco e a horadez de meu pai como estava sempre em evidensia me faziaõ pasar huma vida hum poco mais agradavel naõ soffria os orriveis e continuos asoites nem as pancadas de maõ q^e. regularmente soffre hum rapaz longe de algum dos seus⁷⁶ embora estivecem doendo sempre minhas infelizes bochechas e narinas... Sinco annos pasamo em Matanzas e alli era meu uffisio ao amanheser antes q^e. alguem estivece de pé varria o quanto conseguia e limpava concluida essa diligensia me sentava á porta de minha S^{ra}. p^a. quando despertace q^e. me achace alli e em seguida p^a. onde foce q^e.

ella ia, ia eu como hum cachorrinho com meus brasinhos cruzados quando almoçavaõ ou comiaõ tinha eu o cuidado de recolher tudo o q^e. todos hiaõ deixando e tinha a manha de engulir tudo antes q^e. tiracem a meza p^r. q^e. quando se levantavaõ eu ja sahia de traz⁷⁷ e chegada a ora da custura eu me sentava á vista de minha sinhá q^e. custurava couzas de mulheres e p^f. isso sei fazer tunicas camizolas almocelas colchoens marcar na olanda⁷⁸ cardar e custurar n'esta fazenda e fazer todos tipos de guarniçoens, chegada a ora do desenho q^e. era p^r. hum haio⁷⁹ q^e. tinhaõ os sinhozinhos D^m. N. S^{or}. D. M.⁸⁰ a sinhazinha D^a. Consepcion e minha sinhá ia eu tambem e parado atraz do asiento de minha sinhá permanecia o tempo todo q^e. durava a aula todos desenhavaõ e M^r. Godfria q^e. era o haio⁸¹ percorria todas as pesoas q^e. desenhavaõ aqui dizendo isto alli corrijiendo com o creiaõ⁸² la arrumando outra secção, e assim eu via fazer dizer corrijiir e esplicar me achei disposto á contar-me entre hum dos tantos na aula de desenho naõ me recorde coal dos meninos me deu huma lapizeira de bronze ou cobre e hum pedaço de creiaõ esperei q^e. botacem fora hum desenho e no dia seguinte na ora da aula depois de oliar hum poco me sentei num canto voltado p^a. a parede comecei fazendo bocas olhos orelhas sobrolhos dentes &c.⁸³ quando considerava ser a ora de cotejar os desenhos com as liçoens perante o director M^r. Godfira eu embruliava minhas liçoens as mettia no seio⁸⁴ e esperava a ora em q^e. cotejando se acabavaõ as duas oras de desenho, e ouvia e via d'esse modo cheguei á aperfeiçoar-me tal q^e. tomando hum desenho descartado mas inteiro embora naõ mui perfeito, era huma cabeça com sua garganta q^e. representava huma mulher dizolada q^e. corria com o cabelo solto increspado e batido pelo vento os olhos saltados e chorozos e a copiei taõ fiel q^e. quando conclui a sinhá q^e. me opservava cuidadosamente fazendo-se de zentendida m'a pedio e a mostrou ao director q^e. dice eu daria hum grande retratista⁸⁵ e seria p^a. elle muinta honra q^e. algum dia retratace a todos meus amos desde entaõ ao cantinho onde eu ficava meio deitado no chaõ todos me jogavaõ desenhos de todas as aulas⁸⁶ e como estava n'isto bastante munido compuz huma guirnalda de rozas e muintas otras couzas. N'esta epoca tanto quanto em todas as q^e. servi minha ama era entuziasmada com a pesca e de tarde e nas manhãs amenas hiamos até a marjem do rio de Sⁿ. Agustin procurar pesca na parte baixa em q^e. se atravesa pelo mohinho eu punha a hisca no anzol e ganhava o peixe q^e. pegava mas como a melancholia estava

ja instalada em minh'alma e avia tomado em meu phyzico huma parte de minha ezistencia eu me alegrava em baixo duma guaxiúma⁸⁷ cujas rahizes formava huma especie de pedestal onde eu pescava compondo alguns versos de memoria e todos eraõ sempre tristes os coaes eu naõ escrevia por ignorar esse ramo p^r. isto sempre trazia hum caderno de versos na memoria e por coalquer couza improvizava soube minha sinhá q^e. eu palavreava muinto p^r. q^e. os criados velhos de minha caza me rodeavaõ quando eu estava de umor e gostavaõ de ouvir tantas desimas q^e. naõ eraõ nem devotas nem amorozas⁸⁸ como proprio producto da innocensia deu-se ordem espreça em caza⁸⁹ p^a. q^e. ninguem falace commigo pois ninguem sabia esplicar o genero de meus versos nem eu nunca me atrevi a resitar hum embora duas vezes me custou huma boa surra;⁹⁰ p^a. practicar minhas couzas q^e. eu cumpunha p^r. carecer de escriptura falava sòzinho fazendo gestos e espresoens segundo a natureza da composiçaõ diziaõ era tal a torrente de falar q^e. p^a. falar falava com a meza com o quadro com a parede &c.⁹¹ eu á ninguem dizia o q^e. tinha commigo e ⁹²somente quando podia juntar-me com os meninos eu les recitava muintos versos e les cantava contos de encantamentos q^e. eu compunha de memorias no resto do dia com seu cantarzinho todo consernente á afflictiva imajem de meu coração minha ama q^e. naõ me perdia de vista nem sequer dormindo p^r. q^e. até sonhava commigo⁹³ avia de perceber algo me fizeraõ repetir hum conto huma noite de iverno rodeado de muintos meninos e criadas, e ella se manteve occulta em otro quarto atraz dumas persianas ou romanas;⁹⁴ no dia seguim por huma nonada⁹⁵ como se costuma dizer em seguida duma boa surra me puzeraõ huma grande mordaca e de pé num banquinho no meio da sala com huns motes⁹⁶ atraz e perante mim dos coaes naõ me recordo e severa prohibiçaõ de q^e. ninguem puxace conversa commigo⁹⁷ e quando eu quizece ter huma com alguém mais velho deviaõ dar-me huma bofetada e de noite devia ir dormir ás doze ou huma da madrugada á mais de doze quarteiraõ de distansia onde morava minha mãe eu era em extremo medroso e tinha q^e. pasar por este trago⁹⁸ até nas noites mais chuvozas. com este e otros tratamentos hum poco piores meu cararter se tornava cada vez mais tasiturno e melancholico naõ encontrava consolo mais do q^e. deitado nas pernas de minha mãe p^r. q^e. pai de genho seco⁹⁹ e se deitava enquanto minha pobre mãe e meu irmão Florencio me esperavaõ até a ora q^e. eu chegace este hultimo embora estivece dormindo assim q^e. eu encostava na porta e ouvia

minha voz acordava e vinha abraçar-me jantavamos e hiamos juntos p^a. a cama, humas tersãs¹⁰⁰ q^e. p^r. poco não me levaõ á sepultura me privaraõ de seguir minha sinhá á Havana e quando me achei restabelecido inteiramente ninguem fará em dois annos o q^e. fiz eu em quatro mezes, me banhava quatro vezes por dia¹⁰¹ e até de noite corria á cavallo¹⁰² pescava explorei todos os montes subi todas as lombas¹⁰³ comi de quantas frutas avia nos arvoredos em fim desfrutei de todos os innocentes gozos da juventude n'esta epoca pequenisima fiquei corpanzudo lustroso e vivo mas voltando á meu antigo tipo de vida minha saúde se aquebrantou e voltei á ser o q^e. era e foi entaõ q^e. resebi dum moreno¹⁰⁴ sem querer huma pedrada na moleira q^e. me levarãõ logo á cama e foi taõ grave q^e. avendo aberto ou afundado o couro appareceo parte do cranho cuja ferida avendo ficado aberta mais de dois annos ainda hoje tem secreçoens durante hum tempo, esta perigoza ferida foi p^r. muinto tempo favoravel pois eu era muinto sangüinio¹⁰⁵ e duma natureza taõ débil q^e. a mais leve sensaçãõ me causava huma extraordinaria alteraçãõ de saúde q^e. sempre se espelia p^r. aquella parte aberta. assim susedeo q^e. avendo sido maltratado sei la p^r. q^e. todo o padesimo d'aquella pedrada junto com trez dias q^e. não deixaraõ de tratar-me atrahio sobre o cranho huma membrana negra q^e. foi presizo tenaz estopa e água-forte p^a. queimar¹⁰⁶ era médico da fazenda D^m. seilá eu Estorino hum senhor aquem eu acompanhava á caça e á pesca homem taõ piedozo quanto sabio e generozo tomou á seu cargo minha cura e o cuidado de meus alimentos e me tratava com suas proprias mãos até chegar ao ponto de não precisar mais q^e. curativo le devo esta fineza como otras muintas muintisimas a q^e. le sou sumamente agradecido elle era o hunico q^e. sabia oliar p^a. minhas rapaziadas como feitos proprios d'aquella idade p^a. quem tinha huma imaginaçãõ traveça. Me lembro huma vez ter pintado huma bruxa dando-le huma ajuda á hum diabo e elle tinha o rosto aflijido e a bruxa rizonho esta lamina¹⁰⁷ causou grande rizo á muintos mas eu tive p^r. mais de dois mezes bastante motivo q^e. chorar p^r. q^e. meu pai com a austeridade de seu cararter me prohibio q^e. pegace enquanto elle vivece os pinseis me tomou a caixinha de cores e a jogou no rio quebrando a lamina q^e. le avia dado tanto rizo.¹⁰⁸ Como desde q^e. pude fazer algo meu primeiro destino foi ser pajem tanto em Hav^a¹⁰⁹ quanto em Matanzas desde minha mais remota infansia vellava mais da metade da noite em Havana si não nas noites de theatro nas tertulhas na caza do S^{or}. Marquez de Monte Ermoso ou na caza

das S^{ras}. Beatas Cardenas de onde sahamos ás dez e começava o panceio até as onze ou doze da noite depois de aver jantado¹¹⁰ e em Matanzas, em dias marcados ou não marcados¹¹¹ comia-se na caza do S^{or}. Conde de Jibacoa, ou na do S^{or}. D^m. Juan Manuel Ofarrill¹¹² onde quer q^e. foce hiamos pasar tarde e noite na caza das S^{ras}. Gomes onde se reuniaõ as pessoas mais conhecidas e desentes do povoado p^a. jogar partidas de tresillo matillo ou burro¹¹³ eu não podia sahir de traz do espartar de seu banquinho até a ora de partir q^e. era geralmente á meia noite ora em q^e. partiamos p^a. el Molino si no interim a tertulha demorace eu dormia, ou si ao ir atraz da volante p^r. algum acazo a lanterna me apagace mesmo q^e. foce p^r. q^e. as rodeiras¹¹⁴ q^e. as carretas deixaõ se enxem d’agua e no cahir da roda espirrava entrando pelos ornatos da lanterna de folha de lataõ chegando mandava-se despertar o maioral ou arministrador,¹¹⁵ e eu ia dormir no cepo¹¹⁶ e ao amanhecer ezercia este em mim huma de suas funsoens e não como apenas á hum rapaz¹¹⁷ mas o sono tem tanto dominio sobre o espirito humano q^e. não pasavaõ quatro ou cinco noites quando era repetida¹¹⁸ pois ninguem ninguem me valia nem minha pobre mãe mais de duas vezes com meu irmaõ amanheceo me esperando enquanto eu trancado esperava hum dolorozo amanhecer ja vivia minha mãe taõ reseoz q^e. quando eu não chegava mais ou menos na ora decia de sua xoça¹¹⁹ e chegando-se até a porta da enfermaria q^e. era antes dos homens onde estava o cepo á isquerda p^a. ver si eu estava alli me chamava “Juan” e eu le respondia jemendo e ella dizia de fora “ai filho” entaõ chamava seu marido da sepultura pois quando d’isto ja meu pai avia morrido trez occasioens em menos de dois mezes me lembro ter visto repetir-se esta sena assim como notras me encontrou no caminho mas¹²⁰ a vez p^a. mim mais memoravel q^e. todas foi a seguinte.¹²¹ Estavamos sahindo do povoado e ja era mui tarde como vinha eu sentado como sempre segurando com huma mãe numa barra e na otra a lanterna a volante vinha num andar mais p^a. lento q^e. ao paso regular cahi no sono de tal maneira q^e. soltei a lanterna mas taõ bem q^e. cahio de pé, huns vinte pasos depois abri derrepente os olhos me vi sem a lanterna vejo a luz onde estava me atiro p^a. baixo corro p^a. buscalla antes de chegar levei dois tombos tropesando nos terroens afinal alcanso¹²² quero correr atraz da volante q^e. ja tinha huma vantajem consideravel mas coal não foi minha surpresa ao ver q^e. a carruagem apertou o paso e eu me esforsava em vaõ p^a. alcansalla e desapareceu; ja sabia eu o q^e. me avia de suseder;

xorando fui apé mas quando cheguei perto da caza de vivenda¹²³ me vi agarrado pelo S^{or}. Silbestre q^e. era o nome do jovem maioral este conduzindo-me até o cepo se encontrou com minha mãe q^e. seguindo os impulsos de seu coração terminou aumentando meus infortunios ella ao verme quis perguntar-me q^e. avia feito quando o maioral impondo-le silencio quis impedilla sem querer ouvir rogos nem supplicas nem dadas irritado p^r. q^e. o tinhaõ levantado á aquella ora levantou a mão e deu em minha mãe com o manati¹²⁴ este golpe eu senti em meu coração e dar hum grito e converter-me de manso cordeiro num leão foi tudo huma couza¹²⁵ me soltei com hum forte puchaõ do braso com q^e. me segurava e pulei em cima d'elle com dentes e mãos¹²⁶ quantas patadas manatiazas e demais golpes levei se pode adivinhar e minha mãe e eu fomos conduzidos e posto num mesmo lugar os dois jemiamos juntos alli enquanto meu irmão Florensio e Fernando choravaõ em caza hum d'elles tinha huns doze annos e o otro sinco este hultimo serve hoje o medico S^{or}. D^m. xxx Pintao¹²⁷ nem bem amanheceo quando dois contramaiores e o maioral nos tiraraõ levando cada hum dos morenos sua preza ao lugar do sacrificio eu soffri muinto mais do q^e. o mandado p^r. atrevido mas as sagradas leis da natureza obraraõ em otros effeitos maraviliosos, a culpa de minha mãe foi q^e. vendo q^e. me levava p^a. matar se atirou em cima e ao chamar attensaõ p^a. si consegui ficar de pé quando chegaraõ os cuidadores do tendal¹²⁸ nos conduziraõ posta minha mãe no lugar do sacrificio pela primeira vez na vida pois em bora estivece na fazenda estava izenta de trabalho como mulher dum escravo q^e. soube se comportar e ser benquisto por todos; vendo eu minha mãe n'este estado suspenso não conseguia nem xorar nem pensar nem fugir tremia enquanto sem pudor os quatro negros¹²⁹ se apoderaraõ d'ella e a jogaraõ por terra p^a. asoitalla pedia a Deus p^r. ella rezisti á tudo mas ao ouvir estalar o primeiro fuetço, virei hum leão hum tigre ou huma fera mais arrojada¹³⁰ estive a pique de perder a vida em mãos do sitado Silbestre mas pasemos em silencio o resto d'esta sena dolorosa¹³¹ pasado este tempo com otra multidaõ de soffrimentos semeliantes¹³² nos mudamos a Havana de despois de hum anno sem minha sorte variar em nada estavamos p^r. partir p^a. Matanzas e era quando comesçaraõ a circular as Moedas de Nosso catholico Monarca o S^{or}. D^m. F.7^o¹³³ chegou hum mendigo pedindo esmola minha sinhá me deu huma peseta do novo cunho mas taõ nova q^e. parecia recém fabricada, o S^{or}. D^m.

Nicolas me avia dado a noite anterior huma peseta q^e. estava em meu bolso; esta vale o mesmo q^e. esta otra dice eu e trocando-as fui dar ao mendigo sua esmola voltei á me sentar em meu lugar na ante sala attento p^r. si me chamavaõ ou si minha sinhá neselitava de alguém e logo em seguida tirei minha peseta e fiquei como hum mico dando-le giros e mais giros lendo e relendo suas inscriçõens¹³⁴ quando escapando-me da maõ a peseta cahio no chaõ q^e. como era de simento e estava perto da porta e da janela ao cahir tilintou dando seu baque correspondente nem bem cahio quando sahio minha sinhá me pedio a peseta e le dei ella oliou e virou hum pimentaõ me fez entrar p^r. seu quarto até a sala me sentou num canto ordenando q^e. não sahice dali; n'isto minha peseta ja estava em seu poder reconhecida p^r. ser a mesma sua q^e. me avia dado não fazia dois minutos, estava no momento descargando a récu^a¹³⁵ do engenho de Guanabo,¹³⁶ com taes provas á vista d'esta moeda fatal cotejada com otras e q^e. não havia duvida alguma de ser a mesma q^e. acabava de me dar não quizeraõ mais provas tiraraõ a muda de cânhamo compraraõ a corda e o mulo em q^e. eu devia ir embora¹³⁷ fiquei logo intimidado estava no lugar de castigo estranhando q^e. todos os meninos e meninas appareciaõ á porta chorando e minha sinhá entrava e sahia mui silensioza mas diligente sentou-se e escreveo perguntei baixinho de meu irmaõ á huma menina e soube q^e. estava trancado era perto das nove quando vejo entrar na sala o negro arrieiro cujo nome não me recorde agora este mesmo se approssimava de mim desdobrando a equifaçaõ¹³⁸ ja avendo deitado ao chaõ huma sog^a de pita¹³⁹ eu q^e. esperava meu castigo comum vendo o grande perigo q^e. me ameasava¹⁴⁰ fugi p^r. outra porta pois avia trez fiquei posuhido,¹⁴¹ corri até meu protector o S^{or}. D^m. Nicolas e descobri q^e. escondidos alli todos xoravaõ por ser atributo próprio da infancia, a menina Concha me dice vai onde está papai o senhor Marquez gostava de mim eu dormia com elle p^r. q^e. não roncava e em seus ataques de xaqueca le dava agua morna e le segurava a testa enquanto vomitava e si este hunico mal q^e. padesia durava huma noite e parte do otro dia eu não faltava em sua cabeceira assim quando cheguei á seu escriptorio pois tudo foi hum relampago, elle estava escrevendo p^a. seu engenho e ao me ver jogar-me á seus pés¹⁴² me perguntou q^e. era le dice e elle me dice grande cachorro e p^r. q^e. fostes roubar a peseta de tua ama, não senhor repliquei foi o menino q^e. me deu, quando me dice, ontem á noite le respondi, subimos todos acima perguntaraõ

mostrando a moeda e elle dice q^e. não; a verdade he q^e. minha perturbação não me deixou fazer huma relação cabal q^e. esclarecece hum facto tão evidente; huma pergunta cem ameaças o aspecto das equifaçoens hum engenho tão temido n'aquelles dias p^r. hum tal de Simon Diaz maior al então cujo nome só infundia terror na caza quando com elle se ameaçava tudo se accumulou em minha poca idade de dezaseis annos e eu não soube ja responder si não rogar e xorar,¹⁴³ o S^{or}. Marquez interveio e logo me conduziraõ á meu calabouço, quatro dias com suas noites fiquei alli sem ver o termino de minha prizaõ p^r. fim no quinto dia perto das seis da manhã abriãõ a porta pois em todo este tempo não me alimentava si não com o q^e. meu irmão e algum otro me dava p^r. baixo da porta;¹⁴⁴ tirado p^a. fora me vistiraõ a equifação trouceraõ a corda nova e sentado numa caixa de asucar esperei o momento em q^e. todos se reuniram p^a. partir p^r. mar p^a. Matanzas com todo o equipamento, meu irmão ao pé da escada me oliava com os olhos lacrimozos e inflamados tendo em baixo do braso hum cazaquinho velho q^e. era meu e seu chapelzinho de palha elle não avia parado de xorar desde q^e. soube meu destino tinhamos tal amor q^e. não ouve caso de q^e. elle comêce meia laranja sem q^e. eu pegace parte igual e eu fazendo tambem o mesmo comiamos brincavamos sahiamos á coalquer encargo e dormiamos juntos assim esta uniaõ vinculada pelos indicozíveis laços do amor fraterno ficou arrazado e não como otras vezes p^r. algumas horas mas p^r. algo mais do q^e. eu nem ninguem se atreueo á imaginar; p^r. fim toda a familia estava pronta me ataraõ p^a. conduzir-me como o mais vil fasinora¹⁴⁵ estavamos na porta da rua quando nos fizeraõ entrar A Senhorita D^a. Beatris de cardenas hoje madre Purita no convento de freiras Ursulinas foi a mediadora p^a. q^e. ninguem vice tirando de sua caza em tal figura alguem á quem todos teriaõ compaixaõ pois era hum rapaz¹⁴⁶ me desataraõ os brasos e huma das criadas comtemporarias amiga e paizana¹⁴⁷ de minha mãe me amarrou hum lenço na cabeça pois eu não usava calçado nem chapel nada mais tive q^e. buscar sahimos e embarcamos na goleta¹⁴⁸ propriedade de D^m. Manuel perez e fazendo vella pocas oras depois navegavamos p^a. Matanzas demoramos não sei p^r. q^e. dois dias e no seguinte ao amanhecer fundeamos no porto aonde hiamos assim q^e. chegamos meu irmão me apreçou p^a. entrarmos no bote na navegação meu irmão me deu huma muda de roupa minha q^e. avia recolhido com q^e. troquei assim q^e. chegamos á bordo pois aquelle trage posto pela primeira vez em

minha vida deixava nós dois com a mesma apparencia; assim q^e. chegamos á terra com as otras familia como eramos pequenos e não tinhamos q^e. carregar deviamos ir todos p^a. a caza do comandante¹⁴⁹ do castelo¹⁵⁰ o S^{or}. D^m. Juan Gomez á quem eraõ endereçadas cartas com ordens aserca da familia, nós q^e. nada sabiamos d'isto p^r. huma parte e p^r. otra o desejo de ver nossa mã, quando entramos na rua do meio na segunda embocadura dobramos disimulados e tomando a rua do Rio nos dirigimos á paso rapido p^a. el Molino, ja q^e. me vi desatado e q^e. em todo este tempo ninguem sequer me avia oliado nem perguntado p^r. aquelle trage em q^e. fui tirado nem minha consiensa em nada me fazia culpado ia alegre¹⁵¹ á paso rapido p^a. chegar aos braso de minha mã á quem amava tanto q^e. sempre pedia á Deus q^e. me tirace a vida primero antes q^e. me tirace ella p^r. q^e. não cria ter forsa bastante p^a. sobre vive-la. Chegando em fim e fazendo hum curto cumprimento ao arministrador M^r. Dení¹⁵² sem dizerle quasi nada eecto q^e. atraz vinha o resto da familia picamos o paso até dar com nossa mã os trez abrasados formavamos hum grupo meus trez irmãos menores nos rodearaõ abrasando-nos nas coxas, minha mã xorava e nos mantinha apertado contra o peito e dava graças á Deus p^r. q^e. le consedia a graça de voltar á ver-nos tudo isto de pé não avia trez minutos n'esta atitude quan derrepente chega ás portas o moreno Santiago servente da caza¹⁵³ ajitado banhado de suor e colerico, elle q^e. sem cumprimentar á aquella q^e. o vio nacer e o popou de q^e. meu pai o sacudice muintas vezes o pó em seus dias de aprendizajem,¹⁵⁴ lansando huma grumetada¹⁵⁵ q^e. nos surprendeo á todos me dice sem o menor avizo saia daqui p^a. fora q^e. vim correndo la do povoado deixando tudo entregue ao diabo quem te mandou vir, e quem me dice p^a. esperar le dice eu com huma especie de raiva crendo q^e. aquilo era couza d'elle e não enxergando o tamanho de meu erro me agarrou pelo braso minha mã le perguntou q^e. avia feito eu e elle respondeo ja vai saber vosmecê e pegando a corda de Havana me atou e conduzio p^a. o tendal onde ja me esperava hum negro aquem fui entregue tomamos o caminho do engenho de Sⁿ. Miguel¹⁵⁶ e chegamos á elle seria perto das 11 e tudo isto em gejum abrio a carta q^e. le enviaraõ de Havana e com muinta difficuldade achou hum par de grilioens p^a. mim pois sendo taõ magro foi mui diffycil fexar com humas pedras q^e. p^a. tirallas de mim foi de mister limallas.¹⁵⁷ Pelas cartas dirigidas ao S^{or}. comandante eu devia ter sido conduzido com hum comisionado¹⁵⁸ á este lugar pelo caminho

de Llumurí¹⁵⁹ pela preça q^e. tivemos rezultou este otro. Vinte e sinco de manhã e otras tantas de tarde¹⁶⁰ pelo espaço de nove dias quartos de prima e de madrugada¹⁶¹ era o fundamento da carta interrogou-me o maioral dice-le a verdade sem rebusos¹⁶² e pela primeira vez vi a clemensia d'este homem do campo não me castigou e me aplicando á todos os trabalhos me esforsava quando podia p^a. não levallas¹⁶³ pois todos os dias me paresia, q^e. era chegada minha ora ao cabo de duas semanas sem mister de padrinhos¹⁶⁴ mandaraõ-me buscar. Em otra occaziaõ me aconteseo hum cazo mui semeliante á este quando vivia no povoado em frente á igreja na caza do facultativo¹⁶⁵ o S^{or}. Estorino quando minha sinhá mandou trocar huma onsa¹⁶⁶ com o S^{or}. D^m. Juan de Torres o filho, fui la traze-la, quando cheguei me mandaraõ por o dinheiro q^e. era trocado e pesetas em cima duma mezinha de caoba das q^e. estavaõ preparadas p^a. voltarete no gabinete despois dum tempo a sinhá pegou o trocado sem contallo como eu tinha a tarefa de á cada meia ora pegar o pano e espanejar todos os moveis da caza estivecem ou não com pó¹⁶⁷ fui faze-lo e tomando huma de meia folha q^e. fexava e abria parece q^e. na abertura do meio cahio huma peseta q^e. quando pasei o pano pulou p^a. o chaõ e tilintou minha ama q^e. estava no quarto ao lado ao ouvir sahio e perguntando p^r. aquella moeda dice-le o q^e. avia ocorrido, contou entaõ seu dinheiro e achou q^e. faltava, pegou-o sem me dizer palavra,¹⁶⁸ o dia todo pasou sem novidade, mas no seguinte perto das dez appareceo o maioral do engenho Sⁿ. Miguel mandou me atar juntos os cotovelos e sahido pela frente deviamos ir p^a. o engenho entaõ soube q^e. suspeitando q^e. avendo-a eu introduzido na fresta formada pela desuniaõ das duas folhas da mezinha queria ficar com ella, o maioral cujo nome nem sobrenome recordo, ao chegar á rua do rio esquina oposta á caza meio terminada do S^{or}. D^m. Alejandro Montoto entaõ cadete de milisias de Matanzas, apeou-se e entrando na estalajem q^e. alli avia pedio almoso p^a. elle e p^a. mim me consolou dizendo-me q^e. não me preocupace depois de me aver desatado enquanto eu comia elle conversava com otro home tambem do campo e me lembro q^e. le dice seu pobre pai me suplicou, oliei-o com caridade eu tambem tenho filhos, ao cabo dum tempo nos levantamos, elle me montou atraz no aparelho¹⁶⁹ e chegamos ao engenho pasei sentado a tarde toda no trapiche de baixo me mandou algo de comer do q^e. elle comia e á noite me entregou á huma velha q^e. p^r. sua edade avansada não sahia p^r. trabaliar e alli fiquei

couza de nove á dez dias, quando me mandou buscar sem q^e. eu ouvece soffrido o menor quebranto. N' esta época meu pai era vivo pois foi este cazo muinto mais anterior ao presedente meu pai e algum otro criado me perguntavaõ e ezaminavaõ sobre isto e eu les dizia o q^e. avia acontecido mas minha ama nunca creu si naõ q^e. era algum ardil q^e. eu uzava; mas eu creio q^e. o tratamento q^e. tinha alli foi decizaõ sua pois minha pronta volta e o poco cazo de mim q^e. fazia o maioral sendo tempo de moenda me faz crer asim¹⁷⁰. este cazo me susedeo em tempos em q^e. esteve na Espanha o S^{or}. D^m. J^o. A^o.¹⁷¹ e foi a primeira vez na minha vida q^e. vi hum engenho depois d' esta seguiraõ-se huma multidaõ de disabores todos todos sem motivos justos,¹⁷² hum dia de desgosto¹⁷³ era p^a. mi sinal duma tempestade e os desgostos eraõ taõ freqüentes q^e. naõ dá p^a. numerar os incriveis trabalhos de minha vida basta-me dizer q^e. desde q^e. tive conhecimento bastante¹⁷⁴ até poco depois de acabada a primeira constituiçaõ de 1812 q^e. me lancei á huma fuga,¹⁷⁵ naõ acho hum só dia q^e. naõ esteja marcado com algum acazo lacrimozo p^a. mim. Asim saltando p^r. cima de varias epocas deixando p^a. traz huma multidaõ de lances dolorozos me cingirei hunicamente aos mais esensiaes como fonte ou manansial d' outras mil tristes visisitudes.¹⁷⁶

Me lembro q^e. huma vez apoz quebrar o nariz como tinha o custume quasi diariamente me diseraõ hei de te matar antes q^e. chegues á idade¹⁷⁷ esta fala p^a. mim taõ misterioza como sem sentido me deixou taõ impresionado q^e. ao cabo de alguns dias perguntei á minha mãe e ella admirada me perguntou duas vezes mais e me dice mais pode Deus q^e. o demonio filho naõ me dice mais nada q^e. satisfazece minha curiozidade mas sertos conselhos de alguns criados antigos de minha caza nativa todos unanimes e tambem de meus proprios padrinhos todo unanimes embora hum pouco differentes me deraõ alguma idéia d' esta espreçaõ. Em otra occaziaõ me recordo q^e. p^r. sei la q^e. pequenez ia soffrer, mas hum S^{or}. p^a. mim sempre bondozo me apadrinhava como era de custume e dice olha vosmecê q^e. este vai ser pior do q^e. Russô e Vortel,¹⁷⁸ e lembre-se do q^e. le digo¹⁷⁹ esta foi otra espreçaõ q^e. me fazia andar averiguando quem eraõ estes dois demonios quando soube q^e. eraõ huns inimigos de Deus me tranquilizei p^r. q^e. desde minha infansia meus directores me ensinaraõ á amar e temer á Deus pois chegava até tal ponto minha confihansa q^e. pidindo ao cel suavizace meus trabalhos pasava o

tempo todo da prima¹⁸⁰ rezando serto numero de padrenossos e ave marias á todos os santos da corte celestial p^a. q^e. no dia seguinte não me foce tão nosivo como o q^e. terminava si me acontesia algumas de minhas dificuldades comuns e dolorozas atrebuhia-o sòmente á minha falta de devoção ou ao despeito de algum santo q^e. eu avia esquesido p^a. o dia seguinte todavia creio q^e. elles me consederaõ a occaziaõ e me custodiaraõ na noite de minha fuga de matanzas p^a. Havana¹⁸¹ como veremos pois eu pegava o almanaque e todos os santos d'aquelle mez eraõ rezados por mim, diariamente.¹⁸²

Vivendo na caza do S^{or}. Estorino como ja dice q^e. sabia algo de desenho eu pintava decoraçoens em papel assim meus bastidores de vime silvestre ou varas fazia figuras de baralho e de cartaõ e p^a. entreter os meninos montava grandes ensenaçoens de sombras chinescas assistidas por alguns e algumas meninos do povoado até as 10 ou mais da noite hoje saõ grandes senhores e não me reconhecem¹⁸³ fazia titeres q^e. paresiaõ dansar sozinhos estes eraõ de madeira q^e. eu criava com hum apara-pennas e pintava os filhos do S^{or}. D^m. Felis Llamno S^{or}. D^m. Manuel e D^m. Felipe Puebla S^{or}. D^m. Fran^{co}. Madruga ou Farruco¹⁸⁴ e otros e otros como o S^{or}. D^m. José Fotom abanou as orelhas dihante de mim me propuz tambem á abanar as minhas e por fim consegui ao deduzir o meio o S^{or}. D^m. Beranes descobrindo em mim os primeiros sintomas da poezia¹⁸⁵ me dava o q^e. chamaõ de 'pé forsado'¹⁸⁶ e quando versejava na meza me dava olhadelas furtivas sem q^e. minha sinhá percebece pois por mais q^e. eu le suplicace elle gozava de bastante confihansa na caza e sabia os riscos q^e. eu corria¹⁸⁷ a mesma couza me susedia com o padre Carrasedo com D. Antonio Miralla com D^m. Jose Fernandez Madrid¹⁸⁸ todos em epocas diferentes. Si foce fazer hum ezacto rezumo da istoria de minha vida seria huma repetição de suseços todos semeliantes entre si pois desde minha edade de treze á quatorze annos minha vida tem sido huma consecução de penitensia prizaõ asoites e afliçoens assim desidi descrever os suseços mais notaveis q^e. me acarretaraõ huma opiniaõ tão terrivel quanto nosiva. Sei q^e. nunca p^r. mais q^e. me esforce em ter a verdade nos labios serei considerado hum homem perfeito ou de bem¹⁸⁹ mas ao menos perante o juizo sensato do homem imparcial se verá até q^e. ponto xega a prevensãõ do maior número dos homem contra o infeliz q^e. incorreo n'alguma fraqueza. Mas vamos saltar dos annos 1810 11 e 12 até o presente de 1835 deixando em seu

intermedio o vastissimo campo de visisitudes escolhendo entre elles os graves golpes com q^e. a fortuna me obrigou á deixar a caza paterna ou nativa p^a. experimentar as diversas cavernas com q^e. o mundo me esperava p. devorar minha inesperiente e debil joventude.¹⁹⁰

Em 1810 si bem me recordo, como eu era o cachorrinho de minha sinhá pois assim se pode dizer p^r. q^e. era minha obrigação seguilla sempre á menos q^e. entrace em seus apoentos p^r. q^e. então eu ficava ás portas impedindo a entrada de todos ou chamando quem ella chamace ou fazendo silencio se considerava q^e. ella dormia huma tarde sahimos ao jardim durante muinto tempo fiquei ajudando minha ama á colher flores ou transplantar alguns matinhos como pasatempo enquanto o jardineiro andava p^r. toda a largura do jardim cumprindo sua obrigação ao nos retirarmos sem consiensa realmente do q^e. fazia peguei huma folhinha, huma folhinha coalquer de botaõ de geranio esta malva estremamente odorosa ia em minha mão junto com sei la mais o que eu levava distraido com meus versos de memoria seguia minha sinhá á distansia de dois ou trez pasos e caminhava taõ alheio á tudo q^e. ia despedaçando a folha do q^e. rezultava maior fragansia ao entrar numa antesala naõ sei com q^e. motivo a sinhá retrocedeu, le dei passagem mas ao pasar por mim le chamou attensaõ o cheiro imediatamente colerica com huma voz fortissima e alterada me perguntou q^e. tens nas mãos; eu fiquei morto meu corpo gelou-se num instante e sem poder quasi sustentar-me pelo tremor q^e. me deu em ambas pernas, deixei cahir a porsaõ de pedaçinhos no chaõ me tomou as mãos e as cheirou e pegando os pedaçinhos paresiaõ hum montaõ hum matagal e hum atrevimento de nota quebraraõ meu nariz¹⁹¹ e logo veio o arministrador D^m. Lucas Rodriguez imigrante de S^{to}. Domingo¹⁹² á quem me entregaram, eraõ seis da tarde e no rigor do iverno a volante estava pronta p^a. ir ao povoado e eu devia seguillos mas quaõ fragil he a sorte de quem está sujeito á continuas visisitudes, eu nunca tinha ora segura e d'esta vez se verificou o mesmo como em muintas otras como veremos, eu fui p^a. o cepo n'este lugar antes enfermaria de homens¹⁹³ caberaõ si existe sinqüenta camas de cada lado pois n'ella se recebiaõ os enfermos da propriedade e tambem os do engenho Sⁿ. Miguel mas na occaziaõ estava vazia e naõ era empregada para nada alli estava o cepo e somente se depositava n'elle algum cadaver até a hora de levar ao povoado e darle huma sepultura alli collocado pelos dois

pés com hum frio q^e. gelava sem nenhuma cuberta me trancaraõ e taõ logo me vi só n'aquelle lugar quando me parecia q^e. todos os mortos se levantavaõ e q^e. vagavaõ p^r. toda a estensaõ do salaõ huma janela meio derrubada q^e. cahia no rio ou vala perto dum despenhadeiro ruidozo q^e. fazia huma torrente d'agua batia sem sesar e cada batida me parecia ser hum morto q^e. entrava por alli da otra vida considere-se agora q^e. noite pasaria eu alli nem bem avia começado á clarear quando ouvi q^e. o ferrolho corria e entra hum contramaioral seguido pelo arministrador tiraõ huma tabua apoiada numa coluna q^e. sustenta o beiral hum maço de varas com sinqüenta d'ellas¹⁹⁴ vejo ao pé da tabua o arministrador envolto em seu capote diz de traz do lenso com q^e. cobria a boca com hum voz roca amarra minhas mãos saõ atadas como as de Jesuscristo me carregaõ e metto os pés nas duas aberturas q^e. tem tambem ataõ meus pés. Oh Deus! puxemos hum vel pelo resto d'esta sena¹⁹⁵ meu sangue se derramou perdi os sentidos¹⁹⁶ e quando voltei á mim me encontrei na porta do oratorio nos braços de minha mãe inundada em lagrimas,¹⁹⁷ esta á instancias do padre D^m. Jaime Florid, se retirou disistindo da intensaõ q^e. tinha de interseder sei la eu com q^e. pretensaõ ás nove ou poco mais tarde minha sinhá se levantou e fez questaõ de averiguar si me aviaõ tratado bem o arministrador q^e. esperava por ella me chamou e devolveo á ella q^e. me perguntou si queria otra vez pegar humas folhas de seu geranio como naõ quis responder por poco naõ me repetiraõ o tratamento e tive por bem dizer q^e. naõ, seriaõ mais ou menos as onze quando comecei á hinchar me puzeraõ num quarto, trez dias sem interrupçaõ fiquei n'este estado me deraõ banhos e huntos minha mãe só apparecia alli de noite quando estimava q^e. estivecem no povoado, quando ja se contava q^e. sobreviveria e q^e. no sesto dia eu andava ja hum pouco era perto das doze quando me deparei com minha mãe q^e. atravesava o tendal me encontrou e me dice Juan tenho aqui o dinheiro de tua liberdade, vê q^e. teu pai morreo e vais ser agora o pai de teus irmaõs e ja naõ voltaraõ á te castigar mais, Juan tem cuidado... huma torrente de lagrimas foi minha hunica resposta e ella seguio e fui cuidar de meu encargo mas o resultado d'isto foi q^e. minha mãe sahio sem dinheiro e eu fiquei á esperar sei la quanto tempo q^e. ahinda naõ vi chegar¹⁹⁸

Despois d'essa pasajem me aconteceo otra e he a seguinte estando n'el Molino trouseraõ do engenho humas quantas aves capoens¹⁹⁹ e frangos como

eu estava sempre de sentinela p^a. o q^e. chegace coube á mim p^r. desgraça as receber entrei a papeleta deixando as aves no corredor em baixo do caramanchão q^e. se encontra na entrada leraõ o papel e me mandaraõ o levar ao otro lado p^a. entregar á D^m. Juan Mato q^e. era arministrador ou zelador d'aquella otra parte, peguei tudo dispensando o arreeiro²⁰⁰ fui contente pois n'este intervalo respirava eu entreguei o q^e. recebi e me recordo q^e. eraõ trez capoens e dois frangos pasadas algumas duas semanas ou mais fui chamado p^a. q^e. dece conta dum capaõ q^e. faltava no momento dice q^e. o q^e. veio foraõ trez e dois frangos e q^e. isso entreguei ficou isto assim mas na manhã siguinte vi o maioral do engenho vindo falou longo tempo com minha sinhá e foi-se, servimos o almoso e quando eu ia enfiar o primeiro bocado aproveitando o momento p^r. q^e. pasado....²⁰¹ minha ama me chamou e mandou q^e. foce na caza do maioral e le disece sei la o q^e. aquilo não me cheirou bem me opprimio o coração e fui tremendo, como eu estava acostumado de prache á ir me entregar eu mesmo p^r. isso ia reseozo cheguei á porta e la estavaõ os dois o da propriedade e o ja sitado le dei o recado e elle se fazendo de surdo me dice entre homem como no cazo me achava bem com esta gente p^r. q^e. á cada momento cahia em suas mãos le obedesi, ia repetir o recado quando o S^{or}. Dominguez q^e. esse era o sobrenome d'elle do engenho me pegou p^r. hum braso dizendo he eu q^e. elle procura, tirou huma corda de cânhamo fina me amarrou como si foce hum facinora montou seu cavallo e fazendo-me ir á frente me mandou correr e nos distansiamos d'aquelles contornos prontamente era á fim de q^e. nem minha mãe nem meu segundo irmão nem os meninos e meninas me vicem²⁰² p^r. q^e. todos imediatamente chorariaõ e a caza ficaria á ponto de luto ou me apadrinhariaõ ja tinhamos nos distansiado como hum quarto de legua²⁰³ quando fatigado de correr á frente do cavallo dei hum tropeção e cahi nem bem avia tocado o chaõ quando dois caens ou feras q^e. les seguiaõ se jogaraõ em cima de mim hum d'elles enfiando quasi todo meu queixo esquerdo em sua boca me atraveçou o insizivo até dar com meu molar o otro me perfurou huma coxa e panturrilha isquerda tudo com a maior vorasidade e presteza cujas sicattrizes estaõ perpetuas á pezar dos 24 annos q^e. pasaraõ sobre ellas²⁰⁴ deceo do cavallo e separou os cachorros e meu sangue corria em abundansia prinsipalmente na perna isquerda q^e. adormeceo inteira e logo me agarrou pelo atamento²⁰⁵ com huma mãe soltando huma cadeia de... obsenidades²⁰⁶ este puxaõ me disconjuntou o

braso direito do q^e. ahinda não estou curado p^r. q^e. com tempo ruim padeço sertamente dores como de gota, caminhando como pude chegamos ao engenho me puzeraõ dois cabrestos²⁰⁷ com suas pedras me trataraõ as mordidas com sei la coal unguento e fui p^a. o cepo, chegou a noite fatal toda aquella gente em fila me aparece no meio hum contramaioral e o maioral e sinco negros me rodeiaõ ao comando de tombar deraõ comingo p^r. terra sem a menor caridade como quem joga hum fardo q^e. nada sente hum em cima de cada maõ e cada pé e otro sentado em minhas costas me perguntavaõ pelo frango ou capaõ, eu não sabia o q^e. dizer pois nada sabia soffri 25 asoites²⁰⁸ dizendo mil couzas diferentes pois me mandavaõ dizer a verdade e eu não sabia coal me parecia plauzível com dizer q^e. o avia furtado e seçar o asoite mas tinha q^e. dizer o q^e. avia feito com o dinheiro e era otro aperto dice q^e. comprei hum chapel, onde está? era mentira dice q^e. comprei sapatos²⁰⁹ não foi isso dice e dice e dice tantas couzas p^a. ver com coal me livraria de tanto tormento²¹⁰ nove noites padeci este tormento²¹¹ nove mil couzas diferentes dizia pois ao dizer-me diga a verdade e asoitar-me ja não tinha o q^e. dizer q^e. foce plauzível p^a. q^e. não me castigacem mas não p^r. q^e. sabia tal couza acabada esta operação ia arriar bois na prima ou de madrugada segundo o quarto q^e. me cabia todas as manhãs partia huma misiva com o q^e. havia dito á noite; ao cabo de dez dias na segunda-feira espaliada a noticia p^r. todo o engenho ja se sabia á fundo a causa d'aquelle castigo quando o arreeiro Dionisio cabandonga q^e. era o arreeiro se apresentou ao maioral dizendole q^e. não mais me castigace p^r. q^e. o capaõ ou frango procurado avia sido comido pelo mordomo D^m. Manuel Pipa pois no dia em q^e. elle le deu as aves p^a. q^e. á tarde as conduzice á el Molino com a papeleta hum frango capaõ ficou na cozinha sem q^e. percebece mas q^e. ás onze da noite quando voltou do povoado levando as rasoens²¹² do dia seguinte o vio e de manhã avizou o mordomo não achando si não q^e. alguém o avia furtado e iscondido em sua chosa q^e. era a cozinha, este dice-le q^e. era hum dos q^e. elle devia ter levado a el molino mas não ostante o tomou e o deixando em seu quarto no dia seguinte sua cozinheira o guizou; chamada a morena Simona foi questionada e declarou ser serto o maioral perguntou p^r. q^e. não aviaõ falado antes e dice o Dionisi q^e. ninguem sabia só se ouvia falar capaõ, capaõ mas sem saber coal era, e q^e. si eu não ouvece contado á simona e ao Dionisio coal era o capaõ procurado ninguem teria comprendido,²¹³ não sei si deram parte d'este

asunto mas o serto he q^e. desde aquelle dia seçou o castigo me puzeraõ p^a. amolecer bagaço seco²¹⁴ com uma grande foice²¹⁵ e empiliar p^a. q^e. os balaio conduzicem ás fornhalhas, n'este dia como hum de tantos²¹⁶ coube á mim ir carregar asucar p^a. a caza de purgar²¹⁷ como não conseguia caminhar me tiraraõ huma pedra e teriaõ tirado todas si não temecem q^e. eu fugice, estava collocando fôrmas num dos tablados²¹⁸ á isquerda acabava de soltar a fôrma e dado alguns pasos quando pareceo desabar o firmamento atraz de mim e era hum grande pedaço do tecto com humas quantas vigas q^e. desabou atraz de mim em cima do negro crioulo Andres eu com o susto cahi p^r. huma abertura em baixo da caza de purgar meu cuidador gritava a negrada toda vozeava acudiraõ á tirar o Andres e eu sahi como pude pela parte baixa da porta, tiraraõ ao ja sitado com mil trabalhos e ficou com todo o cranho quebrado a pele do serebro embruliada os olhos arrebetados. O levaraõ a el Molino e morreo em poucas oras;²¹⁹ na manhã seguinte a neblina não avia se disipado qdo vi apparecer o menino Pancho hoje S^{or}. D^m. Fran.^{co} ²²⁰ de Cardenas y Manzano eu estava fracamente em meu ezercicio de amolecer e empiliar o bagaço quando elle appareceo seguido p^r. meu sigundo irmaõ, o coal me deu á entender q^e. vinha á minha procura, e a mudansa de trage e de sorte foi huma só couza; quando chegou o desgraçado á quem as vigas aviaõ maltratado disvulgou-se q^e. eu estive á ponto de perecer tambem e p^r. isso meu irmaõ q^e. servia ao menino Pancho consiguio q^e. elle pedice á sua mãe p^r. mim e logrou sem difficuldade, quando chegamos como tive q^e. vir á pé huma legua de caminho bastante escabrozo ja o sinhozinho tinha se adiantado em sua faca,²²¹ meu irmaõ e o menino me apresentaraõ á sinhá minha ama q^e. pela primeira vez vi q^e. me tratou com compaixaõ me mandou p^a. o interior da caza, meu coração estava taõ opprimido q^e. nem queria ver a comida q^e. era p^a. mim a mais sagrada e nesalaria attensaõ, cahi numa tristeza tal q^e. nem vendo todos os moços rodeado de jogos nem quando me chamavaõ eu sahia de meu triste abatimento comia poco e quasi sempre chorando, p^r. este motivo me mandavaõ limpar as caobas²²² p^a. q^e. não ficace ou chorando ou durmind^o²²³ toda minha viveza desapareceo e como meu irmaõ gostace tanto de mim este estado se tornou comum em ambos elle não fazia mais q^e. ficar me consolando mas este consolo era chorando commigo p^r. este motivo ja não me levavaõ ao povoado atraz da volante e todos cahiaõ sobre mim p^a. me fazer brincar e eu não sahia de meu melancholico estado

então me designaraõ p^a. dormir com o menino Pancho e meu irmão no quarto me compraraõ chapel e sapatos couza p^a. mim mui nova me mandavaõ me banhar e pasear á tarde e ia pescar e caçar²²⁴ con hum Senhor pasado algum tempo viemos para Havana e me deixaraõ com o S^{or}. D^m. Nicolas que gostava de mim naõ como escravo mas como filho²²⁵ apezar de sua curta idade²²⁶ então foi-se dissipando aquella tristeza inveterada em minh'alma e se manifestou hum mal de peito²²⁷ com huma toce meio epasmodica q^e. o S^{or}. D^m. Fran.^{co} Luvian me curou; o tempo dissipou todos meu males ajudado p^r. minha juventude estava bem tratado melhor vestido e querido tinha cazaca q^e. meu novo amo mandou fazer tinha muintos reales e era meu officio recusturar toda sua ropa limpar seus sapatos arrumar seu quarto e vestillo só me privava a rua e a cozinha e o contacto com pessoas de maus costumes como este senhor desde bem jovem opservou huns costumes perfeitos e irrepreensiveis queria q^e. tudo q^e. estivece á seu alcanse foce o mesmo, e consigui com elle nunca ter recebido a mais leve reprehensaõ e gostava muintisimo d'elle; percebendo q^e. nem clareava elle ja estava de pé, eu preparava antes de tudo a meza sofá e livros p^a. entregar-se aos estudos fui me identificando de tal modo com seus costumes q^e. comecei eu tambem á dedicar-me á estudos,²²⁸ a poezia em todos os tramites de minha vida me fornecia versos analogos á minha situaçaõ ora prospera ora adversa, pegava seus livros de rethorica me dava minha liçaõ e a memorizava como o papagaio e ja cria eu q^e. sabia alguma couza mas naõ reconhecia o poco fruto q^e. tirava daquilo pois nunca avia occaziaõ de le fazer uzo, então decidi dar-me otro mais hutil q^e. foi o de aprender á escrever²²⁹ este foi otro aperto naõ sabia como começar naõ sabia cortar a penna e evitaria de pegar alguma das de meu senhor naõ ostante comprei meu apara-pennas e pennas comprei papel mui fino e pegava algum pedaço dos q^e. meu senhor jogava fora de papel escripto com sua letra e os mettia entre folha e folha afim de acostumar o pulso á desenhar letras ia seguindo a forma da q^e. ficava em baixo com esta invensaõ antes de hum mez ja fazia linhas inteiras²³⁰ logrando a forma de letra de meu senhor motivo pelo coal ha certa semeliansa entre sua letra e a minha²³¹ contentisimo com meu intento alcansado pasava das sinco até as dez ezersitando a maõ em letras mihudas e mesmo de dia quando tinha oportunidade fazia-o tambem pondo-me ao pé d'algum quadro cujos rotulos focem de letras maihusculas com muintos traços consigui imitar as letras mais formozas e cheguei á faze-

las entã q^e. mais pareciaõ gravadas q^e. de penna o S^{or}. Marquez me encontrou huma vez e pelo q^e. dice aserca d'aquilo cheguei á crer q^e. ja sabia escrever entã soube meu senhor dos q^e. viaõ desd'as sinco com meu trem²³² de escriptura q^e. eu pasava o tempo todo ás voltas com meus papéis naõ pocas vezes me surpredeo na ponta duma meza q^e. avia num canto ordenando q^e. deixace aquelle entretenimento q^e. nada correspondia á minha clase²³³ q^e. achace algo p^a. custurar, n'este ponto naõ me descuidava p^r. q^e. sempre tinha alguma peça á maõ p^a. adiantar prohibiraõ-me a escriptura²³⁴ mas em vaõ todos hiaõ deitar-se e entã asendia meu toquinho de vella e me compensava á meu prazer²³⁵ copihando as mais bonitas letrinhas de Arriaza²³⁶ á quem imitando sempre me imaginava q^e. ao parecer-me á elle ja era poeta ou sabia compor versos, huma vez me roubaraõ alguns papelzinhos de desimas e o S^{or}. D^r. coronado foi o primeiro q^e. pronosticou q^e. eu seria poeta embora todo o mundo se opuzece soube como aprendi á escrever e com q^e. finalidade e asegurava q^e. da mesma maneira os otros comesçaram, no entretanto isto fazia meu senhor estava em vespera de despozar com a Senhorita D^a. Teresa de Herrera²³⁷ e era eu o mercurio q^e. levava e trazia (porém naturalmente ja pedida)²³⁸ este distinto lugar me era mui lucrativo pois recebia dobroens sem pedir tanto q^e. naõ sabia o q^e. fazer com o dinheiro e depois de fazer grande provizaõ de papel penna bonito tinteiro boa tinta e regua de caoba o restante enviava á minha mã em dinheiro²³⁹ fomos á Guanajai²⁴⁰ por motivo da temporada q^e. os S^{res}. condes de Jibacoa fazem todos os annos e alli de minha futura ama naõ faltaraõ favores que naõ me prodigace como a primeira custura q^e. me ensinou minha Sinhá foi a de mulheres ao lado de sinhá Dominga mulher branca sua custureira tive a grande honra de custurar sobre algumas tunicas de minha sinhazinha pois eu sabia e sei de guarniçoens colchoens almocelas de cama custurar em olandas e até marcar na olanda cambraia o q^e. me era muinto elogiado em obsequio á fina educaçaõ q^e. me deu minha ama; entre mil contentamentos pasei pasei²⁴¹ o tempo todo q^e. durou a correspondensia até q^e. servi as bodas e fui seu pajem de libré quando sahiaõ á passeio e misa, com esta ama minha felicidade ia cada dia maior fazendo com q^e. entre seus familiares se rezervacem á mim as mais polidas consideraçoens e meu senhor por tanto a imitava vendo-me esmerar-me em ter prazer no cumprimento de minhas obrigaçoens.

Esta felicidade foi couza de poco mais de trez annos,²⁴² quando ao vir minha sinhá aquella de Matanzas ouvio a fama de meus serviços de todo tipo e sem q^e. eu soubece p^r. q^e. decidi me levar otra vez comsigo, era tanta minha ajilidade prinsipalmente na assistensia de enfermos²⁴³ assim taõ pequenino como parecia em minha idade de 18 annos q^e. me pediaõ emprestado na familia quando avia algum enfermo á vellar, como succedeo esta vez, assistia ao S^{or}. D^m. José M^a. de Peñalber²⁴⁴ q^e. estava á cuidados com huma dor de q^e. padesia; apenas eu sabia aquecer seu banho darle a bebida na ora certa ajudallo á se levantar p^a. sertas diligensias sem rispidez e enxugallo quando se banhava, durante a noite toda meus olhos grudavaõ com o relojio na frente papel e tinteiro onde axava o medico de manhã anotado tudo q^e. occorreo á noite até quantas vezes cuspia dormia roncava sono tranquilo ou inquieto, o S^{or}. D^m. Andres Ferriles D^r. D^m. Nicolas Gutierrez²⁴⁵ e otros vendo-me assistir á enfermos me elogiaraõ este methodo q^e. segui em muintas occazioens;²⁴⁶ eu estava como dice assistindo ao S^r. D^m. Jose M^a. quando veio minha sinhá q^e. estimulada por tantos elogios me demonstrou a determinação q^e. tinha com muinto carinho, eu a ouvi com tepidez pois meu coração se anuviou ao considerar q^e. ia de novo á huns lugares taõ memoraveis e tristes p^a. mim,²⁴⁷ o S^{or}. não estava interamente bom mas continuava de cama; fomos sem tardansa á caza da sua irmã S^{ra}. Condeça de Buena vista²⁴⁸ e como partiamos dentro de alguns dias, eu não deveria mais ir ter com meus otros senhores, porém apezar d'esta hordem fui me dispidir d'elles, o S^{or}. D^m. Nicolás q^e. desde bem pequeno me tinha apreço, com meus serviços eu avia acabado de conquistar, este e sua resente espoza se dispidiraõ chorando me presentearaõ com oiro e mais, a sinhazinha me deu huns quantos lensos de olanda e dois dobroens de a quatro²⁴⁹ e meu senhor me deu toda a ropa entre ellas as duas cazacas q^e. avia mandado fazer p^a. mim e hum dobraõ de a quatro, me dispidi da familia toda e todos choravamos pois viviamos na mais perfeita uniaõ; fui embora taõ contricto e entre tantas reflecçoens q^e. de manhã entre nove e dez decidi pidir papel p^a. procurar amo, minha sinhá se asombrou com isto e me perguntou si eu não conhecia meu bem²⁵⁰ e q^e. si ella me levava era p^r. q^e. tinha q^e. fazer-lo pois eu não deveria estar n'otro lugar si não á seu lado até q^e. desidice sobre mim me virou as costas e me arrependi de ter le aborresido, á ora da refeição em caza da Senhora condeça levantou o asunto á meza manifestando á sua irmã minha audacia e se acalorou tanto q^e. me dice

dihante de todos q^e. essa era minha retribuição aos desvelos q^e. avia dedicado á minha educação me perguntou si alguma vez avia deitado a mão em mim e por poco não ponho tudo á perder,²⁵¹ porém dice q^e. não; me perguntou si eu me lembrava de minha mãe e le dice q^e. sim, pois eu fiquei no lugar d'ella, me ouves? me dice, e assim ficaremos p^r. em quanto, concluida a oração da tarde a S^{ra}. condeça me chamou á sós junto com a S^{ra}. D^a. Mariana Pizarro p^a. me desimpresionar crendo q^e. meus otros amos me ouvecem aconseliado, les fiz saber q^e. temia minha sinhá p^r. seu genio vivo, porém nada bastou sempre ficando em seu engano, me dice a S^{ra}. condeça q^e. eu deveria ficar com minha ama e esperar d'ella minha liberdade.

²⁵²[Agora me lembro q^e. o episodio do geranio foi depois d'isto enquanto estava n'el Molino p^r. q^e. foi quando minha mãe apresentou o dinheiro p^a. minha liberdade e morreo trez mezes depois de paralisia.]²⁵³

partimos afinal á matanzas fazendo rezidencia n'el Molino me mostraraõ minhas obrigaçoens e em poco tempo encontrei-me á frente dos q^e. me viraõ nacer²⁵⁴ e de tal modo q^e. os obscurecia sobresaõ em meu serviço, quando se descuidavaõ de algo se vexavaõ com a exactidaõ com q^e. eu cumpria meus deveres isto me trouce grande ojeriza dos demais²⁵⁵ p^r. esta epoca eu ja andava pela caza toda porém concluido o almoso ia á meus lugares de custume onde costurava de tudo n'esta epoca fomos morar no povoado na rua do rio na caza do S^{or}. D^m. Felis Quintero estavamos ahi p^r. couza de duas semanas quando huma manhã mui cedo hum galo bonito entrou no comedor²⁵⁶ contiguo ao dormitorio de minha sinhá e cantou eu dormia n'este lugar si o galo cantou mais de huma vez não sei mas quando o ouvi acordei espantei-o e me puz de pé, á ora de custume minha sinhá se levantou e isto foi motivo p^r. q^e. si não buscace á tempo ao S^{or}. D^m. Tomas Gener²⁵⁷ como padrinho teria ido aprender á madrugar n'el Molino,²⁵⁸ eu tinha idade de huns dez e nove annos e tinha serto orgulinho de saber

cumprir minha obrigação, e não gostava q^e. me mandarem as couzas duas vezes nem q^e. me embarçarem com trivialidades; mas o plurido²⁵⁹ de derrubar o amor proprio de quem está mais perto da graça de seu amo²⁹⁰ he hum mal contajozo q^e. eziste em todas as cazas grandes assim susedeo q^e. p^r. huma d'estas razoens hum quis me derrubar afrontando-me com espreçoens ruins até chegar á dizer-me a tal de minha mãe²⁶¹ le devolvi com otra de igual tamanho deu-me huma pescoçada q^e. não pude evitar e o ataquei, a S^{ra}. não estava em caza e eu tinha q^e. ir buscalla ás 10 em caza da S^{ra}. Gomes parti antes do tempo e quando voltamos á caza le contaraõ me interrogou neste assunto e me desculpei dizendo quem me diz a tal de tua mãe esta espuesto commigo, entãõ q^e. si elle torna á dizer-te isso tornarás á faltar com o respeito á minha caza, dice-le q^e. não faltaria com o respeito contanto q^e. não me disece tal espreçaõ, apoz trez ou quatro dias fomos almosar n'el Molino eu não estava tranqüilo esperando a ora da quebra eu conhecia as varias situaçoens de minha vida e não duvidava do q^e. ia me aconteser vi chegar o maioral e ja não tinha animo p^a. agüentar os asoites, escapei pelos fundos do jardim e corri tanto e em taõ breve tempo q^e. enquanto me caçavaõ pela caza toda eu ja estava occulto no mangues á caminho do castelo, á tarde fui ao povoado em caza do S^{or}. Conde de Jibacoa q^e. me apadrinhou; me dava vergonha estes apadrinhamentos e não ficava á vontade e chorava mares quando me lembrava da estima q^e. gozava com meus otros amos em Havana me afligia mais a longa distancia q^e. me separava d'elles não se pasaraõ sinco dias sem q^e. sei lá p^r. q^e. insinificansia hum comisionado me mandou buscar me amarrou na sala e me levou á cadeia publica ás onze da manhã ás quatro veio hum moço de campo branco me reclamou, me tiraraõ me vistiraõ huma muda de cânhamo me tiraraõ os sapatos,²⁶² e alli mesmo me raparaõ a cabeça²⁶³ e huma sogã nova de pita atou meus braços sahindo em frente p^a. el Molino; aquelle q^e. ja avia esquecido todo o pasado, provado as delicias de alguns amos jovens e amaveis, hum tanto em vaidesido pelos favores prodigados á minhas habilidades e otro tanto tresloucado tambem com o ar de cortezaõ q^e. avia asumido na cidade servindo pesouas q^e. me recompensavaõ sempre e via-se tratado d'este modo me faziaõ pensar insensanitamente q^e. em Havana lograria melhor sorte, pois cheguei á el Molino D^m. Saturnino Carrias Jovem Europeo era arministrador entãõ me interrogou sobre a culpa q^e. tinha p^r. aquilo, le dice e me mandou ao campo sem collocar-me nem a

maõ nem os grilioens estive alli huns nove dias nos trabalhos da propriedade e huma manhã em q^e. cheguei p^a. almoçar minha S^{ra}. me mandou buscar me vestiu de ropa fina e atraz da volante me conduziu otra vez ao povoado e á seu serviço eu ja era objecto conhecido como o chinito²⁶⁴ ou o mulatinho da Mar^{za}²⁶⁵. todos me perguntavaõ o q^e. tinha acontecido e me embaraçava satisfazer á tanto curiozo; n'estes tempos foi em caza a espoza do S^{or}. Apodaca governador de Havana e preparou-se hum festejo digno da personajem q^e. era.²⁶⁶ O pintor e maquinista²⁶⁷ S^{or}. Aparicio foi conduzido á Matanzas p^r. oras²⁶⁸ p^a. operar huma transformação de vitrina velha²⁶⁹ numa formoza cascata ia pintar alguns emblemas aluzivos á roza pois se chamava S^{ra}. D^a. Rosa Gaston ajudei-o e concluida a obra me deu meia onsa pois huma noite ajudando-o p^r. gosto á encher varias guirnaldas descobriu q^e. podia serle hutil e com hum poco q^e. le dice eu me solisitou á minha sinhá ãõ como offisial mas como peaõ,²⁷⁰ porém eu sombreava as rozas q^e. pelas variedades de formas d'ella q^e. elle conhecia era destro n'esta arte, ao despedir-se me deu meia onsa, e concluido o festejo fui gratificado como os demais com hum dobraõ de a dois pesos eu guardava ese dinheiro com intensaõ de gastallo em Havana. Minha ama descubrio q^e. de meia noite até a manhã os criados perdiaõ camizas num armazem jogando monte,²⁷¹ eu ãõ sabia isto p^r. q^e. nem dormia alli nem tampouco teriaõ se deixado ver por mim pois era á portas fexadas²⁷² a primeira determinaçaõ de minha sinhá foi investigar-me no dia seguinte e achando comingo mais dinheiro do q^e. me avia dado me julgou cumplice me tirou todo o dinheiro embora eu le declarace como o avia obtido pois deveria ter-la informado e fui otra vez á el Molino tampouco me aconteceo nada apezar das recomendaçaõ apoz sete ou oito dias me mandaraõ buscar correo algum tempo sem a menor novidade quando aconteceo a morte quasi subitanea de minha mã q^e. perdeo os sentidos e nada poude declarar d'este cazo eu soube apoz quatro dias como filho e amante tributei-le quanto sentimento se pode imaginar entãõ minha sinhá me deu os trez pesos p^a. as misas de alma ou de Saõ Gregorio e as mandei rezar ao padre coadijutor²⁷³ alguns dias despois minha sinhá me mandou á el Molino p^a. q^e. recolhece o q^e. minha mã avia deixado, dei ao arministrador huma misiva p^a. q^e. me entregace a chave de sua caza na coal só achei huma caixa grande mui antiga porém vazia, esta caixa tinha hum segredo q^e. eu sabia fiz pular a mola e achei em seu oco algumas jóias de oiro fino entre ellas as de mais valor eraõ

trez manilhonas²⁷⁴ antigas de serca de trez dedos de largura e mui groças dois rozarios hum todo de oiro e otro de oiro e coral porém quebrados e mui sujos achei tambem huma mixordia de papeis q^e. atestavaõ varias dividas avendo entre elles hum de duzentos e pocos pesos e otro de quatrocentos e tantos pesos estes heraõ á ser cobrados de minha sinhá²⁷⁵ e depois d'estes otra porsaõ de quantias menores. Quando naci la do campo meu avô me dedicou huma potranca baia²⁷⁶ de raça fina e d'esta naceraõ sinco q^e. meu pai ia dedicando á cada hum de meus irmãos²⁷⁷ e d'ellas trez pariraõ tambem e chegou á aver o numero de 8 entre estas particularmente huma era deforme e parecia hum cavallo era rucilha²⁷⁸ escura sempre parecia q^e. tinha o pelo untado de azeite, pelo q^e. o S^{or}. D^m. Fran.^{co} pineda quiz compralla porém meu pai parece q^e. pediu muinto esta e otra estando p^r. parir se perderaõ no serviço da fazenda carregando bahus á Havana d'estas avia os resibos ou promisorias; chegando o dia seguinte prestei contas á minha sinhá do q^e. avia e tambem os resibos ou papeletas pasados seis ou mais dias pergunto á minha sinhá si vossa mercê avia revizado os papeis q^e. le avia entregue me respondeo em tom agradavel q^e. ainda não dei esta resposta á parda Rosa Brindis q^e. cuidava da educaçaõ de minha irmã M^a. del Rosario q^e. embora foce livre a cuidava por insistencia de minha sinhá até q^e. foce capaz de cuidar de si esta me instava p^a. q^e. não deixace de lembrarle sempre q^e. pudece pois queria a parte de minha irmã p^a. sua mantensa²⁷⁹ igual como a avia criado, q^e. ella sabia q^e. a sinhá tinha dinheiro de minha mãe guardado p^a. dividi-lo entre todos seus filhos si ella morrece e eu como mais velho de todos deveria cuidar d'isto com tal conselho depois de pasados alguns dias mais, asulado²⁸⁰ sem seçar p^r. esta mulher²⁸¹ decidi falarle á minha sinhá pela segunda vez cheio das mais agradaveis esperansas; porém coal seria meu asombro quando minha sinhá me respondeo incomodada q^e. si estava mui apresado pela eransa q^e. si eu não sabia q^e. ella era erdeira forsoza de seus escravos²⁸² e si me voltas á falar da eransa te ponho onde não verás o sol nem a lua; anda vai limpar as caobas;²⁸³ esta sena occorreo na sala do S^{or}. D^m. Felis Quintero perto das onze da manhã no dia seguinte manifestei á Rosa o q^e. avia acontecido não me lembro do q^e. dice apenas q^e. todas suas duras espreçoens hiaõ cahir sobre as sinzas de minha pobre mãe²⁸⁴ d'alli á dois dias era poco mais de doze oras quando appareceo pidiu permiçaõ p^a. falar com minha sinhá consederaõ-la e esteve com ella muinto tempo; eu estava na

dispensa q^e. ficava frente á porta da rua fazendo sei la o que, quando entrou a Rosa dice-me q^e. foce la p^a. sua caza quando tivece chanse a fiz esperar e le dei duas das trez manilhas ficando eu com huma e tambem le dei todos os pedaços de rozarios hum relicario q^e. dizem q^e. em sua epoca não se comprava nem p^f. huma onsa era grande guarnesido de cordoens de oiro filigranas do mesmo metal e a face divina de Jesus estava no meio era mui avultado e tinha huns dois quartos duma correntinha mui curiozamente enlasada tudo de oiro, embrulhou-a bem, mas estando p^a. partir minha sinhá q^e. nunca me perdia de vista, se approsimou á nós e manifestando á ella²⁸⁵ q^e. não era de seu agrado q^e. tivece aquella familiaridade commigo nem nenhum de seus escravos concluiu-se q^e. ella não voltou á por os pés em caza no q^e. me conserne desd'o momento em q^e. perdi o agradavel sonho de minha esperansa ja não era hum escravo fiel me tornei de manso cordeiro na criatura mais desdenhoza e não queria ver ninguem q^e. me falace sobre esse asunto quizera ter azas p^a. desaparecer transplantando-me á Havana embotaraõ-se-me todos os sentimentos de gratidaõ e só meditava em minha fuga pasados alguns dias vendi a manilha á hum prateiro a manilha me rendeo sete pesos e alguns reales p^r. ella e á noite quando deixei minha ama em caza das S^{ras}. Gomes levei os pesos ao padre coadjuctor p^a. misas p^r. minha mãe e os reales foraõ em vellas p^a. as almas minha sinhá não tardou muinto tempo em saber pelo memso padre q^e. eu avia mandado rezar tantas misas, perguntou-me de onde consegui esse dinheiro mas como o q^e. eu menos apresiaava n'essa epoca era viver dise-le sem rodeios q^e. vendi huma manilha, quiz saber á quem mas como dei a palavra ao prateiro q^e. não diria me sustentei dizendo q^e. á alguem q^e. não conhecia; pois agora saberás p^a. que naceste me dice não podes dispor de nada sem meu consentimento fui prezo n'el Molino esta ja era a terceira vez D^m. Saturnino me perguntou o q^e. avia le dice tudo com enfado o desespero avia occupado o lugar de todos meus sentimentos minha mãe era a hunica couza q^e. eu tinha alli e essa ja não ezistia minhas lagrimas corriaõ com abundansia enquanto contava á D^m. Saturnino a distribuiçaõ do dinheiro; mandou q^e. me dizamarracem e me mandou p^a. sua cozinha ordenando q^e. dali não sahice, me dava do q^e. elle mesmo comia e dormia na manjedoura dos cavallos, me mostrou a carta de recomendaçaõ, e a verdade he q^e. me teria pesado toda minha vida essa lisensa q^e. tomei.²⁸⁶ Porém eu criado na escuridaõ de tanta ignoransia, quê poderia saber? ao cabo de oito ou

dez dias me chamou e mandou q^e. me colocarem huns grilhoens p^r. q^e. vinha a sinhá almosar no dia seguinte, e me mandou ao campo ordenando-me q^e. si me perguntarem si avia soffrido asoites q^e. dicece q^e. sim; ás nove ou p^r. alli o contramaioral recebeo ordem de me enviar p^a. a caza de vivenda, rezisti á ir mas ameaçado com dureza achei de bom agora obedecer o arministrador me recebeo com huma muda de ropa fina colorida isto he calsas e chupa²⁸⁷ q^e. visti quando fui entregarle aquelles despojos andrajozos me dice com serto ar de firmeza estas palavras q^e. me aterraram. “Saiba o q^e. te digo q^e. em menos de dois mezes vieste á meu poder em trez occazioens e nada te aconteceo faz o posivel p^a. não voltar mais p^r. q^e. te levarão os demonios, anda q^e. a sinhá te espera anda e cuidado” este S^{or}. de nação galega²⁸⁸ era de genio forte e duro de cararte era jovem e tinha de 25 á 28 annos e tanto os do campo como os da caza de vivenda o temião em alto grau pois não sómente eu andava n’estes vaivens, quando cheguei aos pés de minha sinhá me postrei pidi perdaõ por minha falta me mandou sentar no comedor e ao acabar de almoçar me mandou hum abundante prato q^e. eu não provei; meu coração ja não era bom e Havana juntamente com os felizes dias q^e. nela gozei estavaõ impreça em minh’alma e eu só dezejava ver-me n’ella notou minha sinhá o cazo q^e. avia feito da comida e não deixou de maraviliar-se de q^e. hum bom prato não me alegrace o coração.

He de admirar-se q^e. minha sinhá não pudece estar sem mim 10 dias seguidos²⁸⁹ e assim era q^e. meus grilhoens jamais pasacem de 11 á 12 dias pintando-me sempre como o pior de todos os nacidos n’el Molino de onde dizia q^e. eu era crioulo isto era otro tipo de mortificaçaõ q^e. eu tinha eu a amava apesar da dureza com q^e. me tratava e eu sabia muunto bem q^e. era baptizado em Havana.²⁹⁰ estando otra vez no povoado não sei p^r. q^e. me trata entãõ com dosura; sim nunca poderei esquecer q^e. le devo muintos bons momentos e huma educaçaõ mui distinta me mandava pasear á tarde sabia q^e. gostava de pesca e me mandava pescar si avia sirco tambem; á noite se punha em caza das S^{ras}. Gomes a manigua q^e. logo virou monte²⁹¹ e no momento em q^e. se sentava eu devia parar atraz do espartar da cadeira com os cotovellos abertos estorvando assim q^e. os de pé não le viecem em cima ou rosacem com o braço suas orelhas²⁹² ao terminar q^e. era de custume ás doze ou huma si ganhava eu levava o saquinho p^a. caza e ao chegar ao recebello enfiava a mão

e o quanto pegace me dava sem contar tomou-se de muinto asombro e satisfaçã quando me viu fazendo huma calsa p^r. minha conta²⁹³ eu a custurava p^a. o mestre Luna q^e. tinha sua loja na cazinha q^e. ficava na pracinha junto á igreja aprendi esta abilidade opservando como era a d'otras calsas pois não sabendo mais q^e. custurar tunicas e camizolas e guarniçoens, desde q^e. me enxi ou me enxeraõ da idéia de q^e. seria livre logo tratei de enxer-me de muintas abilidades ja era pasteleiro e tirava da cabeça muintas idéias q^e. eraõ favorecidas pela idéia de dezenho q^e. adiquiri com os varios mestres q^e. ensinavaõ os meninos, em meus momentos osiozos q^e. eraõ pocos inventava dobroens em pedaçinhos de papel e logo virava hum curiozo guardanapo a flor, o ananás, a concha, a dragona militar, o abanico²⁹⁴ e otras de menos graças, saõ frutos de meus momentos perdidos luzi algum tempo com ellas e otros ahinda luzem; desde bem pequeno eu tinha o custume de ler o quanto era lejivel em meu idioma e quando ia pela rua sempre andava recolhendo pedaçinhos de papel impreço²⁹⁵ e si estava em verso não resava antes de aprendello todo de memoria assim eu sabia a vida de todos os santos mais milagrozos e os versos de suas rezas²⁹⁶ os da novena de S. Antonio²⁹⁷ as do trisajio²⁹⁸ em fim todos os de santos p^r. q^e. eraõ os q^e. chegavaõ á meza de minha sinhá nos dias de repastos²⁹⁹ q^e. eraõ quasi diharios eraõ coroados regularmente por trez ou quatro poetas improvizadores q^e. ao concluir-se o repasto me deixavaõ bastantes versos pois eu tinha minha casca de ovos³⁰⁰ e minha penna e assim q^e. terminavaõ enquanto otros aplaudiaõ otros transbordavaõ os copos eu atraz de alguma porta copiava os trexos q^e. guardava na memoria quando minha ama adoçou seu genio commigo eu fui esquecendo insensivelemente serto dureza de coração q^e. avia adiquirido desde a hultima vez q^e. me condenou á corrente e ao trabalho perseverando em não me collocar nem q^e. mandacem por a maõ avia esquecido todo o pasado e a amava como á huma mã³⁰¹ não gostava de ouvir os criados motejando-a³⁰² e teria accuzado á muintos³⁰³ si não me constace q^e. quem vinha com hum conto era quem a offendia p^r. q^e. aquelle o fez onde ella não o ouviu e quem o dizia se valia d'este meio p^a. incomodalla; huma máxima q^e. a ouvi repetir muintas vezes eu estava bem visto como nunca e de nada sentia falta e me persebia como si ja foce livre só se esperava q^e. soubece trabaliar e tivece idade competente p^a. resebe-la³⁰⁴ isto me fez internar-me hum tanto em sertas artes mecanicas e lucrativas q^e. si foce hoje não me faltaria não

digo do q^e. comer mas do q^e. ter; n'esta epoca escrevi muintos cadernos de desimas de pé forsado q^e. eu vendia meu guia era Arriaza q^e. eu trazia de memoria; a poezia quer hum objecto á quem se dedicar, o amor regularmente nos inspira eu era innosente demais e ainda não amava por consiguiente minhas compoziçoens eraõ frias imitaçoens.³⁰⁵

Ao cabo de trez mezes ou quatro de meu hultimo acontecimento armou-se huma viagem á Madruga onde minha sinhá deveria tomar banhos³⁰⁶ e de facto fomos, com seus males minha S^{ra}. retomou seu antigo mal umor, me jogava na cara sem seçar a liberdade q^e. tomei em dispor d'aquellas prendas avendo menores q^e. eraõ em numero de sinco e d'isto me accusava de furto, vá saber á q^e. mãos teriaõ hido a eransa e os bens dos otros, p^a. q^e. perdece tudo em jogos em quatro dias³⁰⁷ e sem seçar me ameaçava com el Molino e D. Saturnino as hultimas espresoens d'este estavaõ gravadas em meu coração e eu não tinha a menor gana de voltar á ter com elle perguntei quantas leguas distava alli até Havana e soube q^e. doze³⁰⁸ axeí q^e. não as poderia venser numa noite de andada á pé e dezisti de seguir pensando em ver-me em Havana esperando q^e. quando la foce alguma vez fazer com q^e. minha sorte se desidice sempre com a idéia de q^e. era livre³⁰⁹.

Hum dia, este dia de rezignaçaõ prinsipio de quantos bens e males o mundo me deu p^a. provar foi como se segue era sabado antes do almoço segundo era nosso custume eu tinha q^e. assear-me pois vestia duas vezes por semana,³¹⁰ p^a. isso fui ao banheiro do tacho³¹¹ q^e. distava huns trinta pasos num declive á frente da caza em quanto me banhava me chamaraõ p^r. ordem da sinhá ja se pode imaginar como sahiria; me recebeo perguntando o q^e. fazia no banho respondi q^e. me asseava p^a. vestir-me, com q^e. lisensa o fizeste? com nenhuma respondi. e p^r. que foste? p^a. assear-me,³¹² esta sena foi no comedor ou varanda na porta da rua,³¹³ alli mesmo me quebraraõ o nariz e fui p^a. dentro vertendo duas veias de sangue, isto me afligiu e envergonhou p^r. q^e. na porta ao lado vivia huma mulatinha de minha idade a primeira q^e. me inspirou huma couza q^e. eu não conhecia era huma inclinaçaõ angelical hum amor como si foce minha irmã eu le prezenteava com pencas de maravilhas³¹⁴ coloridas q^e. ella recebia dando-me algum doce seco ou fruta eu le tinha dito q^e. era livre³¹⁵ q^e. minha mãe tinha morrido avia não muinto;

naõ bastando o ja dito perto das dez minha ama me fez tirar os sapatos me rasparaõ a cabeça, embora isto foce mui freqüente, esta vez me cauzou a maior mortificaçaõ, e fazendo-me tomar hum barril me mandou carregar agua p^a. a caza o arroio distava da frente da caza huns trinta pasos fazendo huma desidinha quando enxi meu barril vi-me nesesitando naõ só esvaziallo pela metade mas tambem de supricar á alguem q^e. pasava q^e. me ajudace alsallo ao hombro, quando subia o morrinho q^e. avia até a caza com o pezo do barril e minhas forsas nada ezersitadas³¹⁶ falseou-me hum pé cahi dando no chaõ sobre hum joelho o barril cahiu hum poco mais á frente e rodando de volta me deu no peito e os dois fomos parar no arroio, inutilizando-se o barril³¹⁷ me ameaçaraõ com el Molino e D^m. Saturnino á quem eu ja temia, suporaõ aquelle suseço como de intensaõ premeditada e a ameaça era grave, naõ cheguei até a noite sem derramar muintos esputos³¹⁸ de sangue; esse tratamento me foi de novo o quanto os carculos errados q^e. eu avia construido de minha sorte³¹⁹ disenganado de q^e. tudo era hum sonho e q^e. meu padecer se renovava me acometeo de novo a ideia q^e. tinha de ver-me em Havana; no dia siguinte q^e. era domingo quando os amos estavaõ na misa hum criado livre da caza me chamou e estando á sós com elle me dice; rapaz naõ tens vergonha de estar pasando tantas agruras coalquer negro boçal³²⁰ está melhor tratado q^e. tu, hum mulatinho fino com tantas habilidades como tu³²¹ á coalquer momento achará quem o compre me falou d'este modo muinto tempo concluindo p^r. dizer-me q^e. si eu chegace ao tribunal do capitão general fazendo hum relato pontual³²² de tudo q^e. me susedia poderia terminar livre³²³ me insinuou a estrada q^e. levava á Havana dizendo-me q^e. aproveitace a primeira oportuniidade, q^e. naõ foce bobo isto me afligiu muintisimo pois sem o menor avizo pacei á temer mais do q^e. o regular, e o quanto mais eraõ as terriveis insinuaçoens q^e. me fez, e q^e. naõ incluo aqui p^r. serem muinto impertinentes.³²⁴

heraõ as onze da manhã duma segunda-feira quando vi D^m. Saturnino chegar apeou-se e seu cavallo foi levado, desd'o momento em q^e. esta pessoa entrou minha vida toda afeleou-se³²⁵ meu coração latia com insesante ajitação e meu sangue todo num estado de effervesensia naõ me deixava sosegar regularmente a latrina era meu quarto de meditaçaõ enquanto estava n'ella conseguia ter algum pensamento sosegado, assim estava n'ella perto das

quatro ouvi q^e. conversavaõ huma femea e otro criado esta era doméstica e perguntando aquelle p^r. q^e. motivo teria vindo o arministrador; esta respondeo vivamente p^a. que ha de ter vindo, p^a. levar o Juan Fran^{co}. o criado se compadeceo e eu fiquei informado de minha má sorte; não me he dado ser capaz de pintar minha amarguisima situaçaõ neste instante, hum tremor geral se alastrou p^r. todo meu corpo e ao atacar-me huma dor de cabeça quasi não conseguia ficar de pé; ja me via atravessando o povoado de Madruga como hum fasinora atado raspado e vestido de canhamo³²⁶ tal coal me vi em Matanzas arrancado da cadeia publica p^a. ser conduzido á el Molino ja recordando as hultimas amohestaçoens, do ja sitado D. Saturnino me via n’el Molino sem paes n’elle nem siquer parentes e numa palavra mulato e entre negros;³²⁷ meu pai tinha altivez e em sua caza nunca permitiu não só corrilhos³²⁸ como nem q^e. seus filhos brincacem com os negrinhos da fazenda; minha mãe morava com elle e seus filhos pelo q^e. não heramos mui bem quistos,³²⁹ tudo isto me appareceo em minha alvoroçada imaginaçaõ e n’aquelle momento decidi minha fuga, la pelas sinco da tarde aquelle q^e. me tinha ja sugerido o partido q^e. deveria tomar como favoravel, me dice rapaz tira esse cavallo d’ali e ponha-o la p^a. q^e. fique ao ar livre q^e. assim estará fazendo barulho e os amos podem acordar quando hires buscalla p^a. D^m. S.³³⁰ ao dizer-me isto me entregou tambem as esporas dizendo-me alli está a sella sem coldre saberás onde está p^a. quando for nesessaria hum oliar seu me convenseo de q^e. falava p^a. q^e. eu aproveitace o tempo este criado sempre foi mui dado com meu pai e tratava minha mãe com algum respeito mesmo depois de vihuva,³³¹ eu não estava desidido o bastante p^r. considerar q^e. deixaria meu irmaõs n’el Molino e q^e. teria q^e. andar a noite toda p^r. caminhos desconhecidos e esposto á cahir em mãõs d’algum comisionado.³³² Porém coal não foi minha surpresa quando depois de todos acabarem de jantar e estando eu sentado á sós sobre hum toco meditando si me desidia ou não, vi approcimar-se D^m. S. q^e. me perguntou onde eu dormia³³³ le indiquei em cima dum desvaõ³³⁴ porém isto acabou de sellar minha rezoluçaõ, tal vez sem esta pergunta não me ouvece desidido nunca eu era mui medrozo. Esta pergunta bem pode ter sido feita com toda ignosensia e q^e. tudo foce falatorio de criados q^e. tudo variaçe á mesma ora como n’otras occazioens mas eu não pude resebe-la si não como mui mau agora em vista do q^e. ja era de meu conhecimento assim decidi partir com todo risco, me veio á memoria a má

sorte dum tio meu q^e. avendo tomado igual desizão de sahir da caza do S^{or}. D^m. Nicolas S^{or}. D^m. Manuel e S^{or}. Marquez foi trazido como todo escravo fugido³³⁵ não obstante estava rezolvido á jogar a sorte e padecer com motivo³³⁶ vellei até despois das doze aquella noite todos se recolherão sedo p^r. ser noite de iverno e estava hum poco chuvoza, sellei o cavallo pela primeira vez na vida puz-le o freio mas com tanto tremor q^e. não atinava direito o q^e. fazia³³⁷ ao acabar esta diligensia me ajoelhei me encomendei aos santos de minha devoção puz o chapel e montei quando ja ia andar p^a. retirar-me da caza ouvi huma voz q^e. me dice Deus te leve com boa ferradura eu achava q^e. ninguem me via mas todos me opservavaõ porém nenhum tentou impedir-me como soube depois³³⁸ mas o q^e. me aconteceu á seguir veremos na segunda parte³³⁹ d'esta istoria.³⁴⁰

³⁴¹[Até aqui Manzano: esse pobre escravo cujo peito encerra todavia um coração de poeta, vive ainda graças a uma coleta promovida por um Americano tão ilustrado quanto generoso, goza hoje da liberdade, mas é negro, e um negro em Cuba não pode ser feliz: por isso é que Manzano, para dar de comer a sua mulher e aos seus filhos, trabalha de cozinheiro. O criado, não obstante, valerá seguramente mais que seu amo, assim como valia o escravo muito mais que seus Senhores.]³⁴²

Notas.

¹ Manzano não deu título ao texto. Em cartas, só se referia a ele por eufemismos: “o assunto”, “o projeto”, “a história”. Os primeiros trechos só seriam publicados em Cuba décadas depois, em 1878, na antologia *Poetas de Cor*, organizada por Francisco Calcagno, que afirmou: “no círculo literário, todos a conhecem de ouvir ou de ler: tanto que, quando alguém diz ‘autobiografia’, por antonomásia já se entende que se fala da de Manzano”. O manuscrito que se encontra na Biblioteca de Yale, copiado por Nicolás Azcárate da versão corrigida por Anselmo Suarez y Romero em 1839, chama o texto de “autobiografia”. Ambos manuscritos da Biblioteca Nacional José Martí também. [Luis, *Autobiografía*; Miller, “Imitation”.]

² O texto em colchetes, escrito por uma caligrafia que não a de Manzano, está na capa do caderno que contém a versão autógrafa da autobiografia utilizada por mim. O caderno pertencia originalmente a Domingo del Monte e hoje se encontra na Biblioteca Nacional José Martí, em Havana. Não se sabe quem escreveu a nota introdutória.

³ Domingo Miguel del Monte y Aponte (1804–1853), o “mais verdadeiro e mais útil dos cubanos de sua época”, nas palavras do herói nacional José Martí, pouco escreveu, mas em suas tertúlias literárias (no Brasil, chamaríamos de saraus), realizadas regularmente entre 1834 e 1843, foi gestada, discutida, lida, comentada, editada e corrigida a incipiente literatura nacional cubana. Apesar de membro de um dos mais poderosos grupos escravistas do mundo, com mais de quarenta engenhos de açúcar e quinze mil pessoas escravizadas somente em Cuba, del Monte empreendeu a delicada tarefa de contestar a escravidão sem demandar sua abolição, uma espécie de delicado e instável “antiescravismo escravista”. Do grupo delmontino, saíram diversas narrativas cubanas sobre a escravidão, inclusive a autobiografia de Manzano, escrita a pedido de del Monte e enviada, junto com outros textos abolicionistas, para ser publicada em Londres. Parte da açúcarocracia cubana, ou seja, da elite produtora de açúcar, reformista e não abolicionista, percebendo que o sistema de trabalho escravo era incompatível com a escala industrial-capitalista de produção dos engenhos de açúcar, queria libertar-se da escravidão e do tráfico negreiro, mas não libertar as pessoas escravizadas. Em 1844, a repressão à pretensa Conspiração de Escalera — uma mescla de Plano Cohen com Revolta dos Malês, que pode ter sido real ou não — deu ao governo metropolitano espanhol a perfeita justificativa para enquadrar com violência esse protonacionalismo cubano. Cauteloso, del Monte se autoexilou na Europa, onde escreveu uma carta aberta ao jornal francês *Le Globe* garantindo não ter nenhum envolvimento com a tal Conspiração, pretensamente liderada por pessoas negras livres e escravizadas, e despindo várias máscaras: entre outras coisas, admitiu desejar não só o fim do tráfico mas também limpar Cuba da infeliz e atrasada raça africana, que ameaçava a existência social e política da Colônia, pois só assim Cuba se tornaria o mais brilhante “bastião de civilização” da raça caucasiana no mundo hispânico. E acrescenta que precisaria ser “louco delirante” para apoiar “uma amálgama social” das raças somente para conseguir a independência, essa monstruosidade. Palavras do “mais verdadeiro e mais útil cubano de sua época”. [Moreno Friginals, *Cuba*, 243–7; Molloy, 220; Azougarh, 22–23; Torres-Cuevas e Reyes, 179, 206. Sobre Del Monte, ver especialmente Martínez Carmentate, *Domingo Del Monte*, 442.]

⁴ Em uma das tertúlias literárias do grupo delmontino, Manzano teria causado tanta comoção ao ler em voz alta seu poema “Meus trinta anos” que os presentes decidiram fazer uma coleta para libertá-lo. Ou seja, literalmente, trocou uma poesia pela liberdade. Infelizmente, apesar de essa bela e inspiradora história de superação literária ser muito repetida, em todo o vasto e detalhado epistolário trocado pelos delmontinos não se conseguiu encontrar nenhuma referência concreta a esse evento por alguém que teria estado lá. A coleta foi real, e resultou na liberdade de Manzano, mas a tradição de que teria sido causada pela leitura do poema é provavelmente apócrifa. [Quem me chamou atenção para isso foi o historiador matancero Urbano Martínez Carmenate, durante um café da manhã em Matanzas.]

⁵ Um preço alto — os pais de Manzano, apesar de talentosos, foram avaliados em somente trezentos pesos cada. Ser uma pessoa escravizada bem valorizada trazia consigo o ambíguo benefício de dificultar a obtenção da liberdade.

⁶ A última proprietária de Manzano foi a senhora María de la Luz de Zayas. Em uma carta a del Monte em 1834, Manzano é só elogios para ela: “a benevolente e nunca suficientemente elogiada senhora”. Entretanto, meros dois anos depois, quando del Monte foi entregar a ela os caros oitocentos e cinquenta pesos reunidos na coleta pela liberdade de Manzano, a benevolente senhora ficou revoltada por “tanta ingratidão” da parte daquele “cachorro escravo” e disse que era uma “insolência” que ela se privasse de uma pessoa escravizada daquele calibre depois de tanto trabalho para formá-lo! Talvez não devêssemos confiar na sinceridade ou exatidão dos elogios que uma pessoa escravizada faz sobre sua senhora escravista a um outro senhor escravista, do mesmo círculo de relacionamentos que ela, e de quem a pessoa escravizada dependia para obter sua liberdade. Manzano e del Monte eram amigos, mas Manzano nunca ousou se sentar em presença de del Monte, ficando sempre de pé; del Monte, por seu lado, não convidou nem comunicou a Manzano sobre seu casamento. A relação entre ambos (amizade?) só pode ser compreendida dentro do sistema escravista do qual ambos faziam parte, uma sociedade onde a lei ao mesmo tempo em que dizia que pessoas negras livres e pessoas brancas tinham os mesmos direitos, também estipulava que as negras deveriam sempre respeitar as brancas. [Friol, 55, 58; Deschamps Chapeaux, 17, 49.]

⁷ Não é verdade. Ela foi escrita e, mais tarde, extraviada pelo membro da tertúlia delmontina encarregado de copiá-la e corrigi-la. [Friol, 228–31.]

⁸ Não é verdade. Manzano escreveu a autobiografia em 1835, obteve sua liberdade em 1836, publicou sua peça de teatro *Zafira* em 1842 e continuou escrevendo poemas até, pelo menos, 1843, um ano antes de ser preso durante a repressão à Conspiração de Escalera. Depois disso, de fato, passou seus últimos anos em silêncio: deixara de ser útil à açúcarocracia e ela, a ele. A repressão não matou o homem mas calou o poeta: Manzano percebeu que a relevância literária era um perigo (o outro poeta afrocubano famoso, Plácido, foi fuzilado) e se calou. Os açúcarócratas do grupo delmontino talvez até desejassem a abolição do tráfico ou da escravatura, mas sua própria concepção de mundo e de si mesmos não concebia a possibilidade de um intelectual negro. Com exceção da pequena janela histórica que se abriu para Manzano, uma união de abolicionismo militante britânico com capitalismo independentista açúcarócrata (que logo desistiu de suas intenções autonomistas e escolheu permanecer colônia da Espanha até o último momento possível), nunca houve espaço para Manzano falar, escrever ou mesmo existir, seja como intelectual ou artista. [Moreno Friginals, *Cuba*, 245; Moliner em Franco, 231; Draper.]

⁹ A tomada de Havana pelos ingleses em 1762, quando por poucos meses Cuba esteve aberta ao comércio com o mundo, é geralmente considerada o marco inicial do *boom* açucareiro e da consequente expansão escravista cubana. Não deixa de ser simbólico que Beatriz de Jústiz y Zayas, a marquesa Jústiz de Santa Ana (1733–1803), tenha ficado famosa na ilha justamente por seu poema “Memorial dirigido a Carlos III por las señoras de la Habana”, um texto transgressor e polêmico, onde ela lamenta a rendição da cidade, e tem a ousadia inédita, em se tratando de uma mulher, de culpar o governador e censurar os oficiais pela derrota. De certo modo, ela, em seu poema, e Manzano, na autobiografia, estão lamentando a mesma coisa: o momento fundacional do escravismo cubano em larga escala. Depois de causar tanta polêmica aos meros vinte e nove anos, só vamos saber dela de novo quando aparece protagonizando outra página inaugural da literatura cubana: como a primeira e mais gentil proprietária de Juan Francisco Manzano, nascido em sua casa, recipiente do seu carinho e, quem sabe, herdeiro de seu talento literário transgressor. É como se o primeiro escritor negro cubano estivesse nos devolvendo a primeira escritora cubana. [Campuzano, “Muchachas”; Williams, 48.]

¹⁰ Era comum dar às pessoas escravizadas os sobrenomes de seus donos, como se fossem da família. Ou talvez como se etiquetasse um caderno. Até hoje, os sobrenomes mais comuns entre as pessoas afrocubanas são os dos antigos ricos e magnatas da colônia (nosso narrador comete aqui um pequeno engano: o nome do marido de Beatriz, o primeiro Marquês de Jústiz Santa Ana, era Manuel José de Manzano y Jústiz — não Juan — e ele faleceu em 1796, um ano antes do nascimento do nosso poeta-escravo, o que ajuda a explicar o deslize). [Ortiz, X; Friol, 47–48; Campuzano, “Muchachas”.]

¹¹ Nos séculos XVIII, XIX e XX, existem inúmeras referências a um engenho de açúcar pertencente aos marqueses de Jústiz de Santa Ana e de Prado Ameno, a cerca de quatro ou cinco quilômetros de Matanzas, às margens dos rios San Juan e San Agustín, sob os nomes de *Los Molinos* ou (como o chama Manzano) *El Molino*. As coincidências de localização e de proprietários indicam fortemente se tratar do mesmo engenho, conhecido e referido por nomes diferentes. [Perret Ballester, 154.]

¹² Exemplo de correção no manuscrito: a palavra “abastecida” aparece rasurada e, acima dela, acrescenta-se a palavra “cheia”. A partir de agora, vou simplesmente incorporar e aceitar as interferências editoriais no manuscrito, sem chamar atenção para elas nas notas, a não ser em casos excepcionais.

¹³ Sublinhadas no manuscrito original, como se Manzano acreditasse no poder mágico dessas palavras. As palavras sublinhadas no meu texto serão sempre as mesmas sublinhadas no manuscrito.

¹⁴ Futura senhora de Manzano e principal (se podemos usar esse termo) “antagonista” do texto. Trinta anos mais velha que o nosso narrador, María de la Concepción Manzano y Jústiz, a marquesa de Prado Ameno, nasceu em 1768 ou 1769 e faleceu em 1853. Foi esposa do segundo Marquês de Prado Ameno, Dom Miguel de Cárdenas. [García Marruz, 171–2.]

¹⁵ Filho da marquesa de Prado Ameno.

¹⁶ Nicolás de Cárdenas y Manzano, também filho da marquesa de Prado Ameno, nasceu em 1793.

O pardo Toribio de Castro e a negra María del Pilar, pai e mãe de Manzano, provavelmente se casaram por volta dessa data. Quando Nicolás falece, em 1841, Manzano publica um soneto em sua homenagem no jornal *Diario de la Habana*. [Friol, 149.]

¹⁷ Manzano acabou de dizer que, quando uma de suas criadas contraía núpcias, a marquesa lhe presenteava a liberdade como dote e estendia a proteção de sua casa ao marido e aos filhos — filhos esses que portanto nasceriam livres. Por que então isso não acontece com a mãe de Manzano? Por que María del Pilar se casa com Toribio de Castro... e continua escravizada? Aliás, permanece escravizada até morrer, tendo diversos filhos e filhas, inclusive nosso narrador, que nascem na escravidão. Será essa sua recompensa por ter sido a última criada que sobrara à marquesa? O episódio é característico da prosa de Manzano: depois de tecer mil elogios à pretensa bondade de uma pessoa branca, ele sorratamente sugere que as coisas não eram bem assim. [Stoneham.]

¹⁸ Manzano aparentemente estava em dúvidas sobre sua data de nascimento. Nossa melhor estimativa é janeiro de 1797. [Friol, 154–156.]

¹⁹ No manuscrito, depois de “nenhum”, Manzano acrescenta “de esses senhores”. Ou seja, por não haver nenhuma outra criança na casa, Manzano recebeu a atenção plena de sua ama.

²⁰ Original: “*media criandera*” (sic). “Meia ama-de-leite” era a mulher negra escravizada que dava de mamar ao mesmo tempo à sua própria criança e à outra. [Friol, 36.]

²¹ Tanto criado-mor (chefe dos criados de uma casa-grande) quanto mucama pessoal da sinhá e ama-de-leite do sinhozinho eram atividades altamente prestigiosas. Os pais de Manzano estavam na elite das pessoas escravizadas, e ele também.

²² Na época, tanto no Brasil quanto em Cuba, o termo “crioulo” era usado para designar uma pessoa negra nascida nas Américas, em oposição às boçais, ou seja, nascidas na África. No mundo hispânico, o termo foi posteriormente expandido e ganhou nova acepção, significando qualquer pessoa nascida nas Américas, inclusive brancas.

²³ Termos como “senhor”, “senhora”, “senhorita”, “dom”, “dona”, “cavalheiro”, “menino” (“*niño*”) e “menina” (“*niña*”) eram exclusivamente para pessoas brancas. Ou seja, Manzano era tratado como uma criança branca.

²⁴ Carruagem leve e rápida, de capota fixa e puxada por apenas um cavalo, com duas rodas e um eixo, às vezes bem largo, onde sentavam entre duas e quatro pessoas. Foi muito popular nas Antilhas durante a época colonial, especialmente em Cuba, onde tornou-se símbolo de status e de luxo. Dentre as carruagens utilizadas no Brasil, o equivalente mais próximo seria o cabriolé, que geralmente comportava somente duas pessoas e tinha capota móvel. Na Havana de 1800, circulavam três mil volantes, mas as ordenanças municipais proibiam que a população dita “de cor” usasse qualquer tipo de carruagem “sem desculpas nem pretexto”. [Torres-Cuevas e Reyes, 84; *Dicionário Pichardo de Frases e Expressões Cubanas*, publicado pela primeira vez em 1836, enquanto Manzano escrevia sua

autobiografia. Consulte a edição cubana de 1985.]

²⁵ Nome popular pelo qual era conhecida uma enorme grua do porto de Havana.

²⁶ Pais e mães escravizadas perdem até mesmo o direito de educar ou punir o filho — que, por seu lado, demonstra mais carinho pela ama e faz de tudo para se distanciar de qualquer coisa que possa lembrar suas raízes africanas.

²⁷ São Francisco.

²⁸ Religioso espanhol (1504–1588), da ordem dos dominicanos, passou quase toda a vida em Portugal, recusou bispados e honrarias, e escreveu vários livros de sermões e orações.

²⁹ A palavra “moleque”, do quimbundo “garoto”, era usada exclusivamente para se referir a meninos negros escravizados.

³⁰ Manzano naturalmente introjeta e reproduz o machismo da sociedade colonial cubana.

³¹ Original: “*cosia*” (sic). O verbo “cerzir” também significa, por extensão, unir uma coisa à outra, intercalar, juntar sob núcleo comum etc. Portanto, apesar de Manzano mais tarde ter se tornado alfaiate, aqui ele provavelmente se refere a cerzir peças musicais.

³² Nessa época de prosperidade econômica, em pleno *boom* do açúcar, Havana tinha talvez uma das cenas teatrais mais vibrantes da América Hispânica.

³³ Original: “*mis padres resivian de mi la porsion de galas q^e. recojia en la sala*” (sic). Significado obscuro. Provavelmente, as pessoas da elite branca que frequentavam a casa deixavam gorjetas, presentes e mimos para aquela criança escravizada tão falante e tão talentosa.

³⁴ A autobiografia de Manzano não é prosa espontânea ou literatura *naif*: houve reflexão, houve escolha de episódios, houve construção narrativa. Manzano continuamente menciona episódios que decide não contar. Mais ainda, ele subverte as regras da autobiografia: escreve não para ajustar contas com o passado ou para buscar o sentido de sua vida, mas, simplesmente, pelo contrário, escreve sobre sua vida para conseguir finalmente vivê-la em liberdade. [Azougarh, 26–27.]

³⁵ Manzano faz questão de sublinhar suas muitas felicidades. Teria sido acolhido e celebrado e libertado pelos literatos escravistas se tivesse sublinhado suas muitas raivas, seus muitos ressentimentos, seus muitos ódios?

³⁶ Casaco curto e leve para uso caseiro de mulheres e crianças. [*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.*]

³⁷ Beatriz de Cárdenas y Manzano, filha dos Marqueses do Prado Ameno, nasceu e foi batizada em fevereiro de 1789, oito anos antes da data estimada do nascimento de Manzano. [Friol, 50.]

³⁸ O pai de Manzano também tinha talentos artísticos e musicais. Quantos outros teriam? Na primeira metade do século XIX e até a Conspiração de Escalera, as pessoas negras formavam a grande maioria das profissionais da música em Cuba. [Deschamps Chapeaux, 105–118.]

³⁹ Fixar previamente o valor de uma pessoa escravizada para que a proprietária não pudesse mais tarde exigir um valor maior por sua liberdade. Uma vez estabelecido seu próprio preço, as pessoas escravizadas podiam então começar a pagá-lo a prestações. Muitas vezes, depois de quitar parte dos pagamentos, começavam a se considerar praticamente libertas, já não admitiam mais castigos corporais, exigiam tempo livre para poder trabalhar mais e comprar “o resto” de sua liberdade. A pessoa escravizada poderia se coartar se contasse com pelo menos cinquenta pesos — ou seja, um sexto do preço individual dos pais de Manzano. Pouco mais tarde, o Regulamento de Escravos de 1842 estipulou que, caso a pessoa escravizada possuísse pelo menos cinquenta pesos, a proprietária era obrigada a coartá-la. Na prática, conseguir a liberdade pela coartação era raro: dentre as poucas pessoas escravizadas que tinham acesso a fontes de renda, muitas morriam antes de fazer o último pagamento; a proprietária, além de ter usufruído de seu trabalho por toda a vida, ainda embolsava o valor já pago por sua liberdade. [Pichardo; Ortiz, XVII e XX; de la Fuente.]

⁴⁰ Trezentos pesos era um valor relativamente alto: em 1840, já livre, Manzano ganhou 250 pesos na loteria e, com isso, conseguiu parar de trabalhar por quase um ano. Por outro lado, para pessoas escravizadas tão habilidosas quanto seu pai e sua mãe trezentos pesos era um valor relativamente baixo. A liberdade de Manzano, como vimos, custou 850 pesos. Pouco mais tarde, em 1839, Del Monte, em entrevista para o abolicionista britânico Richard Madden, estimou que o preço médio de um homem negro era de 350 a 400 pesos. Portanto, seu pai e sua mãe serem coartados por um valor relativamente tão baixo era de fato uma boa notícia e um arroubo de generosidade. [Torres-Cuevas e Reyes, 184–191.]

⁴¹ Original: “*yo debí ser algo mas feliz, pero pase*” (sic). Em uma primeira leitura, parece que Manzano não está feliz por seu pai e por sua mãe. Mas então por que usa o verbo “ser” e não “estar”? Uma outra leitura pode sugerir que estava somente manifestando, de forma melancólica, seu desejo de ter tido a *mesma* felicidade, ou seja, de ter sido também coartado por valor relativamente baixo.

⁴² Assim como na música, a maioria de alfaiates em Havana nessa época também era de pessoas negras. [Deschamps Chapeaux, 135–149.]

⁴³ Tétano. [Pichardo; Ortiz, XV; Moreno Friginals, *Engenho*, II/III, 69.]

⁴⁴ Ainda cativo e escrevendo para um público de literatos brancos escravistas, o quase-brasileiro Manzano demonstra sempre não apenas “saber seu lugar” como também que “sabe com quem está falando”.

⁴⁵ Trecho obscuro, exemplificando as muitas possibilidades de negociação (e de mal-entendidos) entre pessoas escravizadas e proprietárias. Como sempre, Manzano é elíptico, mas cabe notar que, apesar de serem todas pessoas aparentemente muito boas e generosas, seu pai teve de ir à Justiça para fazer valer o acordo e garantir a liberdade de seu casal de gêmeos — a irmã ainda era viva no momento em que o texto é escrito.

⁴⁶ A cidade de Matanzas fica a cerca de cem quilômetros de Havana, na desembocadura dos rios Yumurí, San Juan e Canímar. Também chamada de “a Atenas de Cuba”, Matanzas recebeu sua primeira imprensa em 1813 e tinha uma cena literária e poética intensa. (No Brasil, a imprensa chega somente cinco anos antes de Matanzas, trazida por Dom João VI.) O engenho El Molino, onde se passa grande parte da narrativa de Manzano, e o de San Miguel, também citado, ficavam ambos em Matanzas. Durante a vida do poeta, Matanzas se transforma em uma das cidades mais prósperas e de cultura mais rica de Cuba. Em 1798, um ano depois de seu nascimento, a região tinha apenas três mil habitantes e três engenhos. Trinta anos depois, já eram 111 engenhos, 203 cafezais e só de pessoas escravizadas havia 26 mil. Em 1857, a região de Matanzas produzia sozinha 55% de todo o açúcar cubano. Não por acaso, pois a prosperidade econômica é a mãe do ócio e a maior mecenas das artes, as famosas tertúlias literárias de del Monte eram realizadas em Havana e em Matanzas. [Martínez Carmenate, *Atenas de Cuba*.]

⁴⁷ A vida de Manzano (1797–1853) corresponde aos grandes anos do *boom* açucareiro cubano. Foi uma época de profundas mudanças, especialmente nas duas cidades onde o poeta viveu, Havana e Matanzas, as maiores e mais ricas de Cuba. Por exemplo, somente entre 1790 e 1841, mais de meio milhão de pessoas escravizadas entraram em Cuba. Em 1774, eram 170 mil habitantes no país (56% brancas, 26% escravizadas) e 500 engenhos produzindo 8 mil toneladas de açúcar; em 1841, um milhão (40% brancas, 43% escravizadas), 1300 engenhos, 170 mil toneladas. [Torres-Cuevas e Reyes, 175–7.]

⁴⁸ Os exercícios, ou treinos militares, dos batalhões de Pardos e Morenos Leais eram realizados semanalmente, em geral aos domingos de manhã, em locais públicos, e atraíam pequenas multidões de observadores. Esses batalhões formavam o cerne de uma pequena “aristocracia” de homens negros livres e prósperos, que adquiriam assim enorme prestígio e poder. Entretanto, eram também constantemente empregados para escoltar desembarques de pessoas escravizadas, caçar fugitivas ou atacar quilombos. Para merecer e manter seu status privilegiado dentro da sociedade colonial branca, os morenos e pardos leais precisavam reprimir e suprimir os desejos e os anseios, as ações e as liberdades de outras pessoas afrocubanas que não tinham os mesmos direitos que eles. Até mesmo esse pequeno enclave de privilégio negro, porém, acabou tornando-se insuportável. Em 1844, a repressão à dita Conspiração de Escalera simplesmente destruiu essa nova classe social: além de matar e exilar muitos de seus principais líderes, uma de suas primeiras medidas burocráticas foi proibir os batalhões. Independentemente da luta entre escravistas e abolicionistas, a açucarocracia branca cubana e peninsular simplesmente não concebia conviver com uma classe de pessoas mulatas e negras livres em ascensão. [Deschamps Chapeaux, 25–26, 200–201; Childs, III; María Barcia, 248.]

⁴⁹ Macacão para bebês. Manzano quer enfatizar que conhece Dom Pedro O’Reilly desde o berço. [Pichardo.]

⁵⁰ Sobretudo de seda, uma roupa de elite.

- ⁵¹ Rasurado no manuscrito: “como de uns amos”.
- ⁵² Pompons pendendo de cordinhas. Manzano era tratado como se fosse um boneco.
- ⁵³ O que terá acontecido nesse primeiro encontro entre a criança escravizada e a mulher que se tornará uma das pessoas mais importantes da sua vida — ao mesmo tempo, cruel algoz e carinhosa madrasta? Será que Manzano não lembra ou será que prefere não contar? De um modo ou outro, apesar de talvez não tê-lo marcado, criança que era, com certeza marcou profundamente a marquesa, como se verá.
- ⁵⁴ Uniforme com galões utilizado pelos servos das casas mais nobres. Ao longo do relato, Manzano ressalta suas pequenas regalias, cuidadosamente se distanciando das pessoas escravizadas que fazem trabalhos braçais no campo.
- ⁵⁵ Mais tarde, Manzano de fato tornou-se alfaiate: em um relato tão elíptico, ele é sempre muito preciso e detalhista sobre as vestimentas.
- ⁵⁶ Em sociedades pré-industriais como a cubana, as tertúlias, ou saraus, eram alguns dos meios mais importantes para disseminar cultura, conhecer novos autores, declamar poesias, ouvir música ou tramar contra o governo.
- ⁵⁷ As romarias a povoados próximos nos dias de seus santos padroeiros eram uma diversão popular entre as classes altas e baixas. [Torres-Cuevas e Reyes, 85.]
- ⁵⁸ Essa referência nos sugere que o padrinho de Manzano, Javier Calvo, era provavelmente moreno ou pardo, como quase todos os alfaiates de Havana nessa época. Seria impensável um homem da elite branca costurando com um moleque escravizado.
- ⁵⁹ Tipo de boneco grosseiro, de figura humana ou de animais. [Pichardo.]
- ⁶⁰ Como vimos, a palavra “menino” (“*niño*”) só era aplicada em relação a meninos brancos. Portanto, ao usar essa palavra, ainda mais em oposição a “negrinhos” (“*negritos*”), Manzano está fazendo uma distinção importante: ele não apenas era tratado como um menino branco como também evitava socializar (“se roçar”) com outras pessoas negras. De fato, seja por razões estratégicas (para não lhes expor às pessoas proprietárias) ou psicológicas (por realmente se considerar acima delas), outras pessoas escravizadas são uma ausência conspícua do seu relato.
- ⁶¹ Não é uma figura de linguagem: o menino Juan devia mesmo comer literalmente aos pés da marquesa de Prado Ameno.
- ⁶² Poema composto de dez versos.
- ⁶³ A primeira dentre tantas proibições da escrita. Manzano tinha uma relação ambivalente com a

palavra: se sentia atraído por ela e arriscava sérios castigos para entreter-se com o brinquedo proibido, mas também foi por sua relação privilegiada com a palavra e por seu sucesso em negociar o discurso dominante que Manzano obteve vantagens que as outras pessoas escravizadas não tinham, incluindo aí a oportunidade de trocar sua liberdade por uma poesia.

64 O flerte é enfatizado como se para compensar sua humilhação canina aos pés da marquesa.

65 É possível que tenha simplesmente omitido o zero, como às vezes se fazia. Estima-se que nasceu em 1797, logo, em 1809, teria doze anos.

66 Carta de Manzano para del Monte, em 25 de junho de 1835: “Desde que me pediu a história, faz três ou quatro meses, me pus a percorrer o espaço que preenche a carreira de minha vida e, quando tive oportunidade, me pus a escrever, acreditando que bastaria um real de papel, mas depois de escrever um pouco, saltando às vezes quatro ou cinco anos, ainda nem cheguei em 1820. Espero terminar em breve, restringindo-me somente aos fatos mais interessantes.” [Friol, 59; Azougarh, 209; Franco, 85–86.]

67 Onde se guardava o carvão.

68 A melancólica repetição “ninguém ninguém” está no manuscrito original.

69 Oportunidade.

70 Tipo de açoite. Versão cubanizada da palavra francesa *fouet*, ou da catalã *fuet*. [Pichardo; Moreno Friginals, *Engenho*, glossário.]

71 Nicolás.

72 Ao mesmo tempo em que era tratado como menino branco, usava roupas de luxo e ia ao teatro, às tertúlias e aos bailes, essa criança também era ferozmente torturada, presa sem água e sem comida num buraco escuro, infecto e cheio de ratos, duas ou três vezes por semana, e ainda chicoteada quando pedia por misericórdia. Talvez pior que a crueldade dos castigos seja a sua total e mais completa imprevisibilidade.

73 Para Manzano, escrever era um ato criador de liberdade, mas também de subjugação às vontades e objetivos políticos dos literatos brancos; de reinvidicação de sua subjetividade de ser humano e de poeta, mas também de contínua e reiterada humilhação. [Labrador-Rodríguez.]

74 Tanto em Cuba quanto no Brasil, as pessoas escravizadas geralmente não usavam sapatos. Nas propriedades rurais cubanas, sapatos não faziam parte da roupa dada às pessoas escravizadas embora elas algumas vezes produzissem os seus. No Brasil, mesmo as chamadas “escravas de ganho”, que às vezes possuíam os meios para comprar e vestir roupas elegantes, tinham que andar descalças, para deixar bem exposto o “estigma indissfarçável” da escravidão. Ao fugir do cativeiro, muitas

imediatamente calçavam sapatos, misturando-se assim na multidão de pessoas negras livres, e os anúncios de fuga advertiam: “anda calçado para fingir que é forro”. Em Cuba, as regras era mais relaxadas: escravas domésticas e pajens, como Manzano, usavam sapatos mas eram frequentemente punidas com a perda desse privilégio. [Moreno Fragnals, *Engenho, II/III*, 83–87; Ortiz, XII; Alencastro.]

⁷⁵ A questão da família escrava ainda gera muito debate. Por um lado, um engenho de açúcar era, na prática, uma instituição carcerária cujos membros, pessoas transformadas em propriedade, não dispunham nem dos mais elementares direitos de autodeterminação, propriedade sobre seus bens ou até mesmo de mando sobre sua própria prole. Em qualquer jornal, eram comum os anúncios: “vende-se negra, com ou sem a cria”. Como haver “planejamento familiar” entre pessoas que não podiam planejar nenhum aspecto de suas vidas? Visto assim, um núcleo familiar dentro de uma senzala seria “um corpo estranho naturalmente rejeitado”. Por outro lado, estudos mais recentes buscam recuperar a autonomia das pessoas escravizadas, ressaltando sua capacidade de manobrar e negociar as brechas do sistema. De qualquer modo, mesmo historiadoras que defendem essa nova posição admitem que, até quando havia paridade de gêneros nas senzalas, o número de matrimônios ainda assim não era significativo. [A primeira opinião é de Moreno Fragnals, em “Aportes”, e a segunda, de Perera Díaz e Meriño Fuentes, especialmente em *Matrimonio*, 21, 39.]

⁷⁶ Mais velho, Manzano aprendeu a valorizar a proteção paterna. Poder contar com a proteção do pai e com a presença de sua família estendida era um de seus tantos privilégios.

⁷⁷ O cachorrinho comportava-se como se fosse uma extensão do corpo de sua senhora.

⁷⁸ A holanda (“*holan*”) e a holanda cambraia (“*holan cambrai*”), que será citada mais adiante, eram tipos de tecidos finos. [Pichardo.]

⁷⁹ Aio, tutor.

⁸⁰ Nicolás e Manuel, filhos da marquesa de Prado Ameno.

⁸¹ Provavelmente, Godfrey. As famílias ricas davam preferência a tutores e governantas britânicas.

⁸² Lápis de cera.

⁸³ Abreviação de etc. Vai aparecer mais vezes.

⁸⁴ No vão entre o peito e a frente da veste.

⁸⁵ Para a marquesa, ter submetido a seus pés um menino tão talentoso e promissor não seria talvez um prazer ainda mais delicioso?

86 Como se jogassem restos de comida a um cão ansioso na borda da mesa.

87 Árvore silvestre de Cuba, frequentemente associada aos enforcamentos de pessoas escravizadas fugidas. Ver o glossário de *Memórias de um Cimarrón — Testemunho*, de Miguel Barnet, publicada no Brasil pela editora Marco Zero em 1986, a única outra narrativa de uma pessoa escravizada cubana, da qual se falará mais adiante.

88 Nem religiosas nem românticas.

89 Manzano usa o sujeito indeterminado quase como se protegendo sua sinhá de ter dado uma ordem tão mesquinha.

90 As décimas de Manzano eram triplamente subversivas: impossíveis de encaixar nas formas padrões reconhecidas; davam prazer a outras pessoas da casa, inclusive às escravizadas; e, naturalmente, eram produção do talento borbulhante e incontrolável de um moleque. Por isso, apanhava. [Miller, “Rebeldía”.]

91 Impedido de ler, de escrever, até mesmo de recitar, Manzano se viu limitado a fazer poesia em sua própria mente.

92 No manuscrito original, antes de “somente”, Manzano escreveu e rasurou: “por isso”.

93 Impossível ignorar o subtexto sexual de tamanha obsessão por parte de uma senhora de meia idade pela talentosa criança que ela tanto busca calar, mas cujos desenhos mostra ao professor com orgulho de namorada.

94 Se a marquesa queria manter Manzano incomunicável, por que não interrompe a cena, em vez de assistir à performance inteira em segredo, por detrás das cortinas, como uma fã nos bastidores do concerto de seu ídolo? [Lienhard.]

95 Ninharia.

96 De acordo com o dicionário Houaiss, motes são ditos, observações, sentenças, palavras, ditados ou comentários curtos de cunho satírico ou zombeteiro; gracejos, troças. Segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, *motes* podem ser os apelidos que se dão às pessoas por sua qualidade ou condição (“Cavaleiro da Triste Figura” era o *mote* de Dom Quixote) ou uma frase curta que inclui um segredo ou mistério que precisa de explicação. A marquesa agora quer calar Manzano pela imposição de outras palavras (ou motes) em cima das dele: uma vez sua fala silenciada, seu corpo pode ser usado de documento e porta-voz do sistema acusador. Já Manzano, exercendo sua prerrogativa autoral de historiador da própria vida, alega falta de memória e não reproduz os “motes” usados para puni-lo, humilhá-lo, calá-lo. [Miller, “Rebeldía”.]

- 97 Não basta calar Manzano: o “bico de ouro” era tão popular e dominava tão bem os códigos de comunicação que era necessário também impedir as outras pessoas de falar com ele. Calá-lo significa também controlar a fala social de todas as pessoas do grupo. [Miller, “Rebeldía”.]
- 98 Adversidade.
- 99 O original tem aqui uma lacuna proposital de Manzano. Entre as palavras “pai de genho seco” e “e se deitava”, todas na mesma linha, ele insere quatro pontos: “....”
- 100 Febre terçã, aquela que se manifesta de três em três dias.
- 101 Uma entre tantas vezes em que Manzano enfatiza sua higiene pessoal.
- 102 Anos mais tarde, na noite de sua fuga, Manzano dirá que nunca tinha selado um cavalo. Talvez seja confusão da sua memória; talvez na infância cavalgasse sem sela; ou talvez fosse tão privilegiado que tivesse outra pessoa escravizada que lhe selava os cavalos.
- 103 Dorso ou crista arredondada de colina, serra, monte, montanha. [Houaiss.]
- 104 O espesso anonimato que permeia quase todas as outras pessoas afro-cubanas da narrativa permite que Manzano brilhe ainda mais em todas as suas imensas qualidades — que ele não se cansa de reiterar. [Branche.]
- 105 Apesar de “humor” hoje ter adquirido outra conotação, a palavra originalmente significava “substância orgânica líquida ou semilíquida” [*Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*]. Desde a Antiguidade, uma teoria médica popular mantinha que a saúde dependeria do equilíbrio dos quatro humores do corpo humano (bílis negra, bílis amarela, fleuma, ou seja, catarro, e sangue) e muitas doenças ou indisposições teriam como origem um desequilíbrio entre esses humores (daí a expressão “estou de mau humor”). Além disso, também se classificavam as pessoas em “tipos”, dependendo de qual “humor” predominava em sua constituição: melancólico, fleumático, bilioso ou colérico, e sanguíneo. No século XIX, essa teoria já havia sido abandonada pela ciência e pela medicina, mas ainda fazia parte do imaginário cultural das pessoas. As características normalmente atribuídas ao “tipo sanguíneo” incluíam: ser otimista, alegre, prestativo, amoroso, eufórico, vigoroso, viver o presente, esquecer o passado e não pensar muito no futuro. Então, quando Manzano diz ser “sanguíneo”, ele está afirmando não apenas que pensava ter uma tendência a sangrar mais do que as pessoas de outros humores, como também que se via e era visto com esses traços de personalidade.
- 106 Corrosiva solução de ácido nítrico em água. [Houaiss.]
- 107 Chapa na qual se pintavam retratos e ilustrações.
- 108 Mais uma vez, a autoexpressão artística de Manzano é abortada ou proibida. O pai sabia o perigo

que o filho corria.

109 Havana.

110 O médico irlandês Richard Madden (1798–1886) passou quatro anos em Cuba, de 1836 a 1840, como Superintendente dos Emancipados e Árbitro Interino da Comissão Mista Britânico-Espanhola. (Ou seja, era um dos responsáveis por vigiar se a Espanha estava de fato cumprindo os tratados antitráfico impostos pela Inglaterra.) Abolicionista convicto, Madden provavelmente foi um dos catalisadores do *boom* de literatura antiescravista produzida pelos membros do círculo delmontino. Em 1840, ele publicou em Londres um volume chamado *Poemas de um Escravo na Ilha de Cuba, Recém Libertado*, que incluía, além da autobiografia de Manzano, traduzida por ele e intitulada “Vida do Poeta Negro”, diversos outros textos e poemas. Em um deles, “Condição dos Escravos em Cuba”, Madden conta que, durante seu primeiro ano, não viu nem ouviu falar de nenhuma atrocidade contra pessoas escravizadas. Pelo contrário, facilmente se pegou enxergando pelos olhos da classe proprietária, pensando como pensavam, acreditando naquelas histórias idílicas sobre a felicidade dos escravos, contadas nas casas-grandes, depois do jantar, entre digestivos e charutos (“*customary after-dinner doze of the felicity of slaves*”). Foi apenas quando visitou os engenhos por conta própria, de surpresa, sem ser esperado, recebido ou guiado, que pôde finalmente testemunhar as terríveis atrocidades e maldades transcendentais de um sistema escravista tão assassino. [O livro editado e publicado por Madden em Londres em 1840 está disponível em uma edição fac-símile editada por Edward J. Mullen em 1981: *The Life and Poems of a Cuban Slave. Juan Francisco Manzano, 1797–1854 (sic)*. Archon, 1981, 184–5; Moreno Friginals, *Engenho*, I, 359–60.]

111 Era comum as famílias abastadas abrirem suas casas para visitas em dias e horas regulares: por exemplo, sempre às segundas à tarde etc. Aqui, Manzano quer enfatizar que havia tanta intimidade entre as famílias que elas se visitavam mesmo em “dias não marcados”.

112 Juan Manuel O’Farrill y Herrera (1756–1825), coronel da milícia de Matanzas, ficou famoso por introduzir a navegação a vapor no mundo hispânico, antes mesmo da Espanha, ao trazer para Cuba o vapor *Neptuno*, que em 1819 começou uma linha regular entre Havana e Matanzas, duas das mais prósperas cidades açucareiras cubanas. [García del Pino, 198.]

113 O primeiro, também chamado de “*piña*” era um jogo de sinuca; os dois últimos de baralho. [Pichardo. Manzano registra erroneamente o nome do segundo jogo: era *malilla*.]

114 Sulco deixado pelas rodas dos carros. [Aurélio.]

115 Os diferentes cargos e funções nas propriedades rurais e engenhos cubanos variaram muito, dependendo da região, da época, do próprio engenho. A partir de começos do século XIX, com o *boom* açucareiro, surgiu uma maior divisão de trabalho. Em termos gerais, o funcionário mais alto e responsável final era o administrador. Abaixo dele, estava o mordomo (“*mayordomo*”), responsável pela contabilidade e finanças, e pela administração interna não diretamente produtiva: controle de estoque de insumos, supervisão da enfermaria, distribuição de rações e roupas às pessoas

escravizadas etc. A execução das tarefas do dia a dia ficava a cargo do maioral, às vezes mais de um. Sob suas ordens estavam os contramaiorais. Os administradores, mordomos e maioriais eram sempre brancos e assalariados (apesar de esse já ser o hábito, uma lei de 1832 obrigava que todos os maioriais fossem brancos); os contramaiorais, sempre negros, escravizados ou livres. Os maioriais e contramaiorais se distinguiam também por portar açoites: eram os responsáveis pela aplicação dos castigos físicos e das torturas. [Pichardo; Moreno Fragnals, *Engenho*, glossário; Ortiz, XX; Marquese, 316.]

116 De um panfleto abolicionista espanhol de 1871: “O tronco consiste em um enorme tabuleiro com orifícios, nos quais se introduz o pé, a mão ou a cabeça do negro castigado. Às vezes, são os dois pés, e então o negro descansa ou sobre as costas, ou sobre o peito e ventre. O castigo se converte em um verdadeiro suplício em pouco tempo, especialmente pelas condições climatológicas de Cuba. Qualquer um pode imaginar o que é o ‘tronco de cabeça’, remanescente do antigo e bárbaro costume de enterrar alguém apenas com a cabeça para fora. Os mosquitos, as moscas e os insetos de toda espécie, cujo número é incalculável nas Antilhas, se fartam até o indizível no rosto e na cabeça do pobre escravo, impossibilitado de se defender com as mãos.” O Regulamento de Escravos de 1842 proibiu o “tronco de cabeça” em Cuba. [Ortiz, XIV; Scisínio.]

117 A construção impessoal e burocrática (“exercia em mim uma de suas funções”) poupa Manzano de descrever mais alguns açoites.

118 A fadiga residual acumulada pela falta de sono, pelos horários irregulares e pelo excesso de trabalho (o que hoje chamamos de “fadiga industrial”) era irreversível e causava envelhecimento precoce e perda de atenção nas pessoas escravizadas — nos engenhos, o acidente mais comum era perda de braços na moenda de triturar cana de açúcar. Manzano, no serviço doméstico, estava em posição privilegiada e, ainda assim, vivia acossado pelo sono. [Moreno Fragnals, *Engenho*, II/III, 39–43.]

119 Original: “*bojio*” (sic). Os *bohíos* eram as choças ou cabanas rudimentares das pessoas escravizadas, sem janelas, feitas de palha, varas, ramos etc., onde geralmente habitavam famílias e casais. [Ortiz, XII; Roura Álvarez e Angelbello Izquierdo.]

120 No manuscrito, depois de “mas”, Manzano escreveu “a última”, rasurou e substituiu por “a vez p^a. mim mais memorável q^e. todas” Quantas cenas terríveis de tortura e castigo Manzano não deveria estar equilibrando em sua memória para fazer esse tipo de autocorreção?

121 Carta de Manzano para del Monte, em 29 de setembro de 1835: “Me preparei para lhe fazer uma parte da história da minha vida, mas deixando de fora os acontecimentos mais interessantes, para, se algum dia me encontre sentado em algum canto de minha pátria, tranquilo e com minha sorte e meu sustento assegurados, escrever um romance propriamente cubano: convém, por ora, não dar a esse assunto toda a extensão maravilhosa dos diversos lances e cenas, porque daria um tomo, mas, apesar disso, não faltará material para vossa mercê. Amanhã, começarei a roubar da noite algumas horas para fazer isso.” Quais seriam os tais fatos mais interessantes que Manzano não nos conta? Seu anseio literário é mais radical do que parece: nesse momento histórico, ainda não se havia escrito nenhum romance em Cuba. Manzano jamais escreveu seu “romance propriamente cubano” mas sua

autobiografia certamente é um dos textos fundacionais da literatura do país. [Franco, 87.]

122 A lanterna.

123 Nos engenhos e cafezais, era a casa separada do senhor. [Pichardo; Moreno Friginals, *Engenho II/III*, glossário.]

124 Tipo de açoite feito do couro do peixe-boi (em espanhol, *manatí*). Na época em que Manzano escreve a autobiografia, seu uso já estava proibido, por ser excessivamente cruel e por deixar marcas permanentes. [Pichardo.]

125 Ao narrar as duas últimas linhas, a caligrafia de Manzano parece apertada, acelerada, borrada.

126 Para a elite açucarócrata cubana, apavorava muito mais a possibilidade de uma nova revolta escrava como a do Haiti, risco ainda vivo e real, do que a existência continuada da escravidão ou mesmo seu status de colônia da Espanha. A encomenda da autobiografia se inseriu nesse projeto de desmentir o tão falado e tão temido “perigo negro” e mostrar ao mundo um negro submisso, religioso e obediente, que abandonou a cultura negra (vista como uma não cultura bárbara e incômoda) para aprender a ler e escrever os códigos brancos. Queriam não um escravo humano, com subjetividade individual e projetos intelectuais, mas sim uma lista infundável de castigos e torturas; queriam um escravo “representativo”; queriam um corpo degradado, torturado, atormentado e silenciado. Manzano era o escravo ideal: seus sofrimentos denunciavam os maus-tratos do escravismo e os horrores do tráfico negreiro, mas nunca defende a abolição ou qualquer tipo de revolta. Seria Manzano o “manso cordeiro” que demonstrou ser quase sempre, ou um leão capaz de atacar um capataz para defender a mãe? Estaria somente interpretando um papel e dando aos literatos o escravo submisso que tanto desejavam, em troca de sua liberdade? Talvez a segunda parte do texto não tenha se perdido: talvez era simplesmente agressiva e perigosa demais para ser divulgada. [Miller, “Rebeldía”; Azougarh, 21, 30.]

127 Os três “x” constam no manuscrito.

128 Pequeno cercado onde se deixava os grãos de café para secar ao sol. [Pichardo.]

129 Manzano enfatiza sempre a cor de quem executou a ordem para sua tortura, mas nunca a de quem deu a ordem. São tantos “negros” lhe vitimizandando que quase podemos pensar que a culpa de seu sofrimento era deles, e não da escravidão em si, ou das pessoas brancas que se beneficiavam dela. Provavelmente, é parte de sua refinada e bem-sucedida estratégia narrativa: culpar as pessoas negras que executavam ordens para assim exculpar as pessoas brancas destinatários finais de suas palavras e que, por fim, lhe concederiam a liberdade. [Branche.]

130 Somente nos anos imediatamente anteriores à escritura da autobiografia, houve diversas importantes rebeliões escravas por toda a ilha de Cuba, incluindo Matanzas, em 1825, e Havana, em 1835. Depois da Revolução do Haiti, um dos maiores intelectuais da açucarocracia cubana ainda caçou dos franceses: “tinham ensinado a seus escravos sobre a Revolução Francesa e, assim,

construído sua própria ruína. Criadores de anarquia não podem reclamar.” Na verdade, como diz um dos personagens do romance *O Século das Luzes*, de Alejo Carpentier, a Revolução Francesa não causou as rebeliões escravas, mas apenas deu sentido político e “legalizou” a Grande Fuga que já estava em andamento desde o século XVI. A verdadeira causa das rebeliões escravas era uma só: a própria escravidão. [Ortiz, XXIII, Childs; Manuel Barcia; Deschamps Chapeaux, 19–26; Torres-Cuevas e Reyes, 202–5.]

131 Em Manzano, todo clímax é seguido de um silêncio ainda mais estrondoso, um silêncio intencional que simultaneamente revela e ofusca. [Doris Sommer, sobre o *testimonio* de Rigoberta Manchu, citada em Miller, “Rebeldía”.]

132 Os literatos cubanos do grupo delmontino acreditavam que a escravidão corrompia a sociedade e impedia o progresso de Cuba mas, mesmo assim, não podiam apoiar uma abolição (ou pior, uma rebelião) que ferisse os interesses econômicos de suas famílias e de sua classe social, que transformasse as pessoas escravizadas em pessoas cidadãs. Desejavam encher a literatura com os sofrimentos da escravaria, gostariam que o tráfico cessasse, preferiam que o chicote do capataz parasse de flagelar as carnes negras... mas nunca consideraram abdicar das riquezas produzidas pelas pessoas escravizadas, nunca propuseram fazer delas cidadãs em pé de igualdade, nunca foram capazes de vê-las como pessoas humanas. Como dizia Del Monte, “a escravidão é o câncer que *nos* corroi” (grifo meu): o problema não eram as pessoas negras exploradas e escravizadas, mas sim o efeito negativo que isso tinha... em nós! O paradoxo do antiescravismo literário cubano foi desejar um *sujeito branco*, mas ter que contar com a linguagem do *negro* para a articulação do discurso literário nacional. No fim, seus esforços fracassaram pois sua motivação não era o amor e a alteridade, o bem-estar das pessoas escravizadas e sua incorporação à sociedade, mas somente o medo de um novo Haiti. Quem ama, se aproxima, respeita, escuta; quem teme se afasta. Esses literatos produziram inúmeras narrativas sobre a escravidão (quase todas modeladas na autobiografia de Manzano) mas nunca se aproximaram o suficiente de suas personagens escravas para ouvir o que tinham a dizer: suas pessoas escravizadas fictícias não tinham voz e precisavam da elite branca para defender seus interesses. Os intelectuais da açucarocracia eram, ao mesmo tempo, os donos dos meios de produção da colônia e também os colonos sem direito a voz própria: oprimem e são oprimidos. Ao escrever sobre a opressão às pessoas escravizadas (aliás, quase sempre perpetrada por eles mesmos), estavam na verdade falando da opressão que sofriam nas mãos da metrópole. Pagavam pelo delito de *ter* escravos com a pena de *ser* escravos da Espanha, dizia Del Monte. Sua literatura antiescravista não se aproximou das pessoas escravizadas porque não precisava delas: não eram gente, eram metáfora. E, por fim, quando chegou a hora da verdade, quando o Abolicionismo inglês estava agitando a massa escrava e parecia cada vez mais próximo e mais possível o estalo de uma nova sublevação, os compradores de liberdades literárias se assustaram e preferiram o jugo da metrópole espanhola aos riscos da liberdade. Nas palavras de um deputado liberal-progressista: “toda novidade política que se faça em Cuba é um passo em direção à independência, e todo passo em direção à independência é um passo em direção ao extermínio e à ruína dos capitais e das pessoas. [...] Se Cuba não for espanhola, será negra, necessariamente negra”. Ou, como disse um açucarócrata: “A pátria é a propriedade. Que não se espere revolução em Cuba enquanto se possa fazer açúcar”. O povo de Cuba pagou caro por essa decisão: a maioria das colônias espanholas conseguiu sua independência na década de 1810 e nenhuma derramou tanto sangue quanto Cuba. A partir de 1868, quando a elite cubana finalmente se decidiu pela independência, precisou enfrentar os recursos concentrados de uma Espanha desesperada para não perder praticamente sua última colônia. Incapaz de vencer até mesmo essa potência decadente, Cuba foi tomada sem esforço

algum pelos Estados Unidos, em 1898, e transformada na primeira neocolônia do novo imperialismo norte-americano do século XX. Para entender o entusiasmo popular pela Revolução Cubana de 1959 é preciso antes entender os duzentos anos de História que ela se propõe a corrigir. [Torres-Cuevas, 152, 184; Vera-León; Moliner em Franco, 228; Martínez Carmenate, 308, 368, 400.]

133 Fernando VII, rei da Espanha (1784–1833).

134 Para uma pessoa leitora do século XXI, é fácil deixar de reparar o grau de transgressão desse breve comentário: apesar de se comparar a um mico, o menino escravizado sabia ler!

135 Tropa de bestas de carga engatadas. [Houaiss.]

136 Não consegui localizar nenhum engenho chamado Guanabo. Provavelmente, Manzano refere-se a um engenho *em* Guanabo. Esse povoado, fundado em 1803, hoje Guanabo Viejo, fica no litoral, a cerca de trinta quilômetros a leste de Havana. Em seu livro *Letters from Havana during the Year 1820*, o britânico Robert Francis Jameson diz que, saindo de Havana em direção a Matanzas, o primeiro engenho era em Guanabo. Os Marqueses do Prado Ameno possuíam pelo menos dois engenhos em Guanabo: La Chumba e San Joaquín. É provável que Manzano esteja se referindo a um desses. [García, *Esclavitud*, 128; “Vertebrando”.]

137 As roupas das pessoas escravizadas que trabalham no campo eram feitas de cânhamo. Aparentemente, Manzano estava sendo mandado ao engenho em Guanabo.

138 Original: “*equifasion*” (sic). *Esquifación* era o nome genérico da roupa utilizada pelas pessoas escravizadas que trabalhavam no campo. No começo da safra, homens recebiam uma calça, uma camisa, um gorro, um jaquetão e um cobertor, e as mulheres, vestido, lenço, gorro, cobertor e jaquetão. No final da safra, homens recebiam uma calça e um chapéu de palha, e as mulheres, vestido e chapéu. Não recebiam nunca sapatos. As roupas eram tão insuficientes para o trabalho pesado que essas pessoas frequentemente andavam em farrapos ou seminuas. Às pessoas escravizadas especialmente submissas e que trabalhavam em casa, como Manzano, era dada a possibilidade de usar jaquetas vistosas e sapatos, como se para laurear a “ignomínia inconsciente”. Confirmando o carnaval como a festa da inversão, um atônito articulista do *Diario de la Habana*, em 1842, revela sua surpresa com o “furor” de algumas pessoas em vestirem uma *esquifación* para se fantasiarem de escravas. [Pichardo; Ortiz, XII; Moreno Fragnals, *Engenho*, glossário, 83; Deschamps-Chapeaux, 142.]

139 Corda de fibra, crina ou tira de couro comprida com que se ata o cavalo a uma estaca para mantê-lo preso enquanto pasta. Pita é a fibra extraída das folhas do agave. [Houaiss.]

140 Manzano antecipava somente ser açoitado, torturado e passar a noite no tronco, como de costume, e não se tornar trabalhador braçal nos canaviais, destino infinitamente pior e mais mortífero. Além disso, perderia seus privilégios de escravo doméstico. [Friol, 59; Azougarh, 209; Franco, 85–86.]

141 O vestuário é um tipo de linguagem, um idioma que Manzano domina fluentemente, desde as descrições minuciosas de suas roupas até o pavor que sente, sem que nenhuma palavra precise ser dita, no instante em que vê a *esquifación* sendo desdobrada. [Bergeto.]

142 Carta de Manzano para del Monte, em 25 de junho de 1835: “Lembre-se que sou escravo e que o escravo é um morto perante seu senhor. Considere-me um mártir e descobrirá que os infinitos açoites que mutilaram minhas carnes desde criança jamais envileceram este seu servo.”

143 A palavra falha.

144 Dentro do sistema escravista industrial açucareiro, um jovem escravizado, pajem da sinhá, morando em ambiente doméstico e urbano, com acesso a padrinhos e à proteção do Estado, fazendo aulas com os sinhôzinhos e sinházinhas, e indo ao teatro e a saraus etc., era a mais privilegiada de todas as pessoas escravizadas. O fato de estarmos hoje lendo a autobiografia é um testemunho de seus enormes privilégios. Qualquer outra pessoa escravizada cubana teria histórias que fariam a vida de Manzano parecer um paraíso de mil delícias. Talvez seja esse o aspecto mais aterrorizante do texto: ele é a história de *uma pessoa escravizada de sorte*.

145 Carta de Manzano para del Monte, em 25 de junho de 1835, sobre o processo de escritura da autobiografia: “Me envergonha contar essa história, e não sei como apresentar os fatos deixando a parte mais terrível no tinteiro. Oxalá eu tivesse outro fatos com que preencher a história da minha vida.” [Friol, 59; Azougarh, 209; Franco, 85–86.]

146 Ao ler a autobiografia e visualizar suas piores cenas, às vezes é fácil perder de vista que a pessoa sofrendo tantos castigos é um franzino pré-adolescente. Uma criança. Dessas que hoje as ditas “pessoas de bem” chamam de pivete, cruzam a rua para evitar e até amarram em postes.

147 Compatriota.

148 Pequena escuna.

149 No manuscrito, Manzano escreve “capitão”, risca, substitui por “comandante”.

150 O Castillo de San Severino foi a primeira construção da cidade de Matanzas, em 1693. Ao longo de três séculos, foi fortaleza e prisão. Durante a Guerra de Independência, foi onde os espanhóis fuzilaram cubanos e, durante a Revolução, onde comunistas fuzilaram burgueses. Uma placa relembra os nomes dos patriotas mortos pelos espanhóis. Hoje, tornou-se um centro cultural e promove a memória das pessoas africanas que aportaram em Matanzas em direção ao cativo nos engenhos de açúcar que financiaram a riqueza da colônia.

151 Cada momento de alegria será pago com o triplo de dor.

- 152 Provavelmente, Dennis. Nos maiores engenhos, era comum administradores e mordomos ingleses.
- 153 No manuscrito, Manzano primeiro escreve “criado”, risca, e depois, “servente”.
- 154 O texto de Manzano é riquíssimo em eufemismos para violência. Não fica claro se o moreno Santiago era seu irmão ou se apenas tinha sido aprendiz de seu pai.
- 155 Significado obscuro. Grumete é o grau mais baixo de marinheiro; “*grumetada*” pode ser uma atitude imatura ou insolente.
- 156 O Engenho de San Miguel, a cerca de sete quilômetros a oeste de Matanzas, pertenceu aos Marqueses de Prado Ameno. [Perret Ballester, 176.]
- 157 Os grilhões eram cadeias grossas de anéis ou argolas de metal, que prendiam braços, pernas e cabeças das pessoas escravizadas. As pedras serviam para adicionar peso e dificultar ainda mais os movimentos e uma eventual fuga. [Ortiz, XIV.]
- 158 Autoridade policial. [Pichardo; Díaz Martínez, 81–100.]
- 159 O rio Yumurí, na província de Matanzas.
- 160 Outra elipse manzaniana, como se evitando escrever palavras dolorosas. Naturalmente, ele se refere a chibatadas.
- 161 O dia de trabalho nos engenhos cubanos era dividido em “quartos”: o de primeira ia do pôr do sol à meia noite; o da madrugada, até o nascer do sol; o da manhã, até o meio-dia; o da tarde, até o pôr do sol. O castigo de Manzano era levar vinte e cinco chibatadas pela manhã e outras tantas pela tarde, e mais trabalhar no campo do pôr ao nascer do sol. Durante a safra, no campo, era comum as pessoas escravizadas trabalharem em quartos alternados. [Pichardo; Moreno Friginals, *Engenho*, glossário.]
- 162 Original: “*dijele lisa y llana la verdad*” (sic).
- 163 As chibatadas.
- 164 Tanto no Brasil quanto em Cuba, padrinhos eram as pessoas (geralmente, amigos da família) que intermediavam casos de conflitos, fugas etc. entre as pessoas escravizadas e as proprietárias.
- 165 Os facultativos, e também os “cirurgiões-romancistas” e os “barbeiros ilustres”, eram homens que praticavam a medicina nas pessoas escravizadas dos engenhos, sem serem necessariamente médicos por formação, ou mesmo alfabetizados. [Ortiz, XV; Moreno Friginals, *Engenho*, II/III, 104–5.]

166 Em ordem decrescente de valor, a onça, o dobrão, o peso, a peseta e o real eram moedas que circulavam em Cuba durante a época colonial. [Pichardo.]

167 A pessoa escravizada nunca podia estar ociosa, pois tornava-se um elemento de dissolução da disciplina escravista e um fator de possíveis rebeldias. Valia tudo para mantê-las ocupadas, até mandar um grupo fazer algo e outro grupo desfazer. Ou, no caso de Manzano, espanar móveis limpos. [Moreno Friginals, *Engenho*, II/III, 44–5.]

168 Apesar da proximidade (inclusive física) entre Manzano e as suas pessoas proprietárias, não há possibilidade alguma de defesa ou argumentação. A situação das pessoas escravizadas que trabalhavam no campo, sem nenhum acesso às proprietárias e somente aos encarregados de aplicar a violência em seus nomes, era infinitamente pior.

169 Sela.

170 Manzano sempre dá o benefício da dúvida à marquesa de Prado Ameno. Talvez por afeto, talvez por cálculo. Talvez por ela ainda estar viva enquanto escrevia, talvez por seu filho ser membro da sociedade literária que havia encomendado o texto.

171 José Antonio.

172 Carta de Manzano para del Monte, em 25 de junho de 1835, sobre a escrita da autobiografia: “Em mais de quatro ocasiões, quase desisti. Um quadro de tantas calamidades só pode parecer um enorme emaranhado de mentiras, e mais ainda porque desde a tenra infância os cruéis açoites me deram consciência da minha humilde posição.” [Friol, 59; Azougarh, 209; Franco, 85–86.]

173 Original, “*flato*” (sic). Literalmente, “peidos”. Na Cuba da época, a palavra era usada para qualquer tipo de tristeza, mal-estar ou melancolia, mesmo sem os gases propriamente ditos. [Pichardo.]

174 Desde que “me conheço por gente”.

175 Essa data revela menos do que parece. A constituição de 1812, a primeira da monarquia espanhola, foi logo abolida em 1814, colocada de novo em vigor em 1820, e de novo abolida em 1823. O verbo utilizado por Manzano, “acabar”, é suficientemente vago para poder significar tanto que a constituição foi “concluída” ou “abolida”. Estima-se que a fuga de Manzano se deu em 1817. (Friol, 156–161.)

176 Na prosa de Manzano, são gritantes tantos silêncios. Suas lacunas obrigam a pessoa leitora a formar ela mesma as pontes entre os territórios desconectados do enredo. (Umberto Eco, em *Semiótica e Filosofia da Língua*, citado em Miller, “Rebeldía”.)

177 Pode se referir tanto à maioria de Manzano, quanto a uma idade específica quando seria libertado.

178 Em uma sociedade católica como a espanhola, Rousseau e Voltaire eram infames por seu livre-pensamento humanista.

179 A frase parece um *non-sequitur*: um senhor que era bondoso com Manzano e o apadrinhava provavelmente não faria esse tipo de comentário negativo. Entretanto, assim está no original. Alguns estudiosos entendem que o comentário teria sido feito pela marquesa de Prado Ameno em conversa com o tal senhor, mas nada no texto permite essa conclusão.

180 O quarto de prima ia do pôr do sol à meia-noite.

181 Um autor defende a tese que o “eles” dessa frase se refere não aos santos, como parece, mas sim a Voltaire e a Rousseau, autores que Manzano secretamente admiraria. O argumento me pareceu forçado. Na verdade, um dos poucos elos entre a autobiografia de Manzano e *As Confissões*, de Rousseau, é uma aparente atração masoquista de ambos os autores pelas mulheres dominadoras que lhes vitimizavam. [Stoneham.]

182 Enfatizar a religiosidade também ajuda a realçar sua mansidão.

183 Manzano sublinha sempre sua familiaridade passada e presente com algumas das grandes figuras locais (aquele ele viu bebê, essa hoje é freira etc.), só para mais tarde afirmar, quase pateticamente, que hoje já não sabem quem ele é. Esse era talvez o grande paradoxo de Manzano: não havia espaço naquela sociedade para um intelectual afro-cubano. Em 1841, a Condessa de Merlin, cubana da alta elite que morava na Europa e fazia apologia da escravidão à distância, escreveu: “Suponhamos que os ingleses consigam obter, sem transtornos e sem desordens, a emancipação dos escravos de nossas colônias. Seu primeiro sentimento, sua primeira necessidade, qual será? Não fazer nada. O trabalho lhes é insuportável e só se consegue obrigá-los a trabalhar à força. Um negro indolente e selvagem, desprovido de todo desejo de progresso, de ambição, de dever, preferirá substituir sua vida vagabunda e sensual pelos rigores de um trabalho voluntário e de um sustento adquirido com o suor de sua testa? Mas suponhamos que, por um milagre, a educação moral dos escravos libertados se desenvolvesse de repente e os estimulasse a amar o trabalho. Caso se convertessem em trabalhadores, os negros não demorariam em se ver atormentados pelo desejo de ser proprietários; pela rivalidade, pela ambição, pela inveja contra os brancos e suas prerrogativas. Sob um regime político constitucional, em um país governado por leis equitativas, não exigiriam participar dessas mesmas instituições? E vós lhes concederiam vossos direitos e vossos privilégios? Fariam deles vossos juizes, vossos generais, vossos ministros? Dariam-lhes vossas filhas em matrimônio? Não é isso que queremos, exclamarão os amigos dos negros: que sejam livres, mas que se limitem a trabalhar a terra e a conduzir a cana como bestas de carga. Não consentirão: se hoje ocupam-se dessas atividades e consideram-se felizes em seu estado imperfeito de homens selvagens, no dia em que se acenda para eles a luz da inteligência perceberão que são homens como vós, e o campo de batalha ficará com o mais forte. Refleti: quando estalar o primeiro sinal de combate, não haverá piedade possível entre duas raças incompatíveis.” [Merlin, 79–83; Campuzano, “1841”.]

184 Farruco, apelido de Francisco, usado “mais por brincadeira do que por nome”, só era aplicado para pessoas espanholas. Mais uma vez, Manzano está sutilmente chamando a atenção para sua intimidade com os grandes senhores de Cuba em sua época. [Pichardo.]

185 Como se a poesia fosse uma doença se manifestando em seu corpo. Ao enfatizar as ocasiões onde é reconhecido como poeta e como artista, e calar ou suprimir os episódios de castigo corporal, Manzano está efetivamente subvertendo as expectativas dos literatos delmontinos, e enfatizando sua subjetividade de indivíduo poeta sobre sua representatividade como pessoa escravizada cubana. Manzano não quer ser visto como escravo, e faz um grande esforço para converter sua narrativa na história de um homem letrado, na vida de um poeta. Naturalmente, pelo mesmo motivo, trechos como esse foram completamente cortados ou significativamente diminuídos na tradução de Madden, publicada na Inglaterra para servir aos fins ideológicos abolicionistas. Nesse trecho da tradução, por exemplo, a poesia não é mencionada, apenas que Manzano divertia os convidados com brincadeiras: “*I used to do my best to enliven these entertainments*” (“eu fazia o possível para animar essas diversões”). [Miller, “Rebeldía”; Manzano, *Life*, tradução de Madden, 96.]

186 Desafio em que o poeta recebe uma frase e precisa compor de improviso uma décima com essa frase no último verso.

187 Original, “*sabia lo estirado que yo andaba*” (sic).

188 O colombiano José Fernández y Madrid (1789–1830) lutou nas guerras de independência de seu país, chegou a ser presidente e foi desterrado para Cuba, onde trabalhou como médico e teve destacada vida intelectual. [Del Pino, 91–92.]

189 Em *A Tempestade* de Shakespeare, o branco europeu Próspero rouba as terras e a liberdade do nativo Caliban, ao mesmo tempo em que lhe concede um dom problemático e complexo: a fala. “Você me ensinou sua língua, e o que ganhei com isso foi que aprendi a praguejar”, diz Caliban, “que a peste vermelha acabe com vocês, por me terem ensinado sua linguagem.” Manzano também recebeu um idioma que não era seu, para que pudesse melhor servir suas pessoas proprietárias. E, como a pessoa em posição subalterna não necessariamente é passiva, Caliban e Manzano contra-atacam, cada um de seu jeito. Caliban reafirma sua natureza animal e seus baixos instintos (um outro nome para “instintos não europeus”) e tenta violar a filha de Próspero. Manzano, mantendo-se sempre cuidadosamente dentro da esfera cultural branca, conseguiu perpetrar uma violação talvez maior: com sua memória e seu talento e sua fala, ele roubou a escrita para si, correndo grande risco pessoal, e a utilizou para obter sua liberdade. O ato de Manzano foi ainda mais revolucionário que o de Caliban: em vez de agir como uma fera e confirmar os preconceitos das pessoas brancas, Manzano as derrotou em seu próprio jogo, seguindo suas próprias regras. O grande dilema é que a façanha de Manzano é realizada dentro dos limites da prisão que lhe ofereceu seu Próspero, del Monte: a cultura branca. Para vencer na sociedade branca, Manzano precisou tornar-se parcialmente branco e afastar-se de sua própria condição negra e subalterna. Não mais Caliban mas também nunca Próspero, autor consagrado mas ainda negro em uma sociedade escravista, Manzano ao mesmo tempo é e não é: símbolo vivo das contradições da subalternidade. [Fernández Retamar.]

190 Carta de Manzano a del Monte, em 11 de dezembro de 1834: “Quando passo os olhos pelo grande

acúmulo de vicissitudes que têm marcado com golpes terríveis os mais preciosos dias da minha juventude, eu tremo, mas não pelo passado, e sim por imaginar o que misteriosamente ainda está guardado na urna do meu destino.” Praticamente as mesmas palavras que usará em seu famoso soneto “Meus trinta anos”. [Franco, 80.]

191 As agressões que sofre Manzano têm sujeito indeterminado. Parecem não ter agressor. Ou talvez o agressor seja toda a sociedade escravista.

192 Hoje, capital e principal cidade da República Dominicana. Apenas durante a vida de Manzano (1797–1853), a região trocou de mãos diversas vezes: foi espanhola (1809–1821), duas vezes francesa (1795–1801, 1802–1809), duas vezes haitiana (1801–1802, 1821–1844) e duas vezes independente (1821, 1844–1861). Naturalmente, uma história política tão conturbada gerou um grande número de refugiados e imigrantes, que se espalharam por todo o Caribe.

193 As enfermarias de engenho pareciam verdadeiros “sepulcros visíveis de múmias”. Era normal estarem internadas cerca de um quarto das pessoas escravizadas, chegando às vezes até quase metade — de uma população jovem e apta, só retiradas do serviço em último caso, quando visivelmente incapazes de trabalhar, e sempre pelo tempo mínimo possível. Em diários de enfermaria de engenhos cubanos, aparecem itens como “Teresa, vômitos e diarreia; Cristina, evacuando sangue; Germán, dores de barriga” e até mesmo um singelo, mas assustador, “cansado” (o quão cansado uma pessoa escravizada teria que estar para sua proprietária aceitar perder sua força de trabalho por um dia?). Por suspeita de fingimento, muitos eram recusados: um dos diários de enfermaria afirmava, em 30 de janeiro de 1842, “Nicolás, nada”. Poucos dias depois, no mesmo diário, outra anotação, agora na coluna das baixas: “Nicolás, morreu”. [Moreno Friginals, *Engenho*, II/III, 101–8; Ortiz, XV.]

194 Original: “*un maso de cujes con cincuenta de ellos*” (sic). *Cuje* era uma vara de madeira flexível tão usada como chicote que teve seu uso proibido em Cuba no começo do XIX.

195 Tantos silêncios e vazios narrativos deixam nossa imaginação sempre em suspenso, nos forçando a tomar um papel mais ativo na construção da narrativa. [Wolfgang Iser, em *The Act of Reading*, citado em Miller, “Rebeldía”.]

196 Um autor defende que essas lacunas gritantes de Manzano esconderiam as muitas violências sexuais que teria sofrido nas mãos dos capatazes. Outro autor, em uma tese sobre as violências sexuais que sofriam os escravos homens, classifica essa hipótese específica de “superteorização da linguagem”. A existência da lacuna não justifica seu preenchimento arbitrário. [Ellis; Staidum, 15–7.]

197 Depois de uma cena de tortura em que compara seu castigo à paixão de Jesus, Manzano recupera os sentidos em uma paródia da *Pietà*, de Michelângelo: em um oratório, nos braços de sua mãe — que coincidentemente se chama Maria. Em uma sociedade pretensamente cristã mas dependente do escravismo, Manzano sorrateiramente sugere quem era o verdadeiro cristão e quem eram os perversos romanos. [Stoneham.]

198 Em outra gritante lacuna característica do texto manzaniano, ele menciona ter visto o dinheiro que compraria sua liberdade e, então... nunca mais volta ao assunto. Como se fosse uma questão de menor importância. Como se fosse uma questão importante demais para ser mencionada. Sua mãe “saiu sem o dinheiro”. Saiu de onde? Perdeu o dinheiro como? Com quem está? Manzano não diz.

199 Frango castrado e alimentado para engorda.

200 Guia de cavalgadas ou de animais de carga; tropeiro. [Houaiss.]

201 O original tem aqui uma lacuna proposital de Manzano. Entre as palavras “por que passado” e “minha ama”, todas na mesma linha, ele insere quatro pontos: “....”

202 Manzano diferencia “seu irmão” de um lado e “os meninos e meninas” de outro. No texto de Manzano, essa distinção é importante e muitas vezes reforçada: sempre que fala em meninos e meninas, está falando em meninos e meninas *brancas*, dos sinhozinhos e sinhazinhas.

203 Antiga medida de distância, bastante variável. Geralmente, era de 4,8 km no mundo anglófono, 5,5 km no hispânico e 6,6 km no lusófono. A légua cubana tinha 4,2 km. [Pichardo.]

204 Soltar os cachorros em uma pessoa escravizada fugida era uma prática relativamente comum. Algumas vezes, resultava em morte. Em 1855, em Matanzas, um homem escravizado deu queixa contra um capataz de engenho. A acusação: durante a captura de um colega escravizado fugido, o capataz teria lhe ferido com o machete e soltado os cachorros em cima, causando assim sua morte. Várias testemunhas, todas escravizadas, confirmaram as acusações. Resultado: o acusador foi açoitado, preso por quatro meses e depois vendido. O capataz nada sofreu. [Díaz Benítez, 61–3.]

205 Pela corda que lhe atava as mãos.

206 Em uma autocensura característica, Manzano primeiro foi elíptico e escreveu apenas: “uma cadeia de ...”. Depois, por cima das reticências, acrescentou a palavra: “obscenidades”.

207 Arreio de corda ou couro, para prender ou controlar.

208 Em 1789, a Coroa espanhola tentou implementar um novo código para o tratamento de pessoas escravizadas. Segundo ele, vinte e cinco açoites seria a pena máxima que se podia infligir. Se a pessoa escravizada tivesse cometido faltas graves que justificassem castigo maior, o caso deveria ser remetido ao poder público, que estipularia e aplicaria a pena. A açúcarocracia cubana protestou em peso contra essa ingerência do Estado em seus assuntos privados e a Real Cédula de 1789 acabou nunca entrando em vigor. O ponto mais contencioso foi o limite dos açoites. Segundo os açúcarócratas, se as pessoas escravizadas soubessem que as proprietárias não poderiam infligir castigo pior, perderiam o temor, recusariam submissão e abandonariam o trabalho. Finalmente, o Regulamento de Escravos de 1842 limitou as chibatadas a somente vinte e cinco. [Marquese, 208–10; Ortiz, XIV, XX.]

209 Uma mentira convincente: sapatos eram importantes símbolos de status e objeto de desejo para as pessoas escravizadas que geralmente não podiam usá-los. Muitas vezes, ao obter a liberdade, a primeira compra de muitas era um par de belos sapatos.

210 A tortura é a grande silenciadora: ela apaga nossa capacidade de expressão, nosso conceito de eu e o próprio mundo que nos rodeia. Nossa consciência se dissolve e se desarticula na intensidade da dor. Por isso, toda forma de poder se baseia na distância do corpo: o corpo é justamente o lugar da dor e da fragilidade, o calcanhar de aquiles que permite que sejamos torturados. (O poder, por seu lado, não tem corpo, só discurso.) O gênero literário do *testimonio* é o contra-ataque: ele permite inundar os regimes torturadores em um dilúvio de vozes, vozes que falam em nome da pessoa silenciada. Se o grito de dor reduz a vítima ao estado pré-linguístico, o *testimonio* é o espaço onde a vítima reconstrói o seu mundo, rearticula sua voz. A legitimidade do *testimonio* está em levar a palavra de volta ao corpo da vítima, em devolver a voz à pessoa silenciada pelo terror. Nesse aspecto, a autobiografia de Manzano é um *testimonio* sobre a dor e sobre a tortura. [Scarry, citada por Miller, “Rebeldía” e Ramos, “Ley”.]

211 O tombadeiro era o local onde se habitualmente tombavam as pessoas escravizadas para a aplicação dos açoites. Havia diversos tipos de castigos. O “novenário” ou “castigo de nove açoites” consistia em açoitar a pessoa nove vezes por dia, por nove dias consecutivos. Já no “boca-abaixo” a pessoa era tombada de barriga para baixo no chão, deixando as costas expostas ao chicote. Manzano aparentemente sofreu uma combinação desses dois. [Ortiz, XIV.]

212 Rações.

213 A muda papeleta tinha mais credibilidade do que ele, ali, gritando e jurando inocência. [Williams, 39.]

214 Resíduo da cana, após extração do suco ou garapa. Depois de posto para secar ao sol, tornava-se bagaço seco e era usado para queimar nos fornos. [Moreno Friginals, *Engenho*, glossário.]

215 Original: “*garapato*” (sic). Na Cuba da época, *garabato* era um galho fino de árvore cortado de modo a formar uma forquilha e muito utilizado para limpar terrenos cobertos de ervas daninhas. [Moreno Friginals, *Engenho*, glossário.]

216 Original: “*en este dia me tocó como uno de tantos ir a cargar asucar p^a. la casa de purga*” (sic). Algumas pessoas estudiosas, ansiosas pra absolver Manzano das falhas de caráter que atribuem a ele, consideram que essa é a única vez, em toda a autobiografia, que Manzano coletiviza sua situação e se vê como “um escravo entre tantos”. Entretanto, como Manzano de fato nunca demonstra nenhuma solidariedade pelas demais pessoas escravizadas e sempre fala apenas em seu próprio nome, me parece mais provável que a expressão “*uno de tantos*” se refira à “dia”, e não a ele próprio. Era “um dia como tantos outros”, não ele que se considerava “um escravo como tantos outros”. [Lienhard.]

217 Em um engenho, o local onde o açúcar mascavo era purgado (ou seja, refinado e limpo de

impurezas) até virar açúcar demerara. A purgação era a última etapa do refino do açúcar.

218 Original: “*tinglados*” (sic). Na casa de purgar, eram as estruturas de madeira expressamente perfuradas para a colocação das formas. [Moreno Friginals, *Engenho*, glossário.]

219 Entre 1835 e 1841, época em que Manzano escreve a autobiografia, a taxa bruta de mortalidade dos engenhos açucareiros cubanos era de cerca de 63 por mil. Em uma população jovem e bem-alimentada, pré-selecionada por seus atributos físicos e livre de doenças congênitas, morriam anualmente 5% de trabalhadores em plena atividade. (Para fins de comparação, no Brasil de 2005, a taxa de mortalidade era de 6 por mil, dez vezes menor, e incluindo aí pessoas idosas e doentes.) Uma frase popular da época já dizia: “açúcar se faz com sangue”. Outra frase, popular entre pessoas escravizadas no Brasil e em Cuba, evidenciava bem qual era prioridade diária dessas pessoas: “o problema aqui é não morrer”. [Moreno Friginals, *Engenho*, II/III, 115–6, “Apuntes”, 43.]

220 Francisco.

221 Cavalgadura pequena e mansa.

222 Os móveis e os objetos feitos dessa madeira, mais conhecida em português como mogno.

223 A pessoa escravizada precisa estar sempre ocupada.

224 Manzano já havia mencionado tanto suas roupas extravagantes quanto sua rotina de passeios, pescarias, idas ao teatro etc. Então, não fica claro exatamente qual é a coisa muito nova a qual ele se refere.

225 Na lista da coleta para obter a liberdade de Manzano, realizada na tertúlia literária de del Monte, chama a atenção os baixos valores das contribuições individuais, inclusive a de seu ex-dono Nicolás, que Manzano afirma que o “amava como um filho”. Quem chama a atenção para esse fato não sou eu, aqui do século XXI, anacronicamente projetando meus valores sobre o passado, mas um outro participante da coleta: ele explicou para del Monte sua contribuição de apenas quatro pesos dando como justificativa o fato de Nicolás, muito mais rico que ele e ex-dono de Manzano, ter contribuído com o mesmo baixíssimo valor. (Del Monte doou 57.) Dentre os homens mais ricos de uma ilha tão próspera, ninguém se emocionou ao ponto de simplesmente pagar de seu bolso a liberdade integral do poeta. [Luis, *Autobiografía*; carta de José Miguel Angulo y Heredia para del Monte, de 7 de maio de 1836, em Del Monte, vol. II; Moliner, em Franco, 230.]

226 Nicolás era somente quatro anos mais velho que Manzano.

227 Tuberculose.

228 Para os literatos do círculo delmontino, a capacidade mimética de Manzano era, ao mesmo tempo,

lisonjeira e assustadora. Por um lado, serem imitados por alguém tão talentoso era a comprovação de seu poder. Por outro, o furor antropofágico de Manzano, que tudo repete, tudo recria, tudo recita, produz nos amos uma ansiedade insuportável, uma terrível suspeita de que o espelho, afinal, não seja tão passivo assim. [Ramos, “Ley”; Azougarh, 24.]

229 No começo do texto, Manzano enfatizou os mimos e bons tratos que recebia de sua primeira senhora, sendo inclusive mandado para a escola na casa da madrinha. Como pode então ainda estar analfabeto aos cerca de dezesseis anos? [Williams, 46.]

230 Ou seja, colocando um papel quase transparente sobre a caligrafia de seu amo e copiando as letras traço por traço.

231 Manzano se identifica não com a pessoa de seu amo, mas com sua caligrafia, com suas leituras, com sua escrita, com os meios através dos quais ele, Manzano, vai finalmente obter sua própria identidade. Existem duas histórias na autobiografia: uma, de acordo com a encomenda de del Monte, é a autobiografia do escravo; a outra, tão importante, se não mais, é a autobiografia de Juan Francisco Manzano, poeta, leitor e escritor. [Molloy, 51.]

232 Conjunto dos utensílios utilizados em determinada tarefa. [Houaiss.]

233 Pouco antes, o poeta afirma que Nicolás o amava como “a um filho”, mas duvidamos que Nicolás tenha proibido seus filhos de ler e escrever. Nicolás foi presidente da Academia Cubana de Literatura e da Seção de Educação, ambas dentro da Sociedade Econômica de Amigos do País, grupo formado pela elite dos açucarócratas escravistas cubanos. Naturalmente, os “amigos do país” tinham todo interesse em educar as pessoas cubanas — mas somente as das “classes apropriadas”.

234 Escrita por volta de 1836, a autobiografia de Manzano apenas seria publicada em Cuba um século depois, em 1937. Diversos outros textos antiescravistas produzidos pelos delmontinos tiveram o mesmo destino. Como disse um dos membros do grupo, “estamos condenados a calar ou, quando muito, fazer versinhos de amor”. As leis coloniais espanholas dispunham com detalhes sobre o tipo de artigo que poderia ser publicado na imprensa e proibiam especificamente que se escrevesse sobre escravidão. E não apenas escrever. Em Matanzas, em 1868, já na véspera da Guerra de Independência, uma ordem do governador proibiu expressamente que uma pessoa negra cantasse pelas ruas uma canção chamada “O escravo”, por “semear o descontentamento e germinar propósitos desesperados e funestos” na escravatura do país. [Martínez Carmenate, *Del Monte*, 310; Díaz Benítez, 34–5; 79–81.]

235 Manzano estava vivendo perigosamente. Para uma pessoa escravizada, ler e escrever eram consideradas atividades altamente subversivas. Francisco Calcagno, em sua antologia *Poetas de Cor*, menciona outro poeta-escravo, José del Carmen Díaz, que foi preso e enviado ao campo porque “lia jornais e os repetia aos companheiros”. Mais tarde, Calcagno usa os lucros obtidos com a edição do livro para libertá-lo. Nas palavras de Calcagno: “É ruim ser escravo, mas é mil vezes pior ser um escravo acordado. Um escravo que pensa é um protesto vivo, é um juiz mudo e terrível que está estudando o crime social”. [Calcagno, 87; Friol, 38; Álvarez Álvarez y García Yero, 61; Willis.]

- 236 O poeta espanhol Juan Bautista Arriaza y Supervilla (1770–1837).
- 237 Nicolás de Cárdenas y Manzano e Teresa Herrera se casaram em junho de 1814.
- 238 Mercúrio era o mensageiro dos deuses gregos. Como tantas pessoas escravizadas em ambientes urbanos, Manzano levava e trazia cartas entre o noivo e a noiva. Para garantir que não eram comunicações ilícitas ou imorais, ele ainda enfatiza que a mão da noiva já havia sido pedida.
- 239 Primeiro, a escrita. Depois, a mãe.
- 240 Guanajay, cidade da província de Artemisa.
- 241 A repetição consta do original manuscrito.
- 242 Seus três anos em Havana transformaram a cidade em uma terra mítica de liberdade para ele, onde é mais bem tratado, tem mais liberdade, vai ao teatro e ao circo, e talvez mais importante, aprende a ler e escrever. [Friol, 138.]
- 243 As muitas habilidades de Manzano, sempre reiteradas por ele, tinham valor de mercado: em 1833, uma morena livre exigiu um pagamento maior pelos meses em que cuidara de uma anciã, alegando que sua destreza em cuidar de enfermos lhe tornava mais valiosa que outros serventes que careciam dos seus conhecimentos. [Deschamps-Chapeaux, 176.]
- 244 José María Peñalver y Cárdenas (17??-1847) foi um importante músico e autor cubano. [Del Pino, 206.]
- 245 Nicolás José Gutiérrez y Hernández (1800–1890) foi um importante médico cubano, fundador do primeiro periódico médico do país, membro de numerosas organizações científicas e autor de muitos estudos. Mas a cronologia da história não bate: Manzano teria dezoito anos por volta de 1815 e Nicolás só se forma médico em 1823. Talvez Manzano esteja recordando uma história posterior. [Del Pino, 121.]
- 246 Havia tanta resistência à ideia de uma pessoa escravizada letrada que Manzano se sente compelido a enfatizar como suas habilidades também poderiam reverter em benefício de suas pessoas proprietárias. Para Manzano, as letras eram úteis; já para a elite, ainda mais nas mãos de uma pessoa escravizada, as letras eram somente um passatempo; e o tempo, para uma pessoa escravizada, não é para se *passar*, é para se *medir*. O tempo precisa ser produtivo: daí Nicolás mandá-lo ir costurar. [Molloy, 51.]
- 247 Para Manzano, se Havana era a terra mítica da liberdade, Matanzas era a da escravidão e das torturas.

248 María Josefa Aparicio del Manzano, a Condessa de Buena Vista, irmã da marquesa de Prado Ameno, faleceu em Havana em 1819.

249 O dobrão, ou dobrão de a quatro, valia um quarto de onça de ouro. O dobrão de a dois valia a metade de um dobrão de a quatro. [Pichardo.]

250 “Pedir papel” era um dos principais direitos adquiridos das pessoas escravizadas cubanas: ir até o síndico (funcionário municipal encarregado de defender os interesses das pessoas escravizadas, geralmente um fazendeiro escravista) e forçar sua venda, quase sempre pelo preço previamente coartado. Mesmo que a pessoa escravizada não alegasse maus-tratos, havia sempre uma crítica implícita às suas atuais pessoas proprietárias, que experimentavam a tripla humilhação de ser criticadas em público pela sua pessoa escravizada, perdê-la à força e ainda sofrer interferência estatal em seus assuntos privados. Daí a reação da ama de Manzano. A lei reservava à pessoa escravizada somente quatro direitos, nem sempre respeitados: casar livremente; buscar novas proprietárias; juntar economias e formar pecúlio; comprar sua própria liberdade. Naturalmente, as pessoas escravizadas em ambientes domésticos e urbanos, como Manzano, possuíam mais informações e mais acesso ao Estado do que as que trabalhavam no campo. Em sua edição inglesa dos textos de Manzano, o abolicionista Richard Madden incluiu um apêndice sobre a condição das pessoas escravizadas em Cuba, onde falou sobre “pedir papel” e coartação, e terminou citando George Canning, estadista inglês que lutou incansavelmente pela abolição do tráfico negreiro: “qualquer lei para a melhora parcial da condição dos escravos será sempre defeituosa, pois as pessoas encarregadas de sua implementação têm interesse em derrotá-las”. [De la Fuente; Ortiz, XVI, XVII.]

251 Carta de Manzano para del Monte, em 25 de junho de 1835, sobre o processo de escrever a autobiografia: “Só me atrevo a abordar esse assunto por confiar em sua prudência, ainda mais quando ainda vive quem tanto me fez gemer, me obrigando à forçosa necessidade de uma arriscada fuga para aliviar meu triste corpo das contínuas mortificações que não podia mais sofrer.” [Friol, 59; Azougarh, 209; Franco, 85–86.]

252 O texto entre colchetes é uma nota de rodapé adicionada de próprio punho por Manzano ao manuscrito.

253 Original, “*de aire perlático*” (sic). *Aire* era o nome genérico para qualquer condição que deixasse o corpo ou parte dele paralisado. [Pichardo.]

254 Talvez Manzano tenha se tornado criado-mor, mesma posição que seu pai ocupava quando se casou com sua mãe.

255 Na opinião de Manzano, ele era odiado pelas outras pessoas escravizadas por causa da qualidade superior de seu trabalho. Não parece lhe ocorrer outra explicação mais provável.

256 Sala de jantar.

- 257 Alguns dos nomes mais importantes de Cuba desfilam pelas páginas de Manzano. Tomás Gener nasceu na Espanha e viveu grande parte da vida em Matanzas. Foi deputado por Cuba nas cortes espanholas de Cádiz, em 1823, que declararam o rei incompetente. Com a vitória da reação monárquica, teve que se exilar em Nova York. Depois, voltou a Matanzas, onde, ao lado de Domingo del Monte, criou a Biblioteca da Cidade. Faleceu em 1835.
- 258 Manzano se descreve como um escravo perfeito. Apesar disso, continua sendo punido pelos motivos mais fúteis. O que será que não está nos contando?
- 259 Forte desejo; tentação, impaciência. [Houaiss.]
- 260 Manzano parece ter mais “orgulhinho” de sua relação próxima com as suas pessoas proprietárias do que de “saber cumprir sua obrigação”.
- 261 A mãe de Manzano falecera pouco tempo antes.
- 262 A perda do privilégio de usar sapatos era simbólica: Manzano passava a ser tratado como qualquer pessoa escravizada do campo.
- 263 A cabeça raspada era associada à morte e à escravidão em todo o mundo. Assim, raspar o cabelo de uma pessoa escravizada simbolizaria sua “morte social” e “condição permanente de liminaridade”. A escravidão negra nas Américas, entretanto, foi a exceção a essa regra e revela o poder simbólico do cabelo. Afinal, em um continente onde os tons de pele eram tão variados e misturados, as pessoas escravizadas já traziam bem visível nos cabelos a marca da sua negritude. Raspá-los só ofuscaria a distinção. Ainda assim, como no caso de Manzano, raspar a cabeça era usado como castigo especialmente humilhante. [Patterson, 98–101.]
- 264 Na complexa taxonomia racial cubana da época, “chino” ou “china” era como era chamada a pessoa que era produto da união de uma pessoa “mulata” com uma negra. O manuscrito copiado e corrigido por Anselmo Suárez y Romero, disponível na Biblioteca Nacional José Martí, tem como título: *Autobiografía e cartas do poeta Juan Francisco Manzano, chino escravo da ilha de Cuba*. Quando se referia a si mesmo, Manzano usualmente usava a palavra “mulato”. [Pichardo.]
- 265 Marquesa.
- 266 Juan Ruiz de Apodaca, casado com María Rosa Gastón, foi capitão-geral de Cuba entre 1812 e 1816. Com base nas datas do casamento de Nicolás de Cárdenas y Manzano (1814), da permanência de Apodaca em Cuba (1812–1816) e do falecimento da Condessa de Buena Vista (1819), estima-se que os três anos felizes de Manzano em Havana tenham sido de 1814 a 1816. [Friol, 156–159.]
- 267 A acepção atual da palavra “maquinista”, ou seja, “condutor de trens ou navios a vapor”, estava apenas começando a surgir. Manzano escreveu em meados da década de 1830 e a primeira estrada de

ferro de Cuba foi inaugurada em 1837, a primeira da América Latina e dez anos adiante mesmo da metrópole Espanha. (Aliás, testemunho da pujança econômica da elite açucarocrata cubana.) Antes das ferrovias e nesse contexto, “maquinista” tinha outras duas acepções possíveis: era o profissional que se ocupava da montagem e desmontagem dos cenários e acessórios de um teatro e, também, o técnico encarregado das máquinas de vapor como força motriz dos moinhos dos engenhos de açúcar. Muitos comentaristas presumem automaticamente a segunda opção, mas, considerando a intensa cena teatral havaneira e a natureza artística do trabalho, não se pode descartar a primeira. [Houaiss; Moreno Friginals, *Engenho*, glossário.]

268 Ganhando por hora.

269 Original: “*escaparate*” (sic). Um armário com portas de vidro para exibição de imagens, estatuetas etc.

270 Não como um mestre-artesão, mas como um ajudante braçal.

271 O *monte* era um jogo de cartas, de puro azar, proibido. Na época, se considerava o jogo um dos principais problemas sociais a serem combatidos. Entretanto, as autoridades faziam vista grossa, e muitas vezes se juntavam ao carteadado, quando esses jogos eram realizados em casa de pessoas de alta classe social. [Pichardo; glossários de Madden e de Barnet; Díaz Martínez, 55–60.]

272 As pessoas criadas bem sabiam que Manzano não era um dos seus. Mas ele acabava sempre igualmente punido junto com elas.

273 Sacerdote nomeado para ajudar ou substituir um prior ou prelado no exercício de suas funções. [Houaiss.]

274 Manilha pode significar tanto braceletes ou tornozeleiras ornamentais como também argolas para prender os pés e mãos de pessoas aprisionadas ou escravizadas.

275 A mãe de Manzano, pessoa escravizada cujo valor já havia sido coartado em trezentos pesos, tinha promissórias no valor de mais de seiscentos, cuja devedora, aparentemente, era a própria marquesa de Prado Ameno. Ou seja, se a sinhá tivesse pago a dívida, a mãe de Manzano já estaria livre.

276 Que tem a cor castanha ou amarelo-torrado. [Houaiss.]

277 A menção ao avô (e, mais ainda, à pequena herança deixada pelo avô, gerenciada pelo pai e distribuída aos netos) pode parecer natural, e até passar despercebida, à pessoa leitora do século XXI. Mas crescer próximo à família, ou mesmo *saber* quem é sua família, era um dos principais privilégios das pessoas livres sobre as escravizadas. Poucas eram as pessoas escravizadas criadas por pai e por mãe, e raras as que conheciam as avós. Manzano, mais uma vez, demonstra ser uma pessoa escravizada privilegiadíssima. O que, naturalmente, só aumenta o *nosso* próprio terror ao ler o seu relato: se a

vida das pessoas escravizadas privilegiadas era *assim*, como seria a vida das outras cuja voz nunca chegou até nossos ouvidos?

278 Cavalo cujo pelo avermelhado é entremeado de branco, dando-lhe aspecto de cor rosada. [Houaiss.]

279 O que é necessário para a subsistência de alguém; custeio, manutenção. [Houaiss.]

280 Incitar cão para que morda, ataque ou se porte agressivamente; provocar irritação; enfurecer, exasperar. [Houaiss.]

281 Manzano reserva palavras mais duras e rudes para a pessoa escravizada que cuidava de sua irmã e pedia pelo que lhe era de direito do que para a senhora branca que lhe furta sua herança.

282 Segundo a Condessa de Merlin, cubana expatriada e apologista da escravidão, apesar de as pessoas escravizadas possuírem direito a propriedade, quando morriam seus bens passavam automaticamente às suas proprietárias. Mas, acrescenta ela, “se [a pessoa escravizada] deixa filhos, nunca o proprietário se aproveita dessa herança, e sim conserva cuidadosamente o pecúlio do defunto, o faz crescer e, quando é suficiente, liberta seus filhos por ordem de idade.” Naturalmente, não foi isso que aconteceu com Manzano. Aliás, como as pessoas escravizadas podiam acumular economias mas eram impedidas por lei de depositá-las em bancos ou caixas de poupança sem a autorização das amas, a situação desses bens era sempre precária: eles podiam ser facilmente roubados ou, em caso de morte, perdidos. [Merlin, 76; Ortiz, XXI.]

283 A marquesa claramente jamais libertará o jovem poeta.

284 O Manzano-narrador projeta na personagem Rosa toda a raiva e a frustração que provavelmente eram a dele próprio, mas que não ousa confessar em uma autobiografia que será lida pelos ricos literatos escravistas do grupo delmontino. É mais seguro e mais político pintar a pobre Rosa como a megera da história.

285 À Rosa.

286 Significado obscuro. Uma possível interpretação: o capataz lhe mostrou a carta, na qual vinham recomendados terríveis castigos, para lhe fazer ver que poderia facilmente ter pago um preço alto por uma besteira dessas. Essa interpretação se coaduna com a atitude posterior do capataz mas não com os comentários posteriores de Manzano, que afirmava que sua senhora não conseguia passar nem dez dias sem ele.

287 Em Cuba, um tipo especial de jaqueta de lona, cânhamo ou algodão. [Pichardo.]

288 A expressão “de nação”, tanto em Cuba quanto no Brasil, era usada para descrever pessoas negras

ditas boçais, ou seja, africanas. Não era comum usar essa expressão para designar uma pessoa branca ou europeia.

289 Quanto mais a mente branca cristã da época se distanciava de sua própria corporalidade, tida como suja e pecaminosa, e enxergava a pessoa escravizada como puro corpo — corpo esse que é o local do trabalho, da produção de riquezas, da alimentação, da sexualidade, da reprodução — mais dependência e maior desejo sentia por esse objeto de sua pretensa ojeriza. [Ramos, “Cuerpo”.]

290 Manzano se ofende de a senhora tratá-lo como se tivesse nascido no engenho e não em Havana.

291 *Manigua* era como se chamava o jogo do *monte* quando jogado com poucas pessoas, em casa de gente de confiança, improvisado e sem cerimônias, em vez de nas ruas por pessoas de baixa classe social. [Pichardo.]

292 O corpo do menino escravizado, verdadeira barreira humana, é a última linha de defesa do corpo de sua senhora.

293 A marquesa de Prado Ameno parece fetichisticamente fixada em Manzano. Ela estapeia o moleque, faz com que seja preso, açoitado e torturado, lhe encerra na carvoeira, raspa seus cabelos, rouba sua herança... mas não consegue passar dez dias sem ele. Mesmo com diversos filhos e filhas para criar, não perde Manzano de vista: lhe ensina ofícios, lhe dá dinheiro, satisfaz seus pequenos prazeres (pesca, teatro, circo), se regoziza como uma namoradinha quando o vê costurando calças sem que ninguém lhe tenha ensinado. Por trás das elipses do texto, parece haver um obscuro e escandaloso segredo de amor, talvez recalcado em frustração, talvez realizado em gozo, mas sempre silenciado. Em 1833, já sexagenária, a marquesa se casou novamente pouco mais de um mês depois da morte do seu marido: tudo indica que possuía “um eros implacável”. [Friol, 51.]

294 Provavelmente, um pequeno leque. Na Cuba dessa época, também se chamava “abanico” um tipo de machete muito usado no corte de cana. [Moreno Friginals, *Engenho*, glossário.]

295 Um antropófago da palavra, rastreando cultura como um cão fareja restos de comida. [Calcagno.]

296 Em uma sociedade tão devotamente católica como a cubana do século XIX, a maior parte dos “pedaços de papel impresso” que Manzano encontrava pelas ruas devia ser formada por aquilo que hoje chamaríamos de “santinhos”.

297 Nove dias consecutivos de rezas dedicadas a Santo Antônio.

298 Triságio: hino breve entoado pelo coro na veneração à cruz, na Sexta-Feira Santa. Assim denominado pela atribuição trina de santidade a Deus: Ó Santo Deus, Santo e Forte, Santo e Imortal, tende piedade de nós. [Houaiss.]

299 Festa, banquete.

300 Casca de ovo é um tipo de porcelana, muito utilizada em tinteiros.

301 O afeto de Manzano por sua sádica senhora é um entre tantos elementos da autobiografia que jamais chegou aos olhos de quem leu a edição inglesa de 1840. Talvez por ser sutil e contraditório demais para os objetivos políticos abolicionistas. Debaxo de tantas reescrituras ao longo dos séculos, é como se a própria pessoa de Manzano, apesar de central a sua autobiografia, fosse progressivamente sumindo: no fim, resta apenas o Manzano personagem das inúmeras versões de sua própria auto(sic)biografia. [Luis, *Autobiografía*, 57.]

302 Criando motes (palavras ou nomes satíricos) para fazer pouco dela.

303 Talvez seja por isso que as outras pessoas escravizadas não gostavam de Manzano.

304 A liberdade.

305 Ao longo da vida, e mesmo quando ainda escravizado, Manzano publicou diversas coleções de poesia, assim como também poesias avulsas nos principais jornais e revistas literárias de sua época. Hoje, entretanto, sua produção poética nos chama atenção menos por sua qualidade e mais por seu estilo neoclássico calculadamente correto e desesperadamente convencional. Não que isso seja um problema: suas poesias são originais precisamente por serem tão imitativas, produtos de seu gênio para imitação, de seu extraordinário e transgressor talento mimético para deliberadamente se apropriar dos códigos das pessoas brancas, tornar-se fluente neles e vencê-las em seu próprio jogo: dominou tão bem o idioma do neoclassicismo poético que suas poesias se tornaram praticamente paródias desse estilo. Mas, se Manzano encaixa-se sem esforços no eu-lírico da poesia neoclássica, manejando em sua cabeça diversos mestres-poetas para usar de exemplo, a escritura da autobiografia não possui modelo, nenhuma persona autobiográfica para imitar, nenhum outro homem negro escravo para emular. Ele está sozinho. [Molloy, 51–54.]

306 Banhos: estância balnear de águas medicinais ou minerais. [Houaiss.]

307 Deveria ter pensado em seus cinco irmãos mais novos antes de se arriscar a perder sua herança no jogo.

308 Doze léguas cubanas são cerca de cinquenta quilômetros. A distância exata entre Madruga e Havana é de 58km. Ironicamente, muitos anos mais tarde, em 1844, quando foi preso por suspeita de envolvimento na Conspiração de Escalera, Manzano descobriu que era sim possível fazer o dobro desse trajeto a pé: foi levado caminhando de Matanzas até Havana em seis dias, acorrentado, sofrendo violências, parando para comer somente uma vez. E ainda pôde se considerar com sorte, pois foi inocentado e solto no ano seguinte. A repressão espanhola contra a Conspiração (que ainda há dúvidas se realmente existiu) envolveu mais de três mil pessoas (das quais 70% de negras livres), executou quase duzentas (50% de negras livres, incluindo o outro famoso poeta afro cubano Plácido), encarcerou mil, exilou setecentas, destruiu a ascendente classe média de negros livres que começava a

se formar e definitivamente sepultou quaisquer pretensões independentistas em Cuba, encerrando o pequeno *boom* literário cubano que possibilitou o surgimento da autobiografia de Manzano. [Azougarh, 12; Friol, 64–65, Torres Cuevas, 187; Deschamps Chapeaux, 197–201; María Barcia, 303; Franco, 94.]

309 Uma das características marcantes da narrativa abolicionista norte-americana era uma idealização do “Norte”. Havana, sempre idealizada como o local proverbial de liberdade na prosa de Manzano, era o seu Norte.

310 Significado obscuro. Ou Manzano vestia roupas formais duas vezes por semana, ou trocava de muda de roupa duas vezes por semana.

311 Original: “*paila*” (sic). Vasilha grande, de cobre ou ferro, usada nos engenhos para cozimento e transformação do caldo de cana em açúcar. Presumivelmente, uma delas era utilizada de banheira. Nos engenhos de açúcar cubanos, havia as chamadas “casas de *paila*” ou “casas de calderas”, edifícios contíguos aos trapiches onde se guardavam todas as peças e utensílios necessários para fazer o açúcar e onde se concentrava e purificava a garapa. [Houaiss; Pichardo; Moreno Friginals, *Engenho*, I, 272–289.]

312 Manzano evitava até mesmo se “roçar” com outras pessoas negras, tanto insistia em se banhar que foi até castigado e se tornou muito fluente nos códigos de vestuário de sua época. Desde cedo, ele parecia intuir a função individualizadora da roupa para cobrir e controlar seu corpo, corpo esse que era o objeto do poder das pessoas proprietárias. Mais tarde, ao reconhecer que a escrita dava ao sujeito a capacidade de transcender seu próprio corpo dolorido, escravizado e explorado, Manzano obteve por fim sua liberdade. [Ramos, “Cuerpo”.]

313 Significado obscuro. Original: “*comedor o colgadiso puerta de calle*” (sic). Em espanhol, *comedor* é o nome usual para sala de jantar. Na Cuba da época, *comedero* era o lugar onde o gado de uma fazenda pastava ou se alimentava, e *colgadizo* era uma casa baixa, fosse ela independente ou unida a algum outro edifício. [Pichardo.]

314 Planta muito comum em Cuba. Suas flores coloridas se abrem no fim da tarde. [Pichardo.]

315 Toda essa cena grotesca, um castigo feroz e público pelo crime de tomar banho, parece ter sido criada pela marquesa apenas para humilhar Manzano diante da “mulatinha” com quem flertava de forma tão infantil. Pobre Manzano, ainda disse para ela que era livre!

316 Franzino, sem ter muita força física, e acostumado à vida privilegiada de criado pessoal da senhora, Manzano sofre duplamente ao realizar tarefas braçais. Podemos imaginar que talvez fosse justamente essa a lição que a marquesa queria lhe ensinar: que desse valor à vida privilegiada que levava como seu “cachorrinho”.

317 A cena, que arrancaria gargalhadas da plateia em qualquer comédia pastelão, é narrada sem nenhum humor e como prenúncio de novos e repetidos horrores. O filme da vida de Manzano não é uma comédia.

318 Saliva, cuspe, escarro. [Houaiss.]

319 Frase truncada. Aparentemente, o episódio convenceu Manzano de que seus sonhos de liberdade eram vãos.

320 Nem todos as pessoas eram criadas iguais, e as escravizadas menos ainda: Manzano faz questão de enfatizar sua percebida superioridade ao longo do relato. É interessante notar que a pessoa negra só era considerada boçal quando recém-chegada nas Américas. Assim que se aculturava, passava a ser chamada de ladina. Então, a boçal, por definição, era a pessoa negra que não falava o idioma de suas proprietárias, que não dominava os códigos de seu novo entorno, que não tinha voz nem palavra. Não é à toa que, entre outras coisas, ser comparado a um boçal foi um dos catalisadores da fuga de Manzano. Para ele, o que poderia ser pior? [Miller, “Rebeldía”, 422.]

321 O texto de Manzano existe em um instável equilíbrio entre a autobiografia, gênero que destaca a singularidade da experiência individual, e o *testimonio*, onde a experiência individual serve como reflexo da condição coletiva. O abolicionista Richard Madden, que traduziu e publicou o texto na Inglaterra, praticamente reescreveu a narrativa, eliminando detalhes individuais e transformando Manzano naquilo que era, em sua opinião, o “mais perfeito retrato da escravidão cubana”. Manzano, por outro lado, parece conscientemente fugir disso: ele nunca se coloca como “um dos negros”, ou “um dos escravos”, e, pelo contrário, faz de tudo para se distanciar deles. Mais ainda, ao enfatizar o poder da poesia, Manzano continuamente singulariza sua própria experiência. Para si mesmo, ele é poeta e não escravo. Não deixa de ser uma cruel ironia, portanto, que a maioria de suas pessoas leitoras ao longo dos séculos (talvez você?) estivesse primeiro buscando o escravo e não o indivíduo. Na falta de um Norte abolicionista para promover os testemunhos das pessoas escravizadas fugidas do Sul escravista, como nos Estados Unidos no século XIX, a autobiografia de Manzano não tinha uma tradição literária latino-americana onde se inserir, e só começou a ser estudada fora de Cuba a partir da década de 1970, quando o *testimonio* se tornou um gênero literário viável. [Miller, “Imitation”; Azougarh, 29.]

322 Exato, preciso. [Houaiss.]

323 A lei assegurava à pessoa escravizada o direito de dar queixa contra suas proprietárias por maus-tratos. Entretanto, a lei também dizia que as pessoas escravizadas não podiam sair de casa sem permissão por escrito das proprietárias; que pessoas de cor (mesmo livres) não podiam sair às ruas depois de determinada hora da noite, e nem se reunir com outras em público; que as proprietárias tinham que avisar às autoridades sempre que uma pessoa escravizada fugisse; e que era não só proibido abrigar essas pessoas fugidas como obrigatório apreendê-las ou dar parte delas. Então, pensando de forma prática e concreta, como poderiam as pessoas escravizadas dar queixa dos excessos cometidos por suas proprietárias? Não consegui encontrar ocorrências de pessoas escravizadas libertadas por terem sofridos maus-tratos. O que geralmente acontecia era serem “desapropriadas” de suas pessoas proprietárias e, então, vendidas para outras ou passadas para o serviço do Estado — que, aliás, ao contrário do que acontecia no Brasil, era considerado um proprietário muito mais terrível. [Díaz

Martínez, 50.]

324 Em Manzano, as palavras são o artifício que usa para dar ainda mais ênfase aos gigantescos silêncios, às poderosas elipses. Quais teriam sido as tais insinuações tão impertinentes?

325 Tornar-se amargo como o fel, ou seja, como a bile. [Houaiss.]

326 A lei colonial era especialmente dura contra as pessoas escravizadas. Entretanto, mesmo em relação às livres, a lei não era igual para todas: pessoas negras passavam mais tempo presas e sofriam castigos piores e penas maiores pelos mesmos crimes. Mais ainda, para “dar o exemplo”, seus castigos eram frequentemente públicos — como Manzano sendo conduzido pela cidade, atado como “o mais vil facínora”. [Díaz Martínez, 179–81.]

327 Manzano se autodefine racialmente como “mulato” e enfatiza sempre sua distância das outras pessoas negras, nunca questionando a bem definida hierarquia racial de sua época. Deve ter-lhe sido doloroso saber (se é que soube) que sua autobiografia foi publicada na Inglaterra em 1840 com o título de *Life of the Negro Poet (Vida do Poeta Negro)*. Para um britânico branco, mesmo bem-intencionado como Richard Madden, reconhecer a diferença entre uma pessoa autoidentificada mulata e uma negra, que afinal devia lhe parecer quase irrelevante, não ajudava em nada em seus objetivos políticos abolicionistas. Aliás, duplamente doloroso: Manzano, quando conheceu os planos internacionais de del Monte para seus textos, se permitiu sonhar que seriam lidos “no empório da ilustração europeia”, “levando o nome de seu infeliz autor mais longe de onde merece ser ouvido”. Não foi o caso: os textos se publicaram de forma anônima, ostensivamente para proteger Manzano de represálias, mas com detalhes pessoais o suficiente para qualquer uma identificá-lo com facilidade — inclusive suas iniciais! Em um só golpe, Manzano perdeu as duas coisas que demonstra, ao longo da autobiografia, prezar acima de tudo: seu nome como poeta e seu status de não negro. Madden não só traduziu mas reescreveu significativamente a autobiografia, mudou a ordem de vários episódios e eliminou muitos outros — especialmente, os que demonstravam a subjetividade individual de Manzano e seu amor por suas pessoas proprietárias — produzindo assim um relato que é muito mais *testimonio* do que autobiografia. [Miller, “Rebeldía”, 429; Franco, 80.]

328 Reunião sigilosa de grupo faccioso [Houaiss]. Figurativamente, um grupinho improvisado pra fofocar e intrigar.

329 O pai e a mãe de Manzano viviam em seu próprio *bohío*, ou choça, e criavam seus filhos e filhas cuidadosamente apartadas das outras pessoas escravizadas negras da fazenda. Claramente, Manzano aprendeu em casa a pretensa superioridade que sempre demonstra sentir em relação a essas outras pessoas.

330 Saturnino.

331 A interessante construção de frase de Manzano parece presumir que, uma vez morto seu marido e protetor, uma mulher não deve mesmo esperar respeito da parte de outros homens.

332 Pessoas escravizadas não podiam andar pelas ruas à noite, ou se afastar muito de casa, sem permissão especial de suas proprietárias.

333 O mesmo autor que especula sobre as violências sexuais que Manzano teria sofrido agora se pergunta: qual teria sido o subtexto sinistro dessa pergunta aparentemente tão inócua? Por que será que ela apavora tanto a Manzano? [Ellis.]

334 Original, “*barbaco*” (sic). *Barbacoa* era um lugar alto, logo abaixo do telhado, formando um tablado tosco, sem porta, onde geralmente se guardavam grãos e frutas. [Pichardo; Roura Álvarez e Angelbello Izquierdo, XIX.]

335 Original, “*cimarrón*” (sic). Em espanhol e em português, significa rês ou animal doméstico que foge e se torna bravio ou volta ao estado selvagem. Na América Hispânica, por derivação, o termo também passou a ser utilizado para denominar as pessoas escravizadas que fugiam ou se rebelavam contra a escravidão. Uma pessoa escravizada era considerada cimarrona quando dormisse fora de casa, ou estivesse a mais de uma légua do limite da propriedade à qual pertencia, sem permissão de suas proprietárias. Um dos livros cubanos mais traduzidos em todo o mundo se chama *Memórias de um Cimarrón* e é o *testimonio* de Esteban Montejo, que fugiu do cativeiro e viveu isolado nas matas até a abolição da escravatura. Os relatos de Montejo e de Manzano são os únicos de pessoas escravizadas da América Latina que chegaram até nós — no Brasil, não existiu ou não sobreviveu nenhum. A diferença é que Manzano escreveu seu relato de próprio punho, em 1835, enquanto ainda estava escravizado. Já Montejo deu seu testemunho ao antropólogo Miguel Barnet em 1963, aos 103 anos de idade. [Houaiss; Ortiz, XXII; Duharte Jimenez, 33; Barnet.]

336 Apesar de seu ato radical de rebeldia e fuga, a Revolução Cubana nunca se apropriou de Manzano. O esforço revisionista oficial de encontrar (ou criar) uma tradição revolucionária que funcionasse como fio condutor da história e da literatura nacionais, desde o século XIX até o triunfo revolucionário, não incluiu Manzano. O escravo selecionado para encarnar as virtudes revolucionárias foi Esteban Montejo. A tensão mais importante em *Memórias de um Cimarrón* é justamente entre a personalidade misantrópica e individualista de Montejo, sua vontade de se isolar e de não ajudar aqueles que não conseguem lutar por si mesmos, e as tentativas desastradas e transparentes de Barnet de apresentá-lo como um protorrevolucionário defensor do povo. Mas funcionou: hoje, nas livrarias cubanas, se vêem muitos exemplares das *Memórias de um Cimarrón*, mas nunca vi nenhuma cópia da autobiografia de Manzano — editada em Cuba pela primeira vez em 1937 e, pela última, há mais de quarenta anos, em 1972. Nas histórias literárias, ele mal é citado. Manzano, apesar de manso na medida certa para os delmontinos de 1830, era manso demais para os revolucionários de 1959 — apesar de ter sido tão *cimarrón* quanto Montejo. Com uma importantíssima diferença: Montejo renegou a sociedade branca colonial como um todo, se isolou completamente nas matas e só voltou ao convívio humano durante a Guerra de Independência. Manzano, por sua vez, nem sabia selar um cavalo e dedicou todos os seus esforços para vencer na sociedade branca urbana. Não surpreende que parecesse conservador demais para os fins políticos e ideológicos da Revolução Cubana. Apesar de nunca ter sido proibida em Cuba, a autobiografia de Manzano é muito mais lida fora da ilha do que dentro. Em 2015, será publicada pela Ediciones Matanzas a primeira edição cubana da autobiografia de Manzano em mais de quarenta anos, com posfácio do historiador matancero Urbano Martínez Carmenata e com as minhas

notas e introdução.

³³⁷ Com vinte anos de idade, pessoa escravizada na Cuba de começos do século XIX, Manzano nunca havia selado um cavalo. Por esses e outros detalhes que escapam pelas entrelinhas da narrativa, vamos percebendo a vida privilegiada e urbana que levou.

³³⁸ A fuga teria se dado em 1817. Cabe lembrar que, de acordo com a letra da lei e considerando os maus-tratos que Manzano sofreu, sua fuga foi legal. Não sabemos quanto tempo durou, mas em breve ele estava de novo ao serviço da marquesa de Prado Ameno. Em 1836, quando Domingo del Monte fez a coleta para libertá-lo, era propriedade de María de la Luz de Zayas, uma parenta da marquesa, já tendo passado por no mínimo outro dono, o senhor Tello de Mantilla.

³³⁹ Anselmo Suárez y Romero, membro das tertúlias de Domingo del Monte, encarnava os paradoxos insolúveis do antiescravismo escravista: ao mesmo tempo em que era dono empobrecido de um engenho medíocre e, portanto, ganhava a vida explorando o trabalho das pessoas escravizadas, também escrevia narrativas comoventes, de ampla empatia e observações detalhadas, sobre a vida dessas pessoas (sua crônica “O Cemitério do Engenho” é uma joia). Foi o primeiro entre tantos homens brancos a editar a autobiografia. Em 20 de agosto de 1839, ele enviou a del Monte a autobiografia copiada e corrigida (provavelmente o manuscrito apógrafo que hoje se encontra na Biblioteca Nacional José Martí), com os seguintes comentários: “A ortografia e a prosódia foi onde mais tive que emendar. [...] Do estilo, modifiquei muito pouco em relação ao original, a fim de deixar-lhe a melancolia com que foi escrito, e a simplicidade, naturalidade e até um certo desalinho que lhe dão muito mérito, removendo toda suspeita de que os acontecimentos referidos sejam mentira, mentira que um pobre mulato nos conta para nos envergonhar. [...] O senhor encontrará frases muito castiças, mas não tenho culpa, o original já as possui: outras inarticuladas e, em muitos trechos, uma soltura, uma fluidez que encanta. [...] Meu coração, que se irmana com as desgraças dessa classe de criaturas que, por terem nascido escravas, se levantam chorando, comem chorando e dormem e até talvez sonham chorando, pode imaginar o quanto ficou dolorido ao copiar a história de Manzano. E a outros muitos que por aqui leram lhes sucedeu o mesmo. Isso é um triunfo, senhor! Isso merece uma festa maior que a coroação de um rei! Já se vê que essa história foi escrita sem pretensões, sem acusações para ferir o amor-próprio dos brancos, e que em toda ela não se vê mais que a pura e limpa verdade. Que cenas tão domésticas, tão próprias de nossa vida privada! Como Manzano corrige a tirania dos amos apenas com a força dos fatos! Uma lástima, senhor Del Monte, que essa autobiografia não será publicada. Mas... onde? Como? A primeira parte vai copiada: a segunda, o senhor disse que Palma a jogou fora [Ramon de Palma, também membro da tertúlia delmontina, encarregado de copiar e corrigir a segunda parte], a quem, de minha parte, pode dar meus maiores agradecimentos ‘por um serviço tão eminente à causa mais nobre do mundo e à nossa escassa literatura’. Para corrigir o belo cuidado de Palma, não poderia pedir a Manzano que escrevesse de novo a segunda parte de sua história? Eu me comprometo a copiá-la. O caso é completar os diamantes de tão rica joia.” Toda a história do texto de Manzano — sua encomenda, escritura, correção, edição, reorganização, tradução, publicação estrangeira, esquecimento, omissão das histórias literárias, e celebração posterior como um *testimonio* da condição afrocubana — constituem uma verdadeira taxidermia do corpo escravo. [Del Monte, vol. 2, 391–2, *Fraginals, Engenho*, II/III, 578–9; Miller, “Rebeldía”.]

³⁴⁰ Uma teoria mais sinistra especula que a segunda parte era tão forte que foi censurada, seja pelos literatos de del Monte ou por alguma das antigas pessoas proprietárias de Manzano. No prefácio à

edição inglesa, Madden alimentou essa hipótese: “A segunda parte caiu nas mãos de pessoas ligadas a seu antigo senhor, e receio não ser provável que sejam devolvidas à pessoa a quem sou grato por [ter me fornecido] a primeira parte do manuscrito.” A nota inicial afirma que Manzano “perdeu seus dotes de poeta”, mas não faz sentido rotular seu silêncio de forma tão depreciativa. Pelo contrário, foi um silêncio digno, adulto, estratégico. Um silêncio ainda mais pavoroso do que qualquer novo horror que ele poderia ter nos contado na segunda parte — que teria sido, afinal, apenas mais um horror em uma já extensa lista de horrores. Na verdade, o seu silêncio, intencional e construído, é a segunda parte da autobiografia. [Madden, 39; García Marruz, 186.]

³⁴¹ Nota que encerra o manuscrito da autobiografia atualmente disponível na Biblioteca de Yale, copiado por Nicolás de Azcárate em 1852, um ano antes da morte de Manzano. Segundo seu neto, Azcárate estava cortejando Maria Luisa, moça abolicionista, e, como presente para ela, copiou um caderno com textos, poemas e artigos antiescravistas. Entre eles, a autobiografia. Nicolás e Maria Luisa acabaram se casando: na noite de natal de 1864, libertaram todas as pessoas de sua propriedade. [Luis, *Autobiografía*, 21–2.]

³⁴² Nos anos seguintes, Manzano trabalhou de doceiro, cozinheiro e alfaiate. Em 1840, irresistível mencionar, no mesmo ano em que se tornou um autor publicado na Inglaterra, ganhou 250 pesos na loteria e parou de trabalhar por algum tempo. Casou, enviuvou, casou de novo, teve diversos filhos. Seu último casamento, aos trinta e oito e ainda escravizado, com uma parda livre de apenas dezenove, causou oposição da família da noiva, mas durou quase vinte anos, até sua morte, e foi aparentemente feliz. Enfim, em 1844, durante a repressão à (verdadeira ou imaginada) Conspiração de Escalera, passou mais de um ano preso e teve sorte de escapar com vida. Depois de libertado, não publicou mais. Morreu em 1853, aos cinquenta e seis anos de idade, mesmo ano em que também morreram talvez as duas figuras-chave de sua vida: a marquesa de Prado Ameno, que tanto o amou e tanto o torturou, e Domingo del Monte, que o libertou e lhe encomendou a autobiografia que se encerra agora. [Friol, 60– 2.]

Parte II

Apêndices

Iconografia

1 Em Cuba, atrás do poeta-escravo

com Claudia Regina

Em abril de 2014, minha companheira e eu passamos o mês em Cuba, para consultar o manuscrito original da autobiografia de Manzano, disponível na Biblioteca Nacional José Martí, e também para encontrar e fotografar os traços da passagem do poeta-escravo pela ilha.

* * *

A casa onde Juan Francisco Manzano cresceu e viveu, no coração de Havana Velha, nas esquinas das ruas O'Reilly e Brasil (antiga Teniente Rey), hoje é o *Hotel Marques de Prado Ameno*, batizado em homenagem a um de seus proprietários. A casa, que já existia no mínimo em 1711, foi reformada extensivamente em princípios do século XIX pelo Marquês. Mais tarde, já no século XX, foi uma gráfica (onde se imprimia *La Gaceta Oficial*) e até mesmo uma oficina automotiva.



Hotel Marques de Prado Ameno, na esquina de O'Reilly com Brasil, em Havana Velha.

Finalmente, em 2008, depois de mais um longo período de reformas, como parte do *Programa de Rehabilitación Integral del Centro Histórico*, promovido pela *Oficina del Historiador de la Ciudad de la Habana*, a casa foi reinaugurada como um hotel, agora pertencente à empresa Habaguanex.



Pátio interno do Hotel Marques de Prado Ameno, em Havana.

Na casa, onde fomos muito bem recebidos pela equipe da Habaguanex, pouca coisa sobrou da época em que o poeta viveu. Talvez somente o antigo poço de água, em um dos pátios internos. Em exposição, objetos encontrados nas escavações ou doados pelos herdeiros dos marqueses, alguns dos quais remanescentes da época do poeta, como moedas, botões, pratos de cerâmica. Um belo vitral reproduz o brasão dos marqueses de Prado Ameno.

A memória de Manzano está mais presente nos nomes dos diversos aposentos do hotel. A varanda e cibercafé se chama *Flores Pasajeras*, nome de um livro de versos que publicou em 1830, quando ainda escravizado pela família; o pátio, *Santa Ana*, marquesado de sua primeira proprietária; uma suíte, *Ingenio San Miguel*, engenho pertencente à família e citado na autobiografia; outra suíte, *Don Nicolás de Cárdenas*, um de seus melhores proprietários; e o restaurante, *El Molino*, o engenho da família onde o poeta mais sofreu.

A sala de reuniões, ainda não finalizada em 2014, se chamará *Salón Manzano*.



Salón Manzano, do Hotel Marques de Prado Ameno, em Havana.

* * *

Na autobiografia, Manzano menciona constantemente o engenho El Molino, nas cercanias da cidade de Matanzas — na época, a segunda maior e mais rica do país, centro de uma intensa região açucareira.

Existe alguma controvérsia sobre o nome desse engenho. Fontes dos séculos XVIII, XIX e XX fazem inúmeras referências a um engenho de açúcar pertencente aos marqueses de Jústiz de Santa Ana e de Prado Ameno (ambas famílias unidas por casamento), a cerca de quatro ou cinco quilômetros de Matanzas, às margens dos rios San Juan e San Agustín, sob os nomes de Los Molinos ou El Molino.

Pelas coincidências de localização e de proprietários, provavelmente se trata do mesmo engenho. Uma hipótese provável é que o engenho se chamava originalmente El Molino, mudou para Los Molinos quando se construiu um novo moinho e que ambos os nomes continuaram sendo usados por bastante tempo.



Ruínas da antiga casa-grande do Engenho Los Molinos, em Matanzas.

Rafael Fernández Moya, funcionário aposentado da Habaguanex, pesquisador sobre Manzano e autor do material de referência da empresa sobre a história do *Hotel Marques de Prado Ameno*, teve a gentileza de nos receber em sua casa e compartilhar essas e muitas outras informações.

* * *

Em Matanzas, fomos também muito bem recebidos por Ercilio Vento Panosa, o *Historiador de la Ciudad* (cada cidade cubana tem o seu historiador oficial); por Isabel Hernandez Campos, diretora dos 22 museus de Matanzas, e por Justa Bielka Cantillo Gonzalez, diretora de patrimônio cultural de Matanzas.

Além disso, em todas nossas andanças, contamos com a ajuda, com a companhia e com a amizade do historiador Urbano Martínez Carmenate, autor de dezenas de livros — entre eles, uma imprescindível biografia de Domingo Del Monte, o literato cubano que promoveu a coleta que comprou a liberdade do poeta-escravo.

Visitamos o Castillo de San Severino, primeira construção da cidade de Matanzas, de 1693, e citado duas vezes na autobiografia. Hoje, a fortaleza tornou-se um centro cultural e promove a memória das pessoas africanas que aportaram na cidade em direção ao cativoiro nos engenhos de açúcar que financiaram a riqueza da colônia.



Tronco original, remanescente da época de Manzano, no Museo Provincial Palacio de Junco, em Matanzas.

Com enorme gentileza e carinho, as portas do Museo Provincial Palacio de Junco (então, fechado) foram abertas somente para nós, para vermos tanto a lápide da primeira proprietária de Manzano, a Marquesa Jústiz de Santa Ana, famosa por ser a primeira escritora de Cuba, como também um tronco, ou cepo, original e autêntico, utilizado para punir os escravos de Matanzas na mesma época em que viveu o poeta. Ao longo de sua vida no cativoiro, Manzano foi diversas vezes torturado em troncos semelhantes. Talvez nesse.

Por feliz coincidência, Ydoris Perez y Perez, irmã de uma das seguranças do museu, Amparo Lourdes, morava no terreno do engenho Los Molinos. Ambas haviam chegado a viver em uma das casas-grandes, a mais recente, construída em finais do século XIX e demolida em 1972. A casa atual de Ydoris, e outras duas, repousam sobre as fundações dessa casa-grande.

De sua varanda, pode-se ouvir o ruído do encontro dos rios San Juan e San Agustín, em cujas margens o poeta pescava e compunha.

Ao lado, ainda sobreviviam de pé as paredes, os muros e as fundações da antiga casa-grande, construída de pedra e provavelmente remanescente da época de Manzano.



A atual fábrica de gelo, ao centro, funciona sob os dois telhados. De ambos os lados, fundações e paredes remanescentes da antiga casa-grande do Engenho Los Molinos, em Matanzas.

Em Cuba, tudo se reaproveita: na casa-grande onde aquela criança escravizada seguia sua senhora como um cachorrinho hoje funciona uma fábrica de gelo.

Todas as fotos são da fotógrafa Claudia Regina e estão disponíveis livremente para reprodução, sob uma licença Creative Commons, no site: <juanfranciscomanzano.com>.

A criação da voz de Manzano em português

com Pablo Zumarán

Manzano talvez tenha tido alguma alfabetização formal, mas, em larga medida, aprendeu a ler e a escrever por conta própria, de madrugada, contra todas as ordens e correndo risco de vida. Ele cita alguns autores neoclássicos, como Juan Bautista Arriaza, sem deixar claro se os leu ou apenas os ouviu ser declamados, como era comum na época. De qualquer modo, sua prosa demonstra um esforço sincero para escrever na norma culta do espanhol de sua época.

Cometeu muitos desvios, alguns consistentes, outros não:

- Quase não acentuava as palavras: *grité > grite // razón > razon // oía > oia // número > numero;*
- Confundia o B e o V: *envió > enbió // libertad > livertad;*
- Grafava o C, o X e o Z como S: *nacer > naser // explicar > esplicar // exacto > esacto // pieza > piesa;*
- Esquecia o H do início de certas palavras: *avía > abia // historia > istoria // hambre > ambre;*
- Às vezes, esquecia o til em cima do N: *pequeñez > pequenez;*
- Confundia o Y silábico e o LL: *joya > jolla // pellejo > peyejo;*
- Confundia o J e o G: *cogido > cojido // condujeron > condugeron;*
- Criava encontros consonantais irregulares: *empezar > empezsar;*
- Usava X em algumas palavras com SC: *escena > exena;*
- Concebia erroneamente a pronúncia e grafia de palavras menos comuns: *administrador > arministrador // carácter > cararte // incesantemente > insensanitamente //*

observar > ogserbar;

- Quase não usava pontuação e, quando usava, às vezes não fazia sentido: “*este consuelo era llorando conmigo con este motivo ya no se me llebaba al pueblo*” // “*era una de las criadas de distinsion o de estimasion o, de razon*”;
- Às vezes, não fazia concordância verbal: “*ni mis padres se hallaba autorizado*”.

Apesar das inconformidades com a norma culta, sua ortografia era quase totalmente consistente, e sua gramática, coerente e fluente. Além disso, possuía um vasto e expressivo vocabulário.

* * *

Para trazer a pessoa leitora brasileira o mais perto possível da escrita original de Manzano, foi necessário criar um *personagem ortográfico fictício* baseado no personagem ortográfico real.

Como a ortografia do português da época era mais inconsistente que a do espanhol, o *Manzano lusófono fictício* tem mais inconformidades com a norma culta do que o Manzano hispânico verdadeiro.

- O Manzano fictício grafa a maioria das palavras segundo o padrão de uso naquela época: *pareceo* (pareceu) // *oiro* (ouro) // *aquella* // *catholico* // *estaõ* // *deraõ* (deram) // *sahir* (sair);
- Quase não acentua as palavras: *tambem* // *martirio* // *cumplice*;
- Tal como em ‘sahir’, usa a letra H para identificar o acento tônico da vogal que a segue no começo de uma palavra ou no meio de hiatos: *hiamos* (íamos) // *ahinda* (ainda);
- Pronuncia alguns hiatos como ditongos crescentes e outros não: *parodiando* // *dihante*;
- Coloca o til de ditongos na segunda vogal: *maẽ*;
- Mas o plural de palavras com ão não levam til: *sermoens*;
- Usa SS apenas em palavras curtas comuns: *essa* // *assim*;
- Grafa o som de S com apenas um S: *pasado* // *esposto* // *resibo* // *asular* (açular);
- Quando o som de S aparece na última sílaba, usa C ou Ç, inclusive nas

palavras derivadas destas: *seçar* (cessar) // *dice* // *ficace* // *agradecido*;

- Quando o som de S aparece após uma consoante, grafa com S: *calsa*;
- Quase invariavelmente grafa o som de Z como Z: *caza* (casa) // *curiozo*;
- Às vezes, confunde o J e o G, e o X e o CH: *corrijir* // *trage* // *xoça* // *prache*;
- Às vezes, grafa NI como NH: *cranho* (crânio);
- Grafa LH como LI, mas apenas quando a vogal seguinte é tônica: *melior* // *tertulha* (tertúlia);
- Aplica a mesma regra com palavras derivadas: *oliar* (olhar), mas *olha*;
- Usa a pronúncia para se guiar em palavras com I e O: *siguir* // *custurar*;
- Não é consistente na grafia de ênclises: *alsallo* (alçá-lo) // *dividi-lo* // *ter-la* (tê-la);
- Fora isso, o Manzano fictício tem algumas sofisticções. Diferencia o pronome SE da conjunção SE: “*si ella morrece*”;
- Diferencia o artigo e o pronome A da preposição A, grafando esta última sempre *Á*, mesmo quando é contração: “*de nove á dez dias*” // “*á noite*”.

O texto original da autobiografia de Manzano em espanhol, retirado do manuscrito autógrafo disponível na Biblioteca Nacional José Martí, em Havana, pode ser consultado no site abaixo, onde as pessoas interessadas também poderão encontrar mais material relacionado ao poeta-escravo Juan Francisco Manzano, inclusive fotos das 53 páginas do manuscrito autógrafo: <juanfranciscomanzano.com>

Sugestões de leitura para pessoas brasileiras

Durante o processo de formação de nossa identidade cultural, o Brasil se definiu, antes de mais nada, como não hispânico. Infelizmente, esse tipo de deformidade de origem demora a se curar. Até hoje, o Brasil sistematicamente vira suas costas a tudo que venha da América Hispânica.

Por isso, existe pouquíssima bibliografia sobre Cuba em português. Dentre esses, recomendo:

O Engenho, de Moreno Fraginals, em dois volumes, publicado pela Hucitec em 1989, é um clássico da historiografia. O autor consegue ao mesmo tempo ser preciso e acadêmico, e também divertido e gostoso de ler. Um livro indispensável também para quem quer estudar a escravidão do açúcar no Brasil.

O livro *Memórias de um Cimarrón* foi editado pela Marco Zero, em 1986, e apresenta o *testimonio* que o antropólogo Miguel Barnet recolheu de Esteban Montejo em 1963, um ex-escravo de mais de cem anos de idade. A narrativa é fascinante, mas é importante lembrar que Montejo estava relatando fatos acontecidos quase cem anos antes, que Barnet retrabalhou fortemente o relato e, mais ainda, colocou seu próprio nome como autor do livro!

Rafael Bivar Marquese é dos poucos historiadores brasileiros que estuda Cuba. O seu *Feitores do Corpo, Missionários da Mente. Senhores, Letrados e o Controle dos Escravos nas Américas, 1660–1860*, lançado pela Companhia das Letras em 2004, faz um interessante estudo comparativo entre a escravidão em várias colônias.

Por fim, a escravidão foi um fenômeno global e é difícil entendê-la se continuamos fechadas em nossas caixinhas nacionais. Sobre isso, recomendo *Escravidão e Morte Social*, de Orlando Patterson, lançado pela Edusp em 2008.

Bibliografia

EDIÇÕES DA OBRA DE MANZANO:

- Azougarh, Abdeslam (ed.). *Juan Francisco Manzano. Esclavo Poeta en la Isla de Cuba*. Valencia: Episteme, 2000.
- Franco, José Luciano (ed.). *Obras*. Havana: Instituto Cubano do Libro, 1972.
- Lewis Galanes, Adriana (ed.). *Poesías de J. F. Manzano esclavo en la isla de Cuba*. Madrid: Editorial Betania, 1991.
- Lloyd King (ed.). *The Autobiography of a Cuban Slave*. San Augustine, Trinidad: University of the West Indies Press, 1996.
- Luis, William (ed.). *Autobiografía del Esclavo Poeta y Otros Escritos*. Espanha: Iberoamericana, 2007.
- Madden, Richard (ed.). *The Life and Poems of a Cuban Slave. Juan Francisco Manzano, 1797–1854 (sic)*. Archon, 1981. (Edição fac-símile editada por Edward J. Mullen.)
- Schulman, Ivan (ed.). *Autobiografía de un Esclavo*. Detroit: Wayne State University Press, 1996.

SOBRE MANZANO:

- Barreda, Pedro. *The Black Protagonist in the Cuban Novel*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1979.
- Bergeto, Adriana J. “Escritura, vida cotidiana y resignificaciones en La Habana de Juan Francisco Manzano”. *Afro-Hispanic Review*, vol. 24, nº 2, Outono 2005.
- Branche, Jerome. “ ‘Mulato entre negros’ (y blancos): Writing, Race, the Antislavery Question, and Juan Francisco Manzano’s Autobiografía”. *Bulletin of Latin American Research*, vol. 20, nº 1, 2001.
- Burton, Gera C. *Ambivalence And The Postcolonial Subject. The Strategic Alliance Of Juan Francisco Manzano And Richard Robert Madden*. New York: Peter Lang, 2004.
- Calcagno, Francisco. *Poetas de Color*. Havana: Imprenta Mercantil, 1878.
- Campuzano, Luisa. “1841: Dos cubanas en Europa escriben sobre la esclavitud”. *Tebeto*:

Anuario del Archivo Histórico Insular de Fuerteventura, nº 5, 2004.

- _____. “Las muchachas de La Habana no tienen temor de Dios”. *Revista Canadiense de Estudios Hispánicos*, vol. 16, nº 2 (Inverno 1992).
- Cosme, Carmen L. *La narrativa en la Autobiografía de un Esclavo de Juan Francisco Manzano*. Tese de mestrado submetida à Universidade de Massachusetts em Amherst, em 2008.
- Draper, Susana. “Voluntad de Intelectual: Juan Francisco Manzano entre las Redes de un Humanismo sin Derechos”. *Chasqui. Revista de Literatura Latinoamericana*, 31.1, 2002.
- Ellis, Robert Richmond. “Reading through the Veil of Juan Francisco Manzano: From Homoerotic Violence to the Dream of a Homoracial Bond”. *PMLA*, vol. 113, nº 3 (Maio, 1998).
- Fernández Moya, Rafael. “Pensamiento oriental en las obras de Plácido y de Manzano”. *Acontecimientos*. (mimeo)
- Friol, Roberto. *Suite para Juan Francisco Manzano*. Havana: Editorial Arte y Literatura, 1977.
- García Marruz, Fina. *Estudios delmontinos*. Havana: Unión, 2008.
- Jiménez, Luis A. “Nineteenth Century Autobiography in the Afro-Americas: Frederick Douglass and Juan Francisco Manzano”. *Afro-Hispanic Review*, 14:2, outono 1995.
- Labrador-Rodríguez, Sonia. “La Intelectualidad Negra en Cuba en el Siglo XIX: el Caso de Manzano”. *Revista Iberoamericana*, LXII/174, janeiro-março de 1996.
- Leante, César. “Francisco y Juan Francisco”. *Cuadernos Hispanoamericanos*, 641 (Nov 2003).
- _____. “Dos obras antiesclavistas cubanas”. *Cuadernos Americanos*, 207:4, jul-ago 1976.
- Lienhard, Martin. *Disidentes, rebeldes, insurgentes. Resistencia indígena y negra en América Latina. Ensayos de historia testimonial*. Madri: Iberoamerica Editorial, 2008.
- Luis, William. *Literary Bondage: Slavery In Cuban Narrative*. Austin: University Of Texas Press, 1990.
- Miller, Marilyn. “Imitation and Improvisation in Juan Francisco Manzano’s Zafira”. *Colonial Latin American Review*, v. 17, nº 1, junho 2008.
- _____. “Rebeldía Narrativa, Resistencia Poética y Expresión ‘Libre’ en Juan Francisco Manzano”. *Revista Iberoamericana*, v. LXXI, nº 211, abril-junho 2005.
- Moliner, Israel. “Manzano: la denuncia del silencio”. Franco, José Luciano (ed.). *Obras*. Havana: Instituto Cubano do Libro, 1972.
- Molloy, Sylvia. *At Face Value. Autobiographical Writing In Spanish America*. Cambridge:

Cambridge University Press, 1991.

- Prieto Rodríguez, Adlin de Jesús. “La autobiografía como testimonio o el testimonio autobiográfico: un acercamiento a la Autobiografía de un esclavo (1835) de Juan F. Manzano”. *Estudios* (Venezuela), 10–11:20–21, ago-jun 2002–2003.
- Ramos, Julio. “Cuerpo, lengua, subjetividad”. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, ano 19, nº 38, 1993.
- _____. “La Ley Es Otra: Literatura y Constitución de la Persona Jurídica”. *Revista de Critica Literaria Latinoamericana*, 22.40, 1994.
- _____. *Ensayos próximos*. Havana: Casa de las Américas, 2012.
- Saumell, Rafael E. “Juan Francisco Manzano y Domingo del Monte: El Cerco Político de la Plantación”. *AfroCuban Anthology Journal*. Inverno, 2004.
- Schulman, Ivan A. “Invención y Disfraz: El Discurso Cubano de la Autobiografía de Juan Francisco Manzano”. Zavala, Iris M. *Discursos Sobre la ‘Invención’ de América*. Atlanta: Rodopi, 1992.
- Stoneham, Michael. “Juan Francisco Manzano and the Best of All Possible Worlds”. *Journal of Caribbean Literatures*, vol. 6, nº 1, Verão 2009.
- Vera-León, Antonio. “Juan Francisco Manzano: el Estilo Bárbaro de la Nación”. *Hispanérica* 20, dezembro 1991.
- Vitier, Cintio. “Dos Poetas Cubanos: Plácido y Manzano”. *Bohemia*. Havana, 14 de dezembro de 1973.
- Williams, Lorna. *The Representation of Slavery in Cuban Fiction*. Columbia: University of Missouri Press, 1994.
- Willis, Susan. “Crushed Geraniums: Juan Francisco Manzano and the Language of Slavery”. Charles Davis e Henry Louis Gates (ed.). *The Slave’s Narrative*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

BIBLIOGRAFIA ADICIONAL:

- Alencastro, Luiz Felipe de, “Vida Privada e Ordem Privada no Império”. *História da Vida Privada no Brasil: Império, a Corte e a Modernidade Nacional*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- Álvarez Álvarez, Luis e Olga García Yero. *El pensamiento cultural en el siglo XIX cubano*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2013.

- Barcia, Manuel. *The Great African Slave Revolt of 1825: Cuba and the Fight for Freedom in Matanzas*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2012.
- Barcia, María del Carmen. *Los ilustres apellidos: Negros en la Habana colonial*. Havana: Ediciones Boloña, 2009.
- Barnet, Miguel. *Memórias de um Cimarrón — Testemunho*. São Paulo: Marco Zero, 1986.
- _____. *Biografía de un Cimarrón*. Havana: Letras Cubanas, 2012.
- Bueno, Salvador. *El Negro en la Novela Hispanoamericana*. Havana: Letras Cubanas, 1986.
- Childs, Matt D. *The 1812 Aponte Rebellion and the Struggle against Atlantic Slavery*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006.
- Del Monte, Domingo. *Centón Epistolário*. Havana: Imagen Contemporánea, 2002, 4 vols.
- Deschamps Chapeaux, Pedro. *El negro en la economía habanera del siglo XIX*. Havana: UNEAC, 1971.
- Díaz Benítez, Ovídio Cosme. *Verdades Ocultas de la Esclavitud. El Clamor de los Cautivos*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2012.
- Díaz Martínez, Yolanda. *Visión de la Otra Habana. Vigilancia, Delito y Control Social en los Inicios del Siglo XIX*. Santiago: Editorial Oriente, 2011.
- Duharte Jimenez, Rafael. *El Negro en la Sociedad Colonial*. Santiago de Cuba, Editorial Oriente, 1988.
- Fernández Retamar, Roberto. *Caliban e Outros Ensaíos*. São Paulo: Busca Vida, 1988.
- Fornet, Ambrosio. *El Libro en Cuba*. Habana: Letras Cubanas, 1994.
- _____. “Literatura y Mercado en Cuba Colonial. (1830–60)”. *Casa de Las Americas* 16, nº 84, mai-jun 1974.
- Fuente, Alejandro de la. “Slaves and the Creation of Legal Rights in Cuba: Coartación and Papel”. *Hispanic American Historical Review*, 87:4, 2007.
- García, Gloria. *La esclavitud desde la esclavitud*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2003.
- _____. “Vertebrando la resistencia: la lucha de los negros contra el sistema esclavista. 1790–1845”. *El rumor de Haití en Cuba: temor, raza e rebeldía, 1789–1844*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2004.
- García del Pino, César. *Mil criollos del siglo XIX. Breve Dicionário Biográfico*. Havana: Centro de Estudios Martianos, 2013.

- Jameson, Robert Francis. *Letters from Havana during the Year 1820*. Londres, 1821.
- Martínez Carmentate, Urbano. *Atenas de Cuba. Del Mito a la Verdad*. Havana: Ediciones Unión, 2010.
- _____. *Domingo Del Monte y Su Tiempo*. Matanzas: Ediciones Matanzas, 2009.
- Marquese, Rafael Bivar. *Feitores do Corpo, Missionários da Mente. Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660–1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- Merlin, Condessa de. *Los Esclavos en las Colonias Españolas*. Madrid: 1841.
- Moreno Fragnals, Manuel. “Aportes culturales y deculturación” *Raza y Racismo. Antología de Caminos*. Havana: Caminos, 2009.
- _____. *Cuba Espanha Cuba. Uma História Comum*. São Carlos: Edusc, 2005.
- _____. *O Engenho. Complexo Econômico Social Cubano do Açúcar*. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1989, 3 vols.
- Ortiz, Fernando. *Los Negros Esclavos. Estudio Sociológico y de Derecho Público*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986.
- Paquette, Robert L. *Sugar is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the Conflict Between Empires Over Slavery in Cuba*. Connecticut: Wesleyan University Press, 1988.
- Patterson, Orlando. *Escravidão e Morte Social*. São Paulo: Edusp, 2008.
- Perera Díaz, Aisnara e María de los Ángeles Meriño Fuentes. *Familias, Agregados y Esclavos. Los Padrones de Vecinos de Santiago de Cuba. (1778–1861)*. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2011.
- _____. *Para librarse de lazos, antes buena familia que buenos brazos. Apuntes sobre la manumisión en Cuba*. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2009.
- _____. *Matrimonio y Familia en el Ingenio: Una Utopía Posible. La Habana (1825–1886)*. Havana: Editorial Unicornio, 2007.
- Perret Ballester, Alberto. *El Azúcar en Matanzas y sus Dueños en La Habana — Apuntes e iconografía*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2007.
- Pichardo, Esteban. *Diccionario provincial casi razonado de voces y frases cubanas*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985.
- Roura Álvarez, Lisette e Silvia T. Algelbello Izquierdo. *Vivienda esclava rural en Cuba. Bohíos y Barracones*. Santo Antonio de los Baños: Unicornio, 2012.

- Scarry, Elaine. *The body in pain. The making and unmaking of the world*. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- Scisínio, Alaor. *Dicionário da Escravidão*. Rio de Janeiro: Leo Christiano, 1997.
- Staidum Jr., Frederick Charles. “*Too filthy to be repeated*”: *reading sexualized violence against enslaved males in US slave societies*. Tese de mestrado em Estudos Africanos defendida em Cornell University, 2007.
- Torres-Cuevas, Eduardo. *História de Cuba*, vol. I, *Formación y Liberación de la Nación*. Havana: Editorial Pueblo e Educación, 2010.
- Torres-Cuevas, Eduardo e Eusebio Reyes. *Esclavitud y Sociedad. Notas y Documentos para la Historia de la Esclavitud Negra en Cuba*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986.
- Ureña, Max Henriquez. *Panorama de la Litteratura Cubana*. Havana: Edición Revolucionária, 1967.
- Zurbano, Roberto. “El triángulo invisible del siglo XX cubano: raza, literatura y nación”. *Temas*, nº 46: 111–123, abril–junho de 2006.

Réquiem para Manzano

por Urbano Martínez Carmenate

O menino que aos dez anos decorava os sermões do frei Luis de Granada; e que aos doze compunha décimas e as guardava na memória, é o mesmo que pouco depois foi selvagemmente castigado por arrancar uma folha de gerânio. Sua alma não muda: muda sua ama. A vida de Juan Francisco Manzano encarna a tragédia palpável da sociedade cubana no século XIX. Ele foi discreto quando a levou ao papel e a chamou simplesmente de “escrito”. Cem anos mais tarde, os estudiosos a consideraram o melhor romance antiescravista do período colonial na ilha. Mas há uma grande diferença entre seu protagonista e os dos outros. Eles bebiam champola¹ ou chocolate quente enquanto tentavam literaturizar o poço cego de sua existência; Manzano teve um destino ainda mais negro que sua pele mestiça e nunca chegou a desfrutar com calma o aroma do café cubano.

Um escravo que escrevia versos deve ter sido visto como algo excepcional no século em que Darwin foi execrado por assegurar que o homem descendia dos macacos antropoides. As chibatadas castraram o “bico de ouro” do menino que, segundo os brancos, cometia o pecado de conversar com os móveis, com as paredes, com os quadros. Foi surrado e até amordaçado para que se calasse. Apesar disso, sua autobiografia não destila rancor, apenas os pesares de uma dor sem remédio (continuará doendo depois). Uma estranha dicotomia cingiu esse espírito singular: adquirida a liberdade, o homem podia ser livre, mas o poeta jamais seria. Trazia luz demais dentro de si e, no entanto, ela não lhe bastou para conseguir alcançar o total envolvimento poético das coisas: os versos se amoleceram como um violino adormecido; talvez porque o susto permanente da pele estreitava o que saía do coração.

Não é de se surpreender que seus motivos poéticos principais fossem a lua, o relógio, os vagalumes. Tudo tinha uma certa relação com a noite, com sua noite. “As horas que não passam”, disse em um poema. “Apressaram os floridos / anos que já perdidos / em vão busco com tua luz presente”, escreveu, dirigindo-se ao astro notívago. Até hoje nos assombra o clarão em

sua pupila, mas jamais saberemos se contemplava o céu prostrado sob açoites ou preso naquela carvoeira suja onde lhe visitavam as ratazanas. De qualquer modo, seu olhar triste se erguia. Por isso, suas estrofes sempre nos chegam como um breve resplendor ansioso: “a luz em que não cabe / uma cor acomodada”, observa, ao querer pintar um vagalume.

Um Manzano que se solta das correntes e se dedica a fazer doces pode parecer algo bonito. Da tremenda angústia do tronco, da trituração dos grilhões, passou aos primores do mel e do açúcar. O gerânio soluçante se transforma agora em caramelo, em pão-de-ló, um adulto que se empenha em construir sabores para dissolver toda a amargura anterior na alegre delícia do paladar alheio. Devia ir de casa em casa, rua por rua, com um sorriso angustiado nos lábios grossos e trêmulos; embora ser doceiro pareça um ofício de gente agradecida que se propõe a ser complacente e presentear assombros.

Talvez, depois de tudo, a maior grandeza de Manzano esteja não em sua sensível condição de escritor, mas principalmente em sua aventura humana. Quando a conspiração de 1844 voltou a lhe impor o oneroso martírio do cárcere, ele tornou a sentir a dor da pele e compreendeu que para ele nunca existira a liberdade genuína. Ao ser interrogado, defendeu os brancos que haviam se empenhado em livrá-lo da escravatura. Não foi um gesto de adulação, mas de gratidão por aqueles que lhe salvaram do jugo anterior; do outro, ele sabia, teria que salvar-se sozinho. Nada disse a respeito, pois compreendeu que dessa vez a palavra lhe seria inútil. Sua única e mais efetiva denúncia seria desaparecer sem deixar rastro, semear o mistério com seus últimos passos. Na penumbra de sua vida derradeira, palpitava a condenação de um mundo funesto que lhe negou a luz. Essa sua ida ao nada foi um grito, o discurso cabal, o poema definitivo de sua história.

Matanzas, 19 de abril de 2015

Tradução Alex Castro & Pablo Zumarán

Urbano Martínez Carmenate é historiador e pesquisador do Museo Provincial Palacio de Junco, de Matanzas. Escreveu diversas biografias de vultos do século XIX, entre elas *Domingo del Monte y su tiempo* (1997), que ganhou diversos prêmios da crítica e é o livro definitivo sobre o controverso benfeitor de Manzano.

10.1 Agradecimentos de Alex Castro

A Ricardo Salles, que conheci na PUC-RJ e hoje está na UNIRIO, amigo generoso e grande conhecedor da escravidão brasileira no século XIX, obrigado pelo prefácio; a Manolo Florentino, orientador na UFRJ e uma das pessoas que mais me ensinou sobre escravidão; à Katrina, ferosa, mortífera e úmida, que me fez fugir de Nova Orleans, onde estava estudando, para Berkeley; à Universidade da Califórnia em Berkeley, que acolheu a mim e a centenas de estudantes refugiados do furacão; a Julio Ramos, do Departamento de Espanhol e Português em Berkeley, um dos professores mais brilhantes e carismáticos que já tive, que me apresentou a Manzano; ao Stone Center of Latin American Studies e ao Departamento de Espanhol e Português, ambos da Universidade de Tulane, que financiaram uma viagem de estudos à Cuba em 2007 e, não só isso, que me acolheram por seis anos em Nova Orleans; a toda equipe da Sala Cubana da Biblioteca Nacional José Martí, em Havana, onde me enfurnei em 2007 e 2014 para fazer pesquisas, especialmente à diretora, Ana Margarita Oliva Núñez, e a José Antonio Doll Pérez, supervisor da seção de manuscritos; a Marilyn Miller, que me despertou o amor por Cuba e por Manzano, e que orientou meus primeiros passos nesse novo mundo; ao amigo e colega Urbano Martinez Carmenate, escritor e historiador matancero apaixonado por Matanzas e por Manzano, e um dos maiores conhecedores da história e da literatura de Cuba no século XIX, que nos recebeu com muito carinho em Matanzas, que batalhou até conseguir que essa minha edição da autobiografia de Manzano fosse publicada na ilha e que ainda escreveu um belo posfácio para ela; a Lincoln Capote Peón e Dianelys Gómez Torres, da Ediciones Matanzas, que cuidaram da edição com carinho e perfeccionismo; a todas as pessoas cubanas que generosamente nos receberam, nos acolheram e nos guiaram pela história do país, em especial Rafael Fernández Moya, da Habaguanex, Ercilio Vento Panosa, historiador da cidade de Matanzas, Isabel Hernandez Campos, diretora dos museus de Matanzas, Justa Bielka Cantillo Gonzalez, diretora de patrimônio cultural de Matanzas, Amparo Lourdes Perez y Perez, do Museo Provincial Palacio de Junco, em Matanzas, e sua irmã Ydoris Perez y Perez; a Pablo Zumarán, que me ajudou a criar a voz do Manzano em português, corrigiu muitos dos trechos em espanhol e traduziu “Meus trinta anos”, a poesia que serve de epígrafe ao livro; a Luana Chnaidermann, por tanta, tanta coisa, e, entre elas, ter sido a primeira pessoa a ler Manzano ao meu lado, e a chorar junto comigo, e, também, por ter feito a ponte com a editora Hedra; a Jorge Sallum e Iuri Pereira, da Hedra, por terem encampado esse projeto louco de publicar um livro em português fora da norma culta, e a Luan Maitan, por ter se dedicado mais duro do que ninguém à edição deste livro; a Sônia Ferreira e Flávia Tótolí, amigas, irmãs, possibilitadoras, a quem devo tanta, tanta coisa; a Claudia Regina, que tira as fotos que ilustram meus livros, tem infinita paciência com mil paradas para comprar livros e consultar papéis velhos e, mais importante, caminha ao meu lado pela vida.

Alex Castro, 41, é escritor. Publicou, entre outros, *Mulher de um homem só* (2009), *Onde perdemos tudo* (2011) e *Outrofobia: textos militantes* (2015). Publicará ainda esse ano, pela Ediciones Matanzas, uma versão cubana da sua edição de *A autobiografia do poeta-escravo*. Mantém o site <alexcastro.com.br>.

1

Bebida caribenha feita de graviola, leite e açúcar.

Advertem-se os curiosos que...